

2023

**Gonçalo Rosado
e Silva Gouveia**

**Lisboa em Mudança: A Gentrificação e a Turistificação da
Capital Portuguesa – ensaio visual.**

2023

**Gonçalo Rosado
e Silva Gouveia**

**Lisboa em Mudança: A Gentrificação e a Turistificação da
Capital Portuguesa – ensaio visual**

Projeto apresentado ao IADE - Faculdade de Design,
Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia,
para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção
do grau de Mestre em Design e Cultura Visual realizada
sob a orientação científica do Doutor Octávio Alcântara,
Professor Auxiliar do IADE-EU / Faculdade de Design,
Tecnologia e Comunicação.

Dedico este trabalho aos meus pais, aos meus avós, e à minha namorada por me ajudarem a seguir o melhor caminho.

agradecimentos

Um especial agradecimento ao meu orientador Professor Doutor Octávio Alcântara pela paciência que teve para comigo ao longo deste percurso. Aos meus pais por me terem apoiado a continuar estudos. À Ana Rita, por me ter apoiado ao longo deste processo. Aos meus avós por me inspirarem muito a continuar os meus estudos. E por fim aos meus colegas do mestrado.

palavras-chave

Photo-book, gentrificação, turistificação, Lisboa, turismo, cultura renovação urbana

resumo

O presente projeto de mestrado resulta num ensaio visual apresentado na forma de um *photobook* intitulado como "Lisboa em Mudança: Gentrificação e Turistificação na Capital Portuguesa", que visa explorar e documentar as mudanças sociais, culturais e urbanísticas na cidade de Lisboa, causadas pela gentrificação e turistificação. O foco central é examinar como esses fenómenos têm impactado a vida dos habitantes locais e a cultura portuguesa, com especial ênfase na transformação visual que resulta dessas mudanças.

Ao longo do ensaio visual apresentar-se-á uma série de imagens fotográficas em que a narrativa retrata diferentes aspetos da gentrificação e turistificação em Lisboa. Estas imagens fotográficas evidenciam o presente da cidade, por mostrar a paisagem urbana histórica e a cultura lisboeta em tempo de mudança.

A investigação aborda temas como a perda de identidade cultural, a pressão imobiliária, a deslocalização de moradores locais e a transformação de espaços públicos e privados em áreas turísticas e comerciais.

O ensaio visual apresentado na forma de *photobook* serve como uma ferramenta importante para futuras investigações sobre as consequências negativas da gentrificação e da turistificação. Uma ajuda para a consciencialização da população sobre as consequências negativas da gentrificação e turistificação e a contribuição para estimular o debate sobre as mesmas.

Keywords

Photo-book, gentrificação, turistificação, Lisboa, turismo, cultura renovação urbana

abstract

This master's project results in a visual essay presented in the form of a photobook entitled "Lisbon in Change: Gentrification and Touristification in the Portuguese Capital", which aims to explore and document the social, cultural and urban changes in the city of Lisbon caused by gentrification and touristification. The central focus is to examine how these phenomena have impacted the lives of local inhabitants and Portuguese culture, with special emphasis on the visual transformation that results from these changes.

Throughout the visual essay, a series of photographic images will be presented in which the narrative portrays different aspects of gentrification and touristification in Lisbon. These photographic images highlight the city's present by showing Lisbon's historic urban landscape and culture in a time of change.

The research addresses issues such as the loss of cultural identity, property pressure, the relocation of local residents and the transformation of public and private spaces into tourist and commercial areas.

The visual essay presented in the form of a photobook serves as an important tool for future research into the negative consequences of gentrification and touristification. It helps to raise public awareness of the negative consequences of gentrification and touristification and to stimulate debate about them.

Índice

resumo	i
abstract	iii
Lista de figuras	vii
Lista de tabelas	xi
Lista de abreviaturas	xii
Introdução.	1
Tema.....	2
Problema.....	3
Objetivos.....	4
Capítulo 1 - Revisão de literatura e metodologia.....	1
1.1 - Revisão de literatura.....	1
1.2 - Metodologia.....	4
Capítulo 2 - Turismo, da busca do conhecimento ao lazer.	9
2.1 – A busca do conhecimento pelo turismo.....	9
2.2 - Evolução do conceito de turismo.	12
Capítulo 3 - Gentrificação e a turistificação.	19
3.1 – O primeiro contacto dos fenómenos.	19
3.2 - Gentrificação – contexto histórico.....	31
3.3 - Turistificação – contexto histórico.	38
3.4 - Interligação entre a gentrificação e a turistificação.	45
3.4.1 - Exemplo 1 - Cidade de Londres.....	46
3.4.2 - Exemplo 2 - Cidade de Barcelona.....	50
3.4.3 – Exemplo - Cidade de Lisboa.	58
3.5 - Entrevistas e Inquérito.....	66
3.5.1 - Entrevistas.....	67
3.5.2 - Inquérito.....	84
Capítulo 4 – A fotografia como ferramenta documental da transformação urbana.	88
4.1 - O ato de tirar fotografias.	88
4.2 - A relevância da documentação e da inspiração visual.	105
4.3 - A compreensão da fotografia sobre as transformações urbanas.....	107
4.4 - A coloração da fotografia.....	110
4.5 - Fotógrafos que trabalharam a cidade.....	119

4.5.1 - Henri Cartier-Bresson. (1908-2004)	119
4.5.2 - Ara Güler. (1928-2018).....	123
4.5.3 - Eduardo Gageiro. (1935-).....	127
4.5.4 - Daidô Moriyama. (1938-).....	131
4.5.5 - Camilo Vergara. (1944-).....	134
4.5.6 - Martin Parr. (1952-).....	139
4.5.7 - Wolfgang Tillmans. (1968-)	143
Capítulo 5 - Projeto Final.	147
5.1 - Ensaio Visual formato <i>photobook</i>	147
5.2 - Processo de criação.	147
5.3 - Hierarquia Visual.	147
Conclusão.	151
Bibliografia.	156
Apêndices.....	162
Apêndice 1 – Entrevistas.	162
A entrevista da Dona Irene.	162
A entrevista da Dona Angelina.....	164
A entrevista da Dona Marília.....	166
A entrevista da Victória.	169
A entrevista do Luís.	171
A entrevista da Dona Margarida.	173
A entrevista da Dona Joana.	177
A entrevista do Hares.....	181
Apêndice 2 – Inquérito.	184
Lista de Figuras.....	184
Em que bairro mora?.....	185
Acredita que a gentrificação é um problema em Lisboa?	185
Como descreveria as mudanças que ocorreram no seu bairro devido à gentrificação?.....	186
Acredita que a turistificação em Lisboa tem mais impactos negativos ou positivos?	187
Como o turismo influenciou a vida quotidiana no seu bairro?	189
Acha que a gentrificação e a turistificação afetaram a cultura e o património da cidade de Lisboa?.....	191
Pode me dar exemplos dessas mudanças?.....	191

Já presenciou alguma situação em que a turistificação em Lisboa resultou na exclusão dos grupos sociais?	195
Se sim descreva-me a situação.....	195
Anexos	197
Anexo 1 – Photobook.	197

Lista de figuras

Figura 1- Gonçalo Gouveia, 2023, Galos de Barcelos de Porcelana, Alfama.....	15
Figura 2- Gonçalo Gouveia, 2023, Alfama Souvenires, Alfama.....	15
Figura 3- Gonçalo Gouveia, 2023, Vendedores de Rua, Rossio.....	16
Figura 4- Gonçalo Gouveia, 2023, A turista francesa no elevador, Elevador da Lavra.....	18
Figura 5- Camilo Vergara, 1997, View northwest along West 115th Street From Fifth Avenue, Harlem, Livro (acedido 02/02/23, Harlem: The unmaking of a Ghetto, p. 22).....	26
Figura 6- Camilo Vergara, 1997, View northwest along West 115th Street From Fifth Avenue, Harlem, Livro (acedido 02/02/23, Harlem: The unmaking of a Ghetto, p. 22).....	27
Figura 7- Gonçalo Gouveia, 2023, Turistas e Segways, Rua Marquês Ponte de Lima.....	29
Figura 8- Gonçalo Gouveia, 2023, Aviso para estrangeiros, Escadinhas na costa do castelo.....	30
Figura 9- Gonçalo Gouveia, 2023, Boa Viagem, Miradouro da Nossa Senhora do Monte	33
Figura 10- Gonçalo Gouveia, 2023, Luta contra o espaço, Rua dos Lagares	35
Figura 11- Gonçalo Gouveia, 2023, Prédio à venda, Largo das Olarias	37
Figura 12- Documentários à Esquerda, 2016, Terramotourism, Fonte: Youtube (acedido em 23/01/23 https://www.youtube.com/watch?v=i5xAh-V9DpQ&t=451s).....	40
Figura 13- Documentários à Esquerda, 2016, Terramotourism, Fonte: Youtube (acedido em 23/01/23 https://www.youtube.com/watch?v=i5xAh-V9DpQ&t=451s).....	40
Figura 14- Gonçalo Gouveia, 2023, Uma experiência turística perfeita, Rua do Comércio.....	41
Figura 15- Gonçalo Gouveia, 2023, Largo dos Turistas, Miradouro da Nossa Senhora do Monte.....	42
Figura 16- Gonçalo Gouveia, 2023, Beco dos Kebabs, Beco dos Cavaleiros	44
Figura 17- José Sarmiento Matos, 2033, Documenting East London, Fonte: Website (acedido em 15/02/23 https://www.josesmatos.com).....	48
Figura 18- José Sarmiento Matos, 2033, Documenting East London, Fonte: Website (acedido em 15/02/23 https://www.josesmatos.com).....	49
Figura 19- Eduardo Chibás, 2014, Bye Bye Barcelona, Fonte: Youtube (acedido em 3/02/23 https://www.youtube.com/watch?v=kdXcFChRpmI&t=431s)	51

Figura 20- Eduardo Chibás, 2014, Bye Bye Barcelona, Fonte: Youtube (acedido em 4/02/23 https://www.youtube.com/watch?v=kdXcFChRpmI&t=431s)	51
Figura 21- Marc Javierre Kohan, 2012-2013, Tourist Walk, Webiste (acedido 4/02/23 https://marcjavierre.com).....	53
Figura 22- Marc Javierre Kohan, 2012-2013, Tourist Walk, Webiste (acedido 4/02/23 https://marcjavierre.com).....	55
Figura 23- Marc Javierre Kohan, 2012-2013, Tourist Walk, Webiste (acedido 4/02/23 https://marcjavierre.com).....	57
Figura 24- Gonçalo Gouveia, 2023, Descoberta por Lisboa, Metro da Alameda	60
Figura 25- Gonçalo Gouveia, 2023, Descoberta por Lisboa, Metro da Alameda	61
Figura 26- Gonçalo Gouveia, 2023, Passeio de Turistas, Rua Câmara Pestana	62
Figura 27- Gonçalo Gouveia, 2023, Raiva pelo AirBnb, Rua Câmara Pestana	64
Figura 28- Gonçalo Gouveia, 2023, Sardinha de Decoração, Rossio.....	65
Figura 29- Gonçalo Gouveia, 2023, Dona Irene, Rua da Calçada do Monte	69
Figura 30- Gonçalo Gouveia, 2023, Porta de entrada da Dona Irene Rua da Calçada do Monte.....	70
Figura 31- Gonçalo Gouveia, 2023, Vandalização dos Alojamentos, Beco das Flores.....	71
Figura 32- Gonçalo Gouveia, 2023, Dona Angelina, Beco das Flores.....	71
Figura 33- Gonçalo Gouveia, 2023, As plantas têm dono, Beco das Flores.....	72
Figura 34- Gonçalo Gouveia, 2023, A cair aos bocados, Beco das Flores.	73
Figura 35- Gonçalo Gouveia, 2023 Dona Marília Filha da Tia Beatriz, Largo de São Miguel.....	74
Figura 36- Gonçalo Gouveia, 202, Preparação para as festas, Largo de São Miguel.....	74
Figura 37- Gonçalo Gouveia, 2023 Dona Marília a Filha da Tia Beatriz, Largo de São Miguel.....	75
Figura 38- Gonçalo Gouveia, 2023, Um pouco de descanso, Largo do Intendente.....	76
Figura 39- Gonçalo Gouveia, 2023, Victória no Intendente, Largo do Intendente.....	76
Figura 40- Gonçalo Gouveia, 2023, As infinitas obras, Largo do Intendente.....	77
Figura 41- Gonçalo Gouveia, 2023, A arte de encadernar, Rua Marcos Marreiros.....	77

Figura 42- Gonçalo Gouveia, 2023, A sala do forno, Rua Marcos Marreiros.....	78
Figura 43- Gonçalo Gouveia, 2023, Dona Margarida Miradouro de Santa Catarina	79
Figura 44- Gonçalo Gouveia, 2023, Tentativa de roubo Miradouro de Santa Catarina	80
Figura 45- Gonçalo Gouveia, 2023, Esplanada Turística Miradouro de Santa Catarina	80
Figura 46- Gonçalo Gouveia, 2023, Escadinhas da Bica Calçada da Bica Grande.....	81
Figura 47- Gonçalo Gouveia, 2023, Hares Rua Marquês Ponte de Lima.....	82
Figura 48- Gonçalo Gouveia, 2023, Lixo Acumulado, Escadinhas da Saúde.....	82
Figura 49- Gonçalo Gouveia, 2023, Ronaldo na parede, Rua Marquês Ponte de Lima.....	83
Figura 50- Gonçalo Gouveia, 2023, Casa de Hares, Rua Marquês Ponte de Lima.....	83
Figura 51- Fernando Martinex Pozal, 1940, Escadas em Alfama Miradouro de Santo Estevão, Website (acedido em 26/02/2323 https://arquivomunicipal.lisboa.pt/arquivo-fotografico	92
Figura 52 - Gonçalo Gouveia, 2023, Escadas em Alfama, Miradouro de Santo Estevão	93
Figura 53- Machado & Sousa, 1898-1908, Rua Fernandes da Fonseca Website (acedido em 26/02/2323 https://arquivomunicipal.lisboa.pt/arquivo-fotografico)	95
Figura 54- Gonçalo Gouveia, 2023, Rua Fernandes da Fonseca.....	96
Figura 55- Joshua Benoliel, 2023, Ambiente em Alfama, Website (acedido em 26/02/2323 https://arquivomunicipal.lisboa.pt/arquivo-fotografico).....	97
Figura 56- Gonçalo Gouveia, 2023, Ambiente em Alfama	98
Figura 57- Eduardo Portugal, 1952, Largo do Socorro, Rua de São Lázaro, Website (acedido em 26/02/2323 https://arquivomunicipal.lisboa.pt/arquivo-fotografico)	99
Figura 58- Gonçalo Gouveia, 2023, Largo do Socorro, Rua de São Lázaro.....	100
Figura 59- Machado & Sousa, 1898-1908, Travessa da Nazaré, Palácio de Távora Website (acedido em 26/02/2323 https://arquivomunicipal.lisboa.pt/arquivo-fotografico)	101
Figura 60- Gonçalo Gouveia, 2023, Travessia da Nazaré, Palácio de Távora.....	102
Figura 61- Augusto Silva, 1930-1939, Rua de São João da Praça Website (acedido em 26/02/2323 https://arquivomunicipal.lisboa.pt/arquivo-fotografico)	104
Figura 62- Gonçalo Gouveia, 2023, Rua de São João da Praça.....	105

Figura 63- Gonçalo Gouveia, 2022, Bares  noite, Rua cor-de-rosa, Lisboa.....	115
Figura 64- Gonçalo Gouveia, 2022, Afetos, Rua da Boavista, Lisboa.....	117
Figura 65- Gonçalo Gouveia, 2022, Bolas de Sabão, Rua da Boavista, Lisboa.....	118
Figura 66- Henri Cartier-Bresson, 1947, America in Passing Men laying on grass. Boston, Massachusetts. Website (acedido em 19/03/23 https://www.magnumphotos.com/).....	120
Figura 67- Henri Cartier-Bresson, 1947, The World of Henri Cartier- Bresson Group of three people on street Alicante, Spain. Website (acedido em 19/03/23 https://www.magnumphotos.com/).....	121
Figura 68- Henri Cartier-Bresson, 1952, Les Européens- “I am looking for any kind of work” Germany, Harmburg. Website (acedido em 19/03/23 https://www.magnumphotos.com/).....	122
Figura 69- Ara Guller, 1950, Kumkapi Fishermen Returning to port in the first light of dawn, Instambul. Website (acedido em 19/03/23 https://www.magnumphotos.com/).....	124
Figura 70- Ara Guller, 1955, Saying good-bye on the Galata quay, Instambul. Website (acedido em 19/03/23 https://www.magnumphotos.com/).....	126
Figura 71- Ara Guller, 1954, The man panting the anchor of a boat. Karakoy, Turquia Website (acedido em 19/03/23 https://www.magnumphotos.com/).....	126
Figura 72- Eduardo Gageiro, 1963, Alfama, Fonte: Lisboa no Cais da Memória, Livro (acedido em 21/03/23, Lisboa no Cais da Memória).....	128
Figura 73- Eduardo Gageiro, 1966, Feira da Ladra Campo de Santa Clara, (acedido em 21/03/23, Lisboa no Cais da Memória).....	129
Figura 74- Eduardo Gageiro, 1963 Baixa Chiado, (acedido em 21/03/23, Lisboa no Cais da Memória).....	130
Figura 75- Daid Moriyama, 2006 Photograph from Issue, Japão, Website (acedido em 21/03/23 https://www.mrporter.com/).....	132
Figura 76- Daid Moriyama, 2005, Record No. 42 Japão, Website (acedido em 21/03/23 https://www.mrporter.com/).....	133
Figura 77- Record No. 29, Daid Moriyama Japão, 2015 Website (acedido em 21/03/23 https://www.mrporter.com/).....	134
Figura 78- Camilo Vergara, 1970 Girls and Barbies, East Harlem, Wesbite (acedido em 23/03/23. Arquivo. https://archive.org/details/harlemunmakingof0000verg/page/n9/mode/2up?view=theater&q=ofte n).....	136

Figura 79- Camilo Vergara, 1970, Music students in fifth avenue at 11th Street, east HARLEM Website (acedido em 23/03/23. Archive. <a href="https://archive.org/details/harlemunmakingof0000verg/page/n9/mode/2up?view=theater&q=ofte
n.....">https://archive.org/details/harlemunmakingof0000verg/page/n9/mode/2up?view=theater&q=ofte n.....	137
Figura 80- Figura 90- Camilo Vergara, 2007,288 Lenox Avenue, Harlem, 2007 Website (acedido em 23/03/23. Archive. <a href="https://archive.org/details/harlemunmakingof0000verg/page/n9/mode/2up?view=theater&q=ofte
n.....">https://archive.org/details/harlemunmakingof0000verg/page/n9/mode/2up?view=theater&q=ofte n.....	138
Figura 81- Figura 90- Camilo Vergara, 2013 288 Lenox Avenue, Harlem, 2007, Website (acedido em 23/03/23. Archive. <a href="https://archive.org/details/harlemunmakingof0000verg/page/n9/mode/2up?view=theater&q=ofte
n.....">https://archive.org/details/harlemunmakingof0000verg/page/n9/mode/2up?view=theater&q=ofte n.....	138
Figura 82- Martim Parr, 1985, <i>New Brighton, Merseyside</i> , Website (acedido em 24/03/23, https://www.moma.org/collection/works/187218?artist_id=4506&page=1&sov_referrer=artis)	140
Figura 83- Martin Parr, 1983-85, - “England. New Brighton” THE LAST RESORT, Website (acedido em 24/03/23, https://www.martinparr.com/).....	141
Figura 84- Martin Parr, 1990,The leaning Tower of Pisa, Website (acedido em 24/03/23 https://www.martinparr.com/).....	142
Figura 85- Wolfgang Tillmans, 1993, Corinne on Gloucester Place Central London, Website (acedido em 25/03/23, https://americansuburbx.com/).....	145
Figura 86- Wolfgang Tillmans, 1995, Carl Craig, 14th Street, América. Website (acedido em 25/03/23, https://americansuburbx.com/).....	146
Figura 87- Capa e Contra-Capa.....	149
Figura 88- Paginação nº 1 e 2.....	149
Figura 89- Paginação nº 23 e 24.....	150
Figura 90- Paginação nº 53 e 54.....	150

Lista de tabelas

Tabela 1- Evolução do número de turistas Fonte: UNWTO.....	12
--	----

Lista de abreviaturas

BIE- Bureau International

IUOTO– International Union of Official Travel Organizations

MOMA– The Museum of Modern Art

OMT– Organização Mundial do Turismo

ONU– Organização das Nações Unidas

OED- Oxford English Dictionary

UEFA- The Union of European Football Associations

Introdução.

O presente trabalho de investigação visa explorar o contexto histórico da gentrificação e da turistificação dos centros urbanos, e de que forma a fotografia pode servir como ferramenta para documentar a transformação da cidade. Para analisar os problemas que têm vindo acontecer devido a estes fenómenos, estudos como Ruth Glass e Niel Smith serviram como ponto de partida para compreender a evolução do conceito de gentrificação e de seguida como o turismo começou por ser uma viagem em busca de conhecimento e acabou por se tornar uma atividade económica e de lazer.

Com a metamorfose do turismo, de passar de uma atividade de exploração e aprendizagem para um pilar económico, emergiram fenómenos como a gentrificação e a turistificação. A gentrificação é um termo que começou por aparecer nos anos 60 no século XX, e é caracterizado como um processo de transformação urbana devido ao influxo de classes mais ricas, o que resulta na deslocação de moradores e o desenvolvimento cultural e económico. Por sua vez, a turistificação é o fenómeno mais recente, que envolve a transformação do local, principalmente centrado nas necessidades da indústria turística e que, muitas das vezes, leva o detrimento as comunidades locais. Neste contexto, Londres, Barcelona e Lisboa servem como exemplos de cidades que passaram e ainda passam por estes processos urbanos.

Nesta investigação, a fotografia serve para documentar e preservar o fenómeno das transformações urbanas, ao registar certos detalhes que podem passar por despercebidos, mas poderão ser cruciais para a compreensão da evolução da cidade. Graças à inspiração de fotógrafos que trabalharam na documentação das cidades, como Vitor Palla e Costa Martins, Camilo Vergara, José Samento, Martin Parr.

Para a realização deste projeto, é apresentado processo de design que passa pela pesquisa, planeamento, captura e edição das imagens, até à paginação e produção final do ensaio visual.

Este projeto posiciona-se em várias disciplinas, desde as ciências sociais, a fotografia, o design e a geografia, o que resulta numa contribuição única para a compreensão dos impactos urbanos.

Tema.

No presente projeto de investigação, o tema escolhido foi a análise da turistificação e a gentrificação da capital portuguesa. Este tema foi utilizado primeiramente para a disciplina de Design Visual com o professor e doutor Fernando Oliveira. O objetivo do trabalho para essa disciplina foi criar um design guerrilla. E foi partir daí que cresceu o interesse em conhecer e explorar os conceitos da turistificação e da gentrificação, ao usar a fotografia para compreender e partilhar estes fenómenos que estão a afetar a cidade de Lisboa.

A começar pelo turismo, que tem sido um dos principais agentes da mudança urbana, que não só contribuiu para a revitalização das áreas abandonadas e degradadas, como também para a criação de mais postos de trabalho.

Mas, por outro lado, se o turismo tiver um crescimento descontrolado pode ter consequências terríveis no ambiente urbano e na qualidade de vida dos habitantes, como é o caso da hipervalorização dos imóveis, a perda da identidade cultural e a expulsão dos moradores mais pobres.

É um tema bastante interessante para a análise dos impactos sobre transformação da cidade portuguesa, ao abordar a relação entre o turismo e a gentrificação, com base numa perspetiva histórica e comparativa com outras cidades europeias, tais como Barcelona e Londres.

Problema.

O projeto de investigação tem designado como problema, o crescimento acelerado no setor turístico e as consequentes renovações urbanas que a cidade de Lisboa tem sofrido. Muitos dos acontecimentos, tais como, a Expo 98¹ e o Euro 2004², encorajaram os estrangeiros a virem praticar o turismo na capital portuguesa, e graças a esse reconhecimento os setores privados viram uma oportunidade de começar a investir no mercado imobiliário e no comércio local.

Devido ao grande fluxo de turistas a cada ano, surgem novas oportunidades de negócio, novos investimentos vindos do estrangeiro e novos programas governamentais³, que de certa forma, estão a ajudar economicamente o país. Mas com a massificação do turismo, continua a ser difícil viver e conservar os bairros locais que se encontram no coração de Lisboa.

As casas dos moradores locais que fazem parte da identidade lisboeta, estão a ser compradas e reconstruídas como alojamentos locais de curto prazo. Consequências como estas são temáticas fotográficas que servem para documentar estas mudanças e preservar a memória dos bairros. Logo, o problema fica definido com esta questão:

Será que os processos de turistificação e de gentrificação a descaracterizar a cidade de Lisboa?

Para responder a esta pergunta, é necessário investigar a nível local as consequências da massificação do turismo e da consequente renovação urbana. Com a ajuda na obtenção da resposta esta investigação será analisada em termos qualitativos por via das entrevistas a moradores locais dos bairros históricos de Lisboa.

¹ A Expo 98 foi uma Exposição Internacional realizada em Lisboa, no ano de 1998. O evento teve como tema principal "Os oceanos: um património para o futuro", e foi organizado pela Bureau Internacional de Exposições (BIE).

² O Euro 2004 foi um torneio de futebol realizado em Portugal em 2004. Também conhecido como Campeonato Europeu de Futebol da UEFA, foi a 12ª edição do torneio e marcou a primeira vez que Portugal sediou uma competição internacional de futebol de tal magnitude.

³ Programas governamentais, tais como o "O Programa Renda Acessível", "Programa de Apoio ao Arredamento" e "Programa Habitar Lisboa"

Objetivos.

Este projeto tem como objetivo investigar os primórdios do turismo, compreender a turistificação e a gentrificação em Lisboa e registar fotograficamente estes fenómenos que se traduzem num ensaio visual no qual resultará um *photobook*⁴.

Em primeiro lugar, perceber como o turismo surgiu e qual foi o seu objetivo antes da globalização. No século XVII, o turismo era considerado uma atividade na qual as pessoas procuravam adquirir novos conhecimentos e aprofundar a sua educação e através das viagens designadas como *Grand Tour* (Pimlott, 1976).

Com o decorrer do tempo, o turismo tornou-se uma indústria, graças ao crescimento e desenvolvimento das cidades que começaram a adaptar-se à inevitável visita de estrangeiros, o que resultou em mudanças significativas em muitas áreas urbanas.

Em seguida, pretende-se compreender a gentrificação e a turistificação, ao comparar com outras cidades europeias. Visto que estes dois eventos são conhecidos por terem consequências significativas para as comunidades afetadas. A gentrificação, muitas das vezes, leva à migração de moradores mais velhos, enquanto a turistificação pode causar uma perda da autenticidade cultural e a atividade excessiva em alguns locais.

Posteriormente, a intenção é atribuir uma significativa importância à fotografia como ferramenta essencial para documentar o processo de transformação urbana. Será realizado uma produção de registos fotográficos que, em seguida, serão utilizados para realizar comparações entre o passado e o presente das paisagens urbanas.

E por fim, este processo resulta na criação de um ensaio visual, o qual é construído a partir da seleção das fotografias capturadas pelo próprio autor. Este ensaio não documenta apenas o impacto da evolução da paisagem urbana, mas também oferece uma perspetiva da transformação ao destacar certos elementos visuais que mais definem as mudanças trazidas pela gentrificação e a turistificação.

⁴ Livro de fotos, é uma publicação física que apresenta uma coleção de fotografia.

Capítulo 1 - Revisão de literatura e metodologia.

1.1 - Revisão de literatura.

As literaturas existentes nas áreas de estudo do turismo, da geografia, da sociologia e por fim da fotografia, apresentam algumas das razões que influenciaram a atração turística e a necessidade constante da renovação urbana quer esteticamente quer socialmente.

A gentrificação foi um conceito estudado e desenvolvido por Glass (1964), socióloga britânica, que analisou as transformações urbanas nos vários bairros operários londrinos e as expansões da classe média/ alta na década de 60 do século XX. Glass (1964, p. XVII) utilizou a palavra gentrificação para descrever as diferenças sociais, a segregação urbana e o aumento das classes médias.

Para simplificar o conceito de gentrificação, este processo desenvolve-se em três etapas:

1. A descoberta, na qual os artistas e os jovens criativos mudavam-se para os bairros operários abandonados.
2. A invasão, na qual a classe média/ alta, que começou a comprar e a renovar as casas.
3. O domínio, da classe média/ alta começou a estabelecer uma predominância nos bairros por meio da sua cultura e estilo de vida.

Desde então, o conceito de gentrificação tem sido usado para descrever o processo de renovação urbana em diversas cidades como Londres, Barcelona e Lisboa. E para documentar essas mudanças, fotógrafos como Camilo Vergara, Eduardo Gageiro, José Sarmento, Marc Kohan, apresentam registos fotográficos, cidades em constante renovação:

- Camilo Vergara, fotógrafo chileno-americano, que tem documentado a evolução das cidades americanas desde os anos 70 no século XX. É conhecido pelo seu trabalho em áreas urbanas em declínio, como South Bronx e Detroit, bem como em bairros históricos como Harlem, em Nova Iorque.

O livro escrito por Vergara (2013), *Harlem: The Unmaking of a Ghetto*, explora a história e a evolução de um dos bairros mais icônicos, Harlem, Nova Iorque. O fotógrafo

documenta a gentrificação e a mudança social no bairro americano através de fotografias e histórias pessoais dos moradores e proprietários dos negócios locais. O ensaio visual do autor aborda a gentrificação como um processo complexo que envolve não apenas a mudança física dos edifícios, mas também mudanças culturais.

- Eduardo Gageiro, é um fotógrafo português e autor do livro *O Cais da Memória*. É um ensaio visual que demonstra o que antigamente era a cidade de Lisboa antes de ser considerado um ponto turístico altamente popular. Gageiro (1963) focou-se na vida bairrista, desde as tradições até aos espaços públicos como o mercado, o que faz com que tenha uma experiência visual bastante rica e histórica de como era Lisboa.

- José Sarmiento Matos, fotógrafo documental português, vive em Londres e é conhecido pela sua exposição de fotografias *Documenting East London*, onde documenta vida quotidiana e a transformação do lado leste da cidade de Londres, onde o autor tem vivido desde 2013. Este ensaio visual foi um trabalho em que o autor teve de passar anos a documentar e ao mesmo tempo assumir uma perspetiva pessoal sobre esta parte da cidade. Desde Aldgate, Liverpool Street, Tower Will e Bethnal Green, o autor tem notado que estas áreas têm sido gentrificadas ao tornarem-se lugares ligados á moda e ao luxo.

- Marc Kohan, um fotógrafo espanhol, que produziu o seu ensaio visual *Tourist Walk (La Rambla de Barcelona)* que consiste numa série de fotografias que serve como comentário dos aspetos negativos que o turismo tem vindo a trazer numa das avenidas mais famosas de Barcelona, La Rambla. O autor nas suas fotografias explora a interação que os moradores têm com os turistas no mesmo espaço urbano.

No estudo urbanístico, apresentado por Soares (2019) apresenta uma pesquisa descritiva que analisa a gentrificação da cidade de Lisboa e o aumento do turismo nos últimos 10 anos. Soares (2019) sustenta que a gentrificação é um processo multifacetado e complexo, que envolve alterações nas dinâmicas sociais, económicas e culturais dos bairros urbanos

Também sobre este assunto Oliveira (2019) apresenta um estudo que teve como objetivo compreender o turismo de massas ao refletir sobre os impactos positivos e negativos dos grandes

centros urbanos que afetam a qualidade de vida da população residente e a influência dos *media*⁵ portugueses. Oliveira (2019) discute que ao invés de apresentarem o crescimento do turismo no país, os *media* concentravam-se nos problemas sociais que as cidades portuguesas sofreram, bem como a gentrificação e a turistificação. A autora evidencia a necessidade de se elaborar planos para lidar com estes problemas, o que inclui o envolvimento da comunidade local e a formulação de políticas que incentivem o crescimento sustentável e equitativo.

Também Nuno Oliveira (2019) analisa a turistificação em certos espaços na cidade de Lisboa e os impactos específicos na estruturação de práticas socio-espaciais, ao explorar a ideia de que o fenómeno cosmopolita é mais do que uma condição urbana e que é possível existir uma harmonia de viver em comum com as outras culturas. Esta ideia de que o cosmopolitismo é mais do que um estado urbano, diz respeito a não poder ser reduzido apenas à presença de pessoas com diferentes culturas no mesmo espaço físico. O autor acredita que existe a necessidade de uma interação harmoniosa entre as culturas, uma convivência tranquila, para que o cosmopolitismo possa ser efetivamente experienciado.

Estes fenómenos têm sido alvo de debates sobre a importância da convivência harmoniosa entre as diferentes culturas e para que exista uma união em sociedade é preciso que haja reconhecimento e respeito pela diversidade cultural. Ao investigar estes conceitos, é possível encontrar no campo da Sociologia os estudos de Mauss (1923), que se interligam com estas temáticas, por fazer referência aos tipos de contrato e trocas económicas, onde o autor reflete sobre o sistema de dádivas nas sociedades da Polinésia, Melanésia e no nordeste americano. Enquanto Mauss (1923) aprofunda-se na essência das trocas sociais ao destacar a obrigação de dar, receber e retribuir, o autor oferece-nos uma visão sobre como as relações sociais são moldadas através dessas trocas.

No contexto moderno, essas transformações são evidenciadas pela gentrificação. Smith (2005), mostra-nos que a gentrificação não é apenas uma simples troca de habitantes, mas um complexo movimento político, económico e cultural. Assim como a dádiva tem suas obrigações e expectativas, a gentrificação traz consigo consequências profundas, como o deslocamento de habitantes locais e a inflação dos preços imobiliários. Ambos os conceitos, embora distintos nas suas naturezas, refletem a constante evolução e transformação das relações e espaços sociais.

⁵ É um termo abrangente usado para se referir aos meios de comunicação de massa, que são os canais ou veículos de transmissão de informações e entretenimento para um público amplo.

Martin Parr (2019), com sua abordagem crítica e humorística, o autor demonstra claramente o poder da imagem na sociedade contemporânea. Através das suas fotografias, Parr não apenas captura a essência dos lugares, mas também influencia a percepção do público sobre os mesmos.

Esta ideia de que a fotografia pode moldar a visão das pessoas sobre destinos turísticos é também central na obra de Peter Osborne. Em *Travelling Light: Photography, Travel and Visual Culture*, Osborne aprofunda-se na intersecção entre fotografia e turismo, ao explorar como as imagens não só representam, mas também constroem e vendem os destinos. Ambos os autores, Parr e Osborne, embora com abordagens distintas, convergem para a ideia de que a cultura visual, especialmente a fotografia, desempenha um papel crucial na forma como percebemos e valorizamos os lugares. Enquanto Parr utiliza a fotografia para comentar e, por vezes, criar uma sátira sobre a sociedade, Osborne analisa a fotografia como uma ferramenta que molda a cultura global do turismo. Juntos, eles oferecem-nos uma visão abrangente de como a imagem nos influencia.

1.2 - Metodologia

Para este projeto de investigação, o intuito é analisar os fenómenos que estão a afetar a cidade de Lisboa através da elaboração de um ensaio visual apresentado como *photobook*, daí a importância de qual o processo de design que é preciso atingir.

Segundo Creswell (2003, p.20), o autor explica como os métodos de pesquisa visam guiar os investigadores. O autor destaca palavras-chave, como escrever uma introdução, identificar questões e hipóteses de investigação, utilizar a teoria, e definir o significado do estudo. Com as mesmas, Creswell acabou por destacar a importância de avançar com métodos e procedimentos apropriados para a recolha e análise de dados.

Neste caso o autor observa que há vários termos disponíveis na literatura, mas opta por se concentrar em três abordagens principais:

1. Métodos quantitativos
2. Métodos qualitativos
3. Métodos mistos

Em termos de abordagem quantitativa, este método tem sido utilizado por cientistas, sociólogos durante muitos anos e consiste num método de investigação que envolve a recolha e análise de dados numéricos a fim de descrever e explicar os fenómenos que estão a ser discutidos. Isto é, envolve frequentemente a utilização de instrumentos de investigação estruturados, tais como inquéritos, experiências e análise de conteúdos. Nos métodos mistos, é uma abordagem que combina elementos de métodos de investigação tanto quantitativos como qualitativos num projeto. Por outras palavras, os métodos mistos são utilizados para abordar questões de investigação complexas que não podem ser respondidas ao utilizar apenas uma abordagem metodológica. Mas para o presente projeto e devido à sua tipologia foi decidido utilizar a abordagem de acordo com os métodos qualitativos, através de perguntas abertas.

Crotty (1998, p.83), refere essas perguntas abertas como uma ligação que permite aos participantes expressarem os seus pontos de vista pelas suas próprias palavras e a fornecerem respostas detalhadas e matizadas. Esta abordagem apresenta benefícios aos investigadores para uma compreensão mais profundada das experiências e das perspetivas de cada individuo, o que pode ser particularmente útil na investigação qualitativa, onde o objetivo é explorar os fenómenos sociais complexos. Porque ao evitar perguntas fechadas, com respostas pré-determinadas, é possível evitar preconceitos e permitir aos participantes fornecerem um leque de informações mais amplo como resposta. Ao combinar a compreensão mais profunda das experiências individuais, mencionada no texto anterior, com a abordagem metódica e sistemática, foi possível adquirir mais conhecimento para a investigação.

Para destacar a importância de definir as melhores questões, Yin (2009), defende que as mesmas orientam todo o processo de pesquisa e determinam a direção do estudo. Estas questões são as perguntas-chave que o investigador procura responder por via da análise de dados. Porque ao dedicar o tempo e a paciência sobre as questões, o investigador deve garantir que as mesmas sejam claras, específicas e relevantes para o seu estudo. Mas para que a investigação tenha sucesso, é preciso examinar uma variedade de documentos, como notícias de jornais, relatórios e *posts* nas redes sociais.

Yin (2009), também salienta as utilizações de análises comparativas visam ajudar a compreender melhor as relações entre um fenómeno e o seu contexto, ao examinar múltiplos casos que partilham características semelhantes. Porque ao analisar casos de estudo e o envolvimento da comparação

sistemática de dois ou mais casos, com o objetivo de identificar padrões, semelhanças e diferenças entre eles, deste método torna-se numa abordagem ideal que pode ser utilizada para identificar mecanismos causais, testar hipóteses, e construir teorias.

Para este projeto de investigação, a fotografia serve também como uma ferramenta essencial, já que a partir da realização do ensaio visual dará forma a um *photobook* que partilha as experiências destes fenómenos urbanos em Lisboa.

Mas, porquê usar a fotografia?

Para responder a essa pergunta temos, Benjamin (1931), que salienta o poder da fotografia para revelar aspetos da realidade que podem estar escondidos por outros modos de perceção.

Assim, os modelos de Hill não estavam assim tão longe da verdade quando sentiam que o fenómeno da fotografia continuava a ser uma grande experiência misteriosa, mesmo que esse sentimento não fosse mais do que a consciência de estar em frente de um instrumento que, no mais breve espaço de tempo, podia produzir uma imagem do mundo invisível circundante que parecia tão viva e real como a própria natureza. Benjamin (1980, p.203)⁶

Dentro desta pesquisa, a fotografia tem um carácter documental e é usada para desafiar as formas dominantes de ver e compreender o mundo, ao capturar as imagens que perturbam as perspetivas convencionais que podem obter-se através de resultados de novos aspetos da realidade e ajudar a desafiar formas estabelecidas de pensar. Deste modo análise e as posteriores conclusões vão ser suportadas com a utilização da metodologia por via qualitativa. Assim optou-se também por utilizar a comparação com outras cidades que estão a passar pelos mesmos fenómenos.

Por fim a metodologia do *photobook* pode variar de acordo com o fotógrafo e o objetivo do projeto.

O intervalo entre a riqueza da experiência visual na cultura pós-moderna e a capacidade de analisar essa observação marca tanto a oportunidade como a necessidade da cultura visual como um campo de estudo. (Mirzoeff, 1999, p.2)⁷

⁶ Tradução a partir do original: “Hence Hill's models were not all that far from the truth when they felt ' the phenomenon of photography' still to be ' a great mysterious experience ', even if this feeling was no more than the consciousness of ' standing in front of an instrument which in the briefest span of time could produce a picture of the invisible surrounding world which appeared as alive and real as nature itself'.” Benjamin (1980, p.203)

⁷ Tradução a partir do original: “The gap between the wealth of visual experience in postmodern culture and the ability to analyze that observation marks both the opportunity and the need for visual culture as a field of study.” (Mirzoeff, 1999, p2)

Ao concordar com Mirzoeff (1999) existe um grande conjunto de riquezas quer nas imagens quer nas experiências visuais, mas o que nos torna pobre é a nossa capacidade de entender e interpretar esses elementos. Isso cria tanto uma necessidade (porque nós precisamos das ferramentas para entender a cultura visual) e uma possível oportunidade (porque a cultura visual pode fornecer essas mesmas ferramentas) para o estudo da cultura visual.

Ao mesmo tempo, que o nosso mundo está cada vez mais informado pelos *media*, isso significa que a nossa exposição a outros estímulos visuais têm estado a crescer exponencialmente, mas, a capacidade de nos envolvermos criticamente sobre esses elementos visuais e de tentar compreender tem sido pobre, e deve-se a algumas razões que de acordo com Mirzoeff (1999) são as seguintes:

1. Todos os dias somos bombardeados com muita informação, o que dificulta a nossa capacidade de processar e analisar criticamente todas as informações que recebemos.
2. Maioria da educação, dá mais valor à educação tradicional da alfabetização a nível de textos do que a literacia visual.
3. O avanço da tecnologia é tão rápido que nós não conseguimos processar como dever ser e não conseguimos compreender.
4. E por último, as imagens podem ser alvos de manipulação a fins de falsificar informação.

Seguidamente, vêm a realização do ensaio visual transformado em *photobook*, que nos leva para mais um aspeto da metodologia do design.

Para que o fotógrafo consiga realizar um ensaio visual, o próprio deve trabalhar com os fundamentos e regras do design, tais como o melhor *layout*, as fontes, as cores e outras opções que estejam ligados com as imagens que contribuam para a experiência visual. Uma vez que o *design* e o *layout* estejam finalizados, o livro deverá ser impresso e encadernado. A metodologia do design no presente caso deve envolver:

1. A seleção cuidadosa de materiais de alta qualidade para produzir a partir do ensaio visual de acordo com o projeto.
2. A edição e organização numa narrativa visual coerente.
3. O trabalho de *design* para criar um *layout* impactante.

4. A seleção cuidadosa de materiais e impressão de alta qualidade para produzir um ensaio visual final que vá de acordo com o projeto.

Para terminar, vêm as referências bibliográficas com todas as fontes utilizadas e consultadas para a execução do projeto, o layout final do ensaio visual, os apêndices com as entrevistas, os dados retirados do inquérito, e por fim o anexo com toda a paginação do ensaio visual - *photobook*.

Capítulo 2 - Turismo, da busca do conhecimento ao lazer.

2.1 – A busca do conhecimento pelo turismo.

Atualmente é mais simples como é mais prático visualizar os destinos turísticos pretendidos através dos aparelhos digitais. No entanto, para compreender como o turismo revelou-se um dos principais setores da economia mundial.

Segundo Cunha (2010), antes da formalizada globalização, os processos de conhecimento e entendimento das novas comunidades e de culturas eram de uma complexidade extrema. Cunha (2010) admite que os resultados destes processos acabam por se determinar maioritariamente através de acontecimentos espontâneos que o viajante experienciava numa jornada religiosa ou somente curiosa.

No entanto, somente no final do século XVII, a viagem pelo continente europeu começou a ser aceite como uma forma de investigação em nome da ciência, em busca de outras culturas, quer no âmbito de estudos académicos ou simplesmente por curiosidade. Durante esse mesmo século (século XVII), os europeus eram conhecidos por serem ágeis na busca de conhecimento, por exercerem certas profissões nas áreas das artes, medicina e filosofia. Viajar pela Europa era considerado uma necessidade para garantir alguma riqueza em referências literárias. Francis Bacon refere mesmo “Viajar para a comunidade mais jovem, faz parte da educação, e para a comunidade mais velha, uma experiência.” (Bacon, 1908, p.79).⁸

Uma viagem a um local desconhecido pode oferecer diversas oportunidades de aprendizagem, tais como novas línguas, costumes e até mesmo novos tipos de gastronomia. Para que os jovens se divertissem completamente nas suas viagens, Bacon sugere que sejam acompanhados por um guia ou um tutor que conheça algumas línguas e que aponte os principais pontos turísticos mais relevantes a serem visitados. O mesmo refere que, sem um guia, o viajante perderia a maioria das

⁸ Tradução apartir do original: “*Travel, in the younger sort, is a part of education, in the elder, a part of experience.*” (Bacon, 1908, p.79).

valiosas experiências que a sua viagem poderia proporcionar. Foi então que o conceito *Grand Tour*⁹ prosperou.

O conceito *Grand Tour* ganhou popularidade gradualmente, sendo que o primeiro registo do termo foi em 1670, num contexto intelectual do período da Restauração, combinado com as condições políticas mais estáveis após a Paz de Utrecht¹⁰ em 1713, o que contribuiu para a sua popularização posterior (Pimlott, 1976, p.68).

O *Grand Tour* é classificado como um período em que, após finalizarem os estudos, os finalistas tinham de viajar para outros países durante três anos, e só após a viagem eram então considerados turistas. Porém em alguns casos, era restrito apenas a jovens da classe média/alta na Europa, porque como explica Cunha (2010), para implementar esse movimento era apenas possível a jovens provenientes de uma família com maior poder financeiro e que desejassem ser mais cultos nas suas áreas de estudo.

Mas, de onde surgiu a palavra *tourist*?

De acordo com o OED (*Oxford English Dictionary*), a palavra *tourist* começou a ser pronunciado em 1772 referindo-se a “*the one who makes a journey for pleasure, stopping here and there*”, traduzido será, uma pessoa que viaja por prazer de um lado para o outro.

Com o surgimento do turismo no final do século XVII, muitos eventos históricos como a Revolução Industrial, a Feira Mundial e as Guerras Mundiais, incentivaram a Europa a tornar-se um continente líder nos primeiros movimentos tecnológicos.

À medida que a Europa fora evoluindo ao longo do século, inovações como o comboio e as linhas férreas tornaram o transporte de passageiros e de mercadorias mais fáceis para todos os continentes. A Europa, não só facilitou o transporte de mercadorias para as classes operárias, como também proporcionou as atividades de lazer e entretenimento para destinos turísticos estrangeiros. Com a evolução dos transportes viajar tornou -se mais acessível para todas as classes sociais, ao usar os primeiros passaportes, até mesmo sem ser titular de qualquer nacionalidade. Por fim com

⁹ Grande Viagem

¹⁰ O Tratado de Utrecht foi assinado em 11 de abril de 1713 na cidade de Utrecht, nos Países Baixos, e pôs fim à Guerra da Sucessão Espanhola. O tratado envolveu várias potências europeias e teve importantes consequências para a política e o equilíbrio de poder na Europa.

o passar do tempo, essas viagens tornaram-se um passatempo popular entre culturas e dessa forma, o turismo também se tornou uma atividade económica por conta do seu crescimento.

Mais tarde, em 1930, as comunidades adotam o turismo como um conjunto de viagens empreendidas com o intuito de lazer ou negócios. Durante essas viagens, a ausência da residência era apenas temporária, porque os deslocamentos para o local de trabalho não se enquadram na categoria de turismo. Mesmo que viagens internacionais não sejam explicitamente mencionadas nesta definição, as mesmas são implicitamente incluídas. O aspeto que se deve ressaltar é a natureza temporária da mudança de local, a exclusão do ambiente de trabalho e a expansão dos propósitos de viagem para incluir negócios. (Cunha, 2010, p.10)

Organizações internacionais, como a *International Union of Official Travel Organisations* (IUOTO), reconheceram a importância de definir os princípios fundamentais do turismo para adquirir-se dados comparáveis que permitissem produzir e publicar estatísticas. Embora inicialmente, essas organizações tenham restringido o seu foco aos assuntos internacionais, o que levou a uma maior compreensão do turismo.

E em 1963, a organização IUOTO recomendou que as palavras “turistas” e “visitantes” fossem divididas segundo a caracterização seguinte:

Turista- Um indivíduo que permanece mais de 24 horas e fica pelo menos uma noite num alojamento num país diferente onde as suas motivações podem ser apresentadas como lazer (férias, repouso, desporto, religião), motivos familiares.

Visitante do dia- Um indivíduo que permanece menos de 24 horas num país diferente e não passa a noite num estabelecimento.

Só depois de 1983, a IUOTO foi substituída pela Organização Mundial de Turismo (OMT), que, atualmente, inclui os turistas nacionais na definição de turismo. Neste caso, são considerados também turistas aqueles que praticam a atividade de lazer no seu país. Foi então que a Comissão de Estatísticas da ONU em 1993, decidiu acrescentar a palavra “visitante”, para dividir as categorias entre turista e visitante do dia, com os seguintes conceitos (United Nations, 1994, p.4):

1. O **visitante** é uma pessoa que viaja para um território diferente que não seja do seu espaço habitual por menos de 12 meses, em que o seu propósito da viagem seja outro que não de exercer uma atividade remunerada no território visitado.

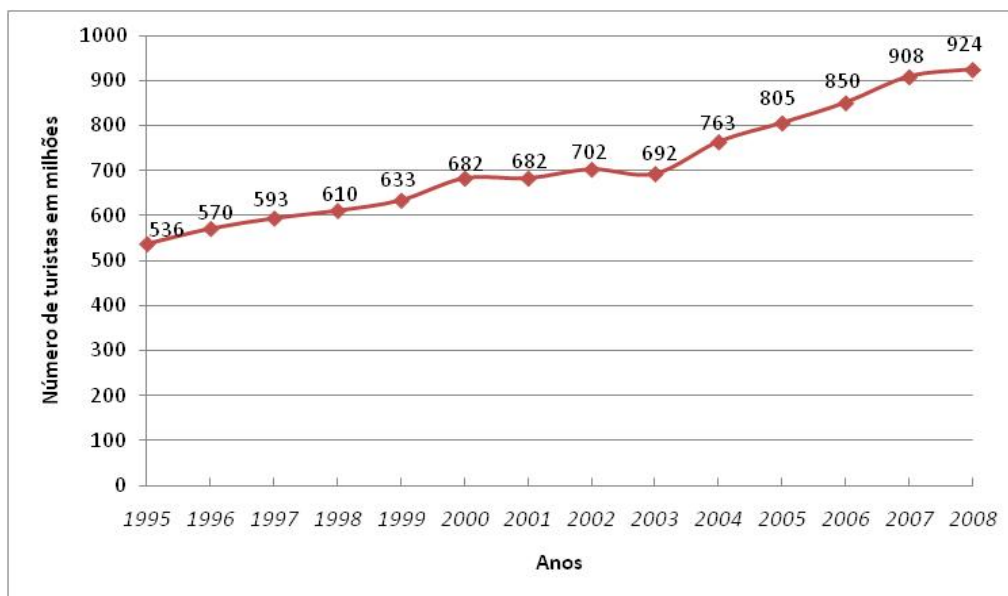
2. O **turista** é uma pessoa que permanece pelo menos uma noite num alojamento coletivo ou privado no território visitado.
3. O **visitante do dia** é uma pessoa que viaja, mas não passa uma noite num alojamento coletivo ou privado no território visitado.

2.2 - Evolução do conceito de turismo.

O conceito de turismo foi evoluindo e tornou-se um fator relevante para diversas indústrias e profissões, com um potencial de crescimento no futuro. Com a conclusão a que Cunha (2010) chegou no seu estudo, o turismo é, de facto, a maior atividade económica mundial e pode auxiliar ou dificultar o crescimento económico de um destino turístico. A partir da análise dos dados sobre o turismo europeu publicados pela OMT (2008), o número de visitantes aumentou entre 1995 e 2008. Essa evolução do número de turistas por ano no mundo, como mostra a tabela 1, foi positiva uma vez que este número cresceu quase 400 milhões desde 1995.

Tabela 1

Evolução do número de turistas



Website (acedido em 03/01/23 <https://www.unwto.org/>)

Estes números crescentes podem ser atribuídos a diversos fatores, como o aumento dos rendimentos domésticos, a expansão dos grandes aviões a jato, os baixos custos de combustível, e o progresso das novas tecnologias de informação, os sistemas informáticos de reservas. Graças a esses sistemas, é permitido a aquisição de passagens e bilhetes pela internet, tanto pelos operadores de viagens quanto pelos viajantes individuais. Tal como Asworth & Page (2011) explicam:

Os turistas utilizam intensivamente muitas instalações e serviços urbanos, mas pouca parte da cidade foi criada especificamente para uso turístico. O turismo pode contribuir com benefícios económicos substanciais para as cidades, mas as cidades cujas economias são mais dependentes do turismo são provavelmente as que menos beneficiam. São as cidades com uma base económica grande e variada que mais ganham com o turismo, mas são as menos dependentes dele. (p.1)¹¹

Embora o turismo estivesse a expandir de forma benéfica no ano 2000 a possibilidade de se tornar um turista e viajar ainda não era uma realidade para todos os grupos sociais, sendo que a classe média era a única que poderia usufruir. Ashworth & Page (2011), analisaram que aqueles que têm um maior poder económico, desempenham um papel relevante entre o consumismo e o turismo, ao satisfazer as necessidades e os consumos nos serviços de lazer.

Em concordância com os autores afirma-se que o turismo, ao ser exercido como uma atividade económica, pode contribuir para o crescimento da economia da cidade. Isto quer dizer, se o destino depender do turismo local há uma grande hipótese da sua economia ficar instável devido à sazonalidade dos turistas, pois o turismo é guiado pela procura criada pelos turistas, que são a principal fonte de rendimento para a indústria. Os visitantes podem optar por viajar para um determinado destino devido a diversos fatores tais como atrações culturais, beleza natural, clima, segurança e acessibilidade económica. Quanto mais turistas forem atraídos para um destino, mais riqueza é gerada para a economia local, o que acaba, por aumentar o público. Neste sentido, a

¹¹ Traduzido a partir do original: *“Tourists make an intensive use of many urban facilities and services but little of the city has been created specifically for tourist use. Tourism can contribute substantial economic benefits to cities but the cities whose economies are the most dependent upon tourism are likely to benefit the least. It is the cities with a large and varied economic base that gain the most from tourism but are the least dependent upon it.”* (Ashworth & Page 2011,p.1).

procura do turismo por parte dos turistas cria um ciclo de crescimento na economia do próprio destino.

A figura 1 e a figura 2 retratam os elementos da hiperespecialização do turismo, o que pode levar à perda da identidade cultural local. Desde o toldo da loja de lembranças à vitrine com os galos de Barcelos sugere-se uma certa adaptação dos negócios locais para atender às necessidades dos turistas.

Esse aspeto da hiperespecialização do turismo pode ter consequências negativas para a preservação da identidade cultural, por exemplo, no bairro de Alfama. Visto que a comercialização da cultura tradicional exemplificada pela presença dos galos de Barcelos como souvenirs, é uma prática comum em cidades turísticas, isso leva a que muitas vezes haja uma representação quase estereotipada da cultura, tendo em conta que os elementos culturais são transformados em produtos comerciais. Essa simplificação pode não refletir adequadamente a diversidade e complexidade da cultura portuguesa, o que resulta na visão distorcida pelos turistas. Em contexto da turistificação, esta transformação dos bairros para satisfazerem os turistas pode levar à perda gradual do que é autêntico e identificado como cultural. Se a cultura se tornar um recurso a ser explorado comercialmente, os aspetos únicos e genuínos da comunidade serão substituídos por uma versão estereotipada e focada para o consumo. E, com isto, essa transformação pode afetar negativamente os moradores locais, o que leva estes a deslocarem-se das suas áreas de residência tradicionais e causando mudanças socioeconómicas indesejadas.

Figura 1

Gonçalo Gouveia, 2023, Galos de Barcelos de Porcelana, Alfama



Figura 2

Gonçalo Gouveia, 2023, Alfama Souvenires, Alfama



A figura 3 retrata a interação entre turistas e o comércio local informal. Estes turistas estão na presença de produtos falsificados e que podem, eventualmente, criar uma memória de referência da sua visita à capital portuguesa.

Estas buscas dos turistas por produtos luxuosos relacionam se com a experiência que tiveram na cidade, mesmo que sejam falsos, reflete uma procura por lembranças que simbolizem essa visita. O consumo impulsiona a oferta de produtos atrativos para os visitantes, mesmo que não sejam autênticos.

Este tipo de comércio focado nos turistas que visitam, não só a capital como outras zonas do país, pretende acumular um rendimento extra para os comerciantes que escolhem propositadamente os locais com maior popularidade turística para as suas vendas.

Figura 3

Gonçalo Gouveia, 2023, Vendedores de Rua e Turistas, Rossio



A figura 4 destaca uma pessoa que aparenta ser estrangeira num contexto da cidade portuguesa e pode ser considerada como um elemento de impacto visual relacionado à vida turística pelas ruas da cidade. No entanto, há um certo comportamento onde a pessoa mostra querer manter alguma conexão com a sua possível cultura de origem ao ler um livro em francês.

Esta pessoa parece não estar muito interessada no que está a acontecer á sua volta e opta por envolver-se mais com o livro do que experimentar verdadeiramente a viagem no elétrico. Isto pode indicar uma desconexão ou uma preferência por experiências introspetivas e pessoais, em vez de participar ativamente da experiência popularizada. No contexto da turistificação, esta imagem pode representar uma faceta do turismo contemporâneo, onde os visitantes poderão encontrar um equilíbrio entre a descoberta de uma nova cultura e a preservação da sua própria identidade cultural. Embora a pessoa esteja presente como turista, ela demonstra uma preferência por manter as suas raízes culturais através do livro em francês.

Este tipo de comportamento pode indicar a diversidade de abordagens dos turistas em relação às expectativas que tinham antes de visitar a maioria dos pontos turísticos pretendidos. Mostra também que uma atividade comum na vida portuguesa nem sempre necessita de ser uma atração para os que nos visitam. Algumas destas pessoas procuram simplesmente tentar ter momentos de conexão pessoal ou introspeção enquanto estão num ambiente turístico. Esta análise ressalta a complexidade do fenómeno da turistificação e a multiplicidade de perspetivas e experiências dos turistas.

A conclusão tirada desta imagem é, o poder considerar diferentes abordagens e necessidades dos visitantes, que procuram um equilíbrio entre a preservação da autenticidade cultural e a satisfação dos turistas nas suas diversas formas de interação com o destino.

Figura 4

Gonçalo Gouveia, 2023, A turista francesa no elétrico, Elevador da Lavra



Capítulo 3 - Gentrificação e a turistificação.

3.1 – O primeiro contacto dos fenómenos.

Quando iniciei a minha vida académica na Faculdade Superior de Educação, vivia em Sintra e comecei por iniciar as minhas viagens de comboio para Lisboa, com o intuito de perceber o que queria fazer para o resto a minha vida. Com o tempo acostumei-me a visitar mais vezes locais como, a Baixa Chiado e o Cais do Sodré, com a minha câmara fotográfica a fotografar as ruas, as pessoas e as suas atividades.

Algo que reparei instantaneamente foi, quanto mais vezes ia fotografar os sítios mais icónicos da cidade, maior era o número de pessoas de diferentes culturas a frequentá-los, e Oliveira aborda essa questão:

O centro de Lisboa não foge a esta regra. Sobretudo quando consideramos o reposicionamento recente de Lisboa nos fluxos globais de cultura e capital, designadamente o turismo, a imigração, e o investimento imobiliário. Qualquer uma destas lógicas se prende com uma tendência de cosmopolitização dos espaços urbanos. Com efeito, a multiculturalidade trazida pelas migrações e pelo turismo imprime uma especificidade ao local que lhe permite redimensionar-se (Oliveira, 2019, p 117).

O autor aborda a turistificação em Lisboa, e destaca como a cidade portuguesa tem estado a reposicionar-se. Estas forças estão ligadas à transformação de áreas urbanas em espaços mais diversos e internacionais. Já a "multiculturalidade" mencionada por Oliveira, deixa uma marca, uma especificidade ao local, que o torna único. Logo, aqui que a fotografia entra como um papel importante, que funciona como um instrumento para conhecer as coisas, ou seja, como um meio de documentar "o que se está a passar na realidade" (Sontag ,1977, p.148).

Para abordar o conceito de *tourist gaze* ou o olhar turístico, Urry (1990) explora a relação entre os turistas e os lugares que visitam. Apesar de ser um livro da década 90, esta obra é uma importante referência sobre as questões de como o turismo influencia as pessoas a viajar e visitarem lugares icónicos.

É também importante notar que não só existem muitas atrações a que prestar homenagem, como muitas atrações só são contempladas uma vez. Por outras palavras, o olhar do turista pode ser incrivelmente inconstante, procurando ou antecipando algo novo ou diferente. (Urry, 1990, p. 10)¹²

Urry argumenta que os novos visitantes estão sempre à procura de novas experiências, atrações, isto é, o olhar turístico é caracterizado pela simples curiosidade. O que pode ser um problema futuro para os destinos que pretendem inovar e fazer algo diferente para atrair mais turistas, o que depois pode levar ao desenvolvimento acelerado e à transformação do próprio destino. O autor salienta que este olhar pode ser *amazingly fickle*¹³ o que significa que os turistas podem ser bastante caprichosos nos seus interesses, ao passar rapidamente de uma atração para outra em busca de novidade ou variedade. Esta inconstância é motivada pelo desejo de descobrir algo novo, diferente ou único, em vez de se envolverem profundamente com as atrações que visitam. Mas não foi só o *tourist gaze* que influenciou os turistas a frequentarem a cidade portuguesa, foram também alguns prémios publicados. Deste modo, é importante reconhecer os prémios oferecidos pela World Travel Awards, como é o exemplo da edição de 2018, num artigo publicado pelo jornal Diário de Notícias:

Pela terceira vez consecutiva, Portugal recebe o prémio mais cobiçado dos World Travel Awards, os óscares do turismo - o Melhor Destino Turístico do Mundo. Foi um dia em cheio para o turismo português: ao todo foram atribuídos 12 prémios. Um vasto leque que vai desde os parques de Sintra aos Passadiços do Paiva ou à TAP. (Diário de Notícias, 2018)

Ao ganhar muitos prémios como melhor ponto turístico do mundo, a cidade torna-se um alvo bastante atrativo para os novos visitantes. Este aumento de afluência tem sido notado de forma particular, especialmente nos bairros históricos lisboetas, tais como a Mouraria, Alfama e Graça. Como também é visto nos textos citados por Carlos:

O aumento do turismo na cidade de Lisboa tem levado a que vários bairros históricos da cidade estejam a sofrer profundas transformações, fruto do contínuo incremento da procura imobiliária. Também pela sua história, bairros típicos como Alfama e Mouraria são os preferidos dos estrangeiros, que procuram adquirir

¹² Traduzido a partir do original: “*It is also important to note that not only are there many attractions to which to pay homage, but many attractions are only gazed upon once. In other words, the gaze of the tourist can be amazingly fickle, searching out or anticipating something new or something different.*” (Urry, 1990, p. 10)

¹³ Incrivelmente inconstante

prédios para habitar ou converter em residenciais e hotéis. Este fenómeno tem levado muitos habitantes locais, sem capacidade financeira para pagar rendas elevadas, a deixar os apartamentos e a encontrar alternativas fora da cidade, o que faz com que, em alguns destes bairros, comece a desaparecer o comércio tradicional. (Carlos, 2017, s.n.)

Os bairros históricos são os lugares preferidos dos estrangeiros, e estes têm sofrido profundas transformações, porque este fenómeno tem levado a muitos dos residentes a encontrar alternativas de habitação fora da cidade. Deste modo, a cultura vivida nos bairros começa por desaparecer.

Roquette (2018) no seu artigo jornalístico, cita um texto interessante sobre o facto de Lisboa ser tão popular como destino turístico:

Nem tudo são rosas, porém. E há que não fugir ao tema do “*Overtourism*” que muitas cidades discutem e preocupa entidades que vão das associações de moradores à Organização Mundial de Turismo. Em alguns casos, o turismo atingiu níveis próximos do insustentável. Veneza é o caso mais evidente e há outros com pressão urbana desafiante, mas em muitos houve mau planeamento. Há que aprender com os erros (dos outros) e com as estratégias em curso em algumas cidades: da promoção de eventos em lugares menos visitados e em temporadas baixas, à criação de atrações em regiões periféricas, da limitação de tráfego nos centros ao alargamento dos horários dos museus, do envolvimento das comunidades à educação dos turistas, a par de uma aposta firme na mobilidade. (Roquette, 2018)

O autor reconhece que, o aumento do turismo pode representar problemas para a cidade, especialmente no que diz respeito ao *overtourism*¹⁴. Roquette, refere que este problema acontece quando existe um grande número de turistas num local, quase a ponto de ser impossível suportá-lo.

Osborne (2000) argumenta que deve aos usos das imagens criadas pelas viagens, porque as mesmas desempenham um papel fundamental na criação de uma cultura global turística, onde os lugares são valorizados principalmente pela sua aparência visual, do que pela sua história ou cultura. O aumento da idealização turística é um assunto relevante que tem sido um problema nos últimos anos, sobretudo no que toca à gentrificação e à turistificação. Dado o crescente número de turistas, especialmente nos bairros históricos de Lisboa, gera também uma crescente preocupação na comunidade local e na identidade da cidade. Lisboa oferece muito mais do que somente turismo.

¹⁴ O excesso de turistas

O que distingue o turismo urbano de outros tipos de turismo é o facto de as cidades terem uma elevada densidade de ofertas culturais diversificadas numa área relativamente pequena, atraindo diferentes tipos de turistas. (Bock,2015, p.2) ¹⁵

Lisboa, que é uma cidade relativamente grande, onde existem pequenos bairros que incentivam os turistas a frequentarem o turismo urbano. O que depois torna a cidade bastante atrativa para diferentes tipos de turistas interessados em experimentar as diferentes experiências culturais, tais como museus, galerias, edifícios históricos e eventos.

Vários fatores podem ter contribuído para a crescente popularidade do turismo urbano. Em primeiro lugar, crê-se que a urbanização reforça a tendência para o turismo urbano, uma vez que as pessoas que vivem nas cidades têm mais probabilidades de se associarem a cidades e estão mais inclinadas a visitar outras cidades [37]. Em segundo lugar, a proliferação de companhias aéreas de baixo custo teve, sem dúvida, um grande impacto na popularidade das viagens à cidade, principalmente devido ao facto de terem tornado os voos mais acessíveis às massas, mas também porque expandiram e melhoraram as redes de voos, oferecendo assim mais opções de destinos urbanos e tornando-os mais acessíveis a partir de um número crescente de pontos de partida do que no passado, diminuindo consideravelmente os tempos de viagem. (...) Em terceiro lugar, como a proporção da população que efetua várias viagens por ano continua a crescer, há uma tendência para um número crescente de férias mais curtas em vez de apenas umas férias principais por ano [8, 17,34].(...) Finalmente, a perceção das cidades como destinos turísticos tem vindo a mudar. Atualmente, os viajantes já não veem uma cidade apenas como um ponto de entrada, saída ou trânsito, mas como um destino por direito próprio. (Bock, 2015, p.2)¹⁶

¹⁵ Tradução a partir do original: *“What makes city tourism distinct from other types of tourism is that cities have a high density of diverse cultural offerings in a relatively small area, attracting different types of tourists.”* (Bock,2015, p.2)

¹⁶ Traduzido a partir do original. *“A number of factors may have contributed to the rising popularity of city tourism. Firstly, urbanization is believed to rein-force the trend towards city tourism as people living in cities are more likely to associate with cities and the more they are inclined to visit other cities [37]. Secondly, without doubt the proliferation of low cost carriers has had a major impact on the popularity of city trips, mainly due to the fact that they made flights more affordable to the masses, but also because they expanded and improved flight networks, thus offering more city destination options and making them more accessible from a growing number of departure points than in the past, consider-ably decreasing travel times.(...) Thirdly, as the proportion of the population taking several trips per year continues to grow, there is a tendency towards an increasing number of shorter holidays rather than just one main holiday per year [8, 17,34].(...) Finally, peoples perceptions of cities as tourist destinations has been*

Ao serem apresentados aos turistas um conjunto de opções para experienciar o que a cidade tem de melhor, o gosto do próprio viajante muda conforme as tendências. E as cidades estão prontas para criarem serviços e renovarem certas áreas para promover o destino como atrativo, isto é designado como hiperespecialização dos serviços turísticos e renovação urbana, por outras palavras, turistificação e gentrificação.

A gentrificação e a turistificação denotam ser processos complexos que têm sido temas de estudo para investigadores de várias áreas, desde a ciência às artes, em múltiplas partes do mundo. Em Lisboa, este fenómeno tem sido observado nos bairros históricos tais como, Alfama, Bairro Alto, Mouraria e Graça, áreas que tradicionalmente abrigavam moradores mais pobres. Com o aumento do número de turistas na cidade, estes bairros estão a ser caracterizados como lugares atrativos para a instalação de hotéis, restaurantes e lojas de *souvenirs*¹⁷, o que posteriormente tem um efeito direto na vida dos moradores locais como também consequências na cultura, na memória e na identidade dos bairros.

Tal como referido anteriormente, um dos estudiosos desses fenómenos, em especial da gentrificação, é Camilo Vergara, fotógrafo e sociólogo chileno-americano que nasceu em 1944 e registou por via de documentação fotográfica as mudanças urbanas a longo prazo nas cidades americanas gentrificadas.

Um dos casos de Vergara (2013) é a obra sobre *Harlem: The Unmaking of a Ghetto*, onde este aponta que os edifícios e as estruturas numa paisagem urbana são muito mais do que meros objetos físicos estáticos.

changing. Nowadays, travellers no longer regard a city merely as an entry, exit, or transit point, but as a destination in its own right.” (Bock, 2015, p.2).

¹⁷ Lembranças

Os edifícios e as estruturas em qualquer paisagem urbana são ligações físicas ao passado, a expressão tangível da história, a nossa memória urbana partilhada. Muitas vezes, eles incorporam as lembranças intangíveis da maneira mais pessoal. (Vergara, 2013, p.VII)¹⁸

Para o autor, a preservação destes edifícios é fundamental para dar continuidade à identidade urbana e para a memória coletiva da cidade, este demonstra interesse em evidenciar as diferenças entre as comunidades segregadas, marginalizadas e os bairros americanos considerados normais. Posto isto, a perda da identidade e a história dos bairros é prejudicial para a cidade como um todo.

Devido à imigração das pessoas com mais poder económico para bairros mais pobres, por vezes, há uma modificação da paisagem urbana. Com esta a troca, são construídos prédios mais modernos e lojas não representativas da cultura local. Apesar da existência de uma literatura mais recente a respeito da turistificação e da gentrificação, o tema continua um pouco sub-explorado, porque estes fenómenos continuam a crescer e é difícil medir de forma precisa estes impactos.

Deste modo, a pesquisa desenvolvida por Santos, Carvalho e Figueira (2012) permite uma compreensão mais aprofundada dos efeitos do turismo na cultura e na identidade. Ao analisar os processos da gentrificação, os bairros turísticos e as imigrações atraídas pelas cidades multiculturais, os autores salientam o possível conflito entre residentes e turistas para a preservação do património, ao apresentar o desenvolvimento turístico como um fator que deteriora a identidade do lugar e a qualidade de vida. Neste contexto, a fotografia surge como um meio de documentar esta transformação urbana que está a ser promovida pela gentrificação e pelo aumento do turismo.

E é aqui que a fotografia deve ser acompanhada. Juntamente com uma análise crítica dos efeitos que essas mudanças trouxeram para a vida dos moradores mais velhos, sem esquecer as características culturais da cidade.

Zukin (2010), socióloga urbana, sustenta a importância da documentação fotográfica, e que a mesma deve conter a beleza e a degradação da cidade, a fim de captar os complexos processos de metamorfose urbana, a gentrificação e o turismo.

¹⁸ Traduzido a partir do original: “*Buildings and structures in any city landscape are physical links to the past, the tangible expression of history, our shared urban memory. They often embody the intangible recollections in the most personal way.*” Vergara (2013, p.VII)

Não são apenas as lojas; as pessoas também estão diferentes. Em alguns bairros, artistas, atores, escritores de programas informáticos e músicos - os "hipperati" - encontram-se em cafés de calçada, tomam o brunch às duas da tarde e dirigem-se à meia-noite para espaços de atuação em armazéns e bares de música. (Zukin, 2010, p.7)¹⁹

Zukin aponta a evolução demográfica e cultural dos bairros gentrificados. Porque uma fotografia pode falsificar a realidade por um momento e pode revelar estabelecimentos enquanto atrações frequentadas por jovens profissionais criativos num típico *brunch*²⁰ com artistas de rua e músicos que se apresentam para multidões à noite. Os espaços de arte alternativa que ficam em armazéns abandonados, podem revelar outra possibilidade de o surgimento de um novo cenário cultural nos bairros que estão a ser gentrificados, onde os artistas e criativos estão a redefinir o tecido social e a atmosfera da região. É significativo, ainda, que se analisem criticamente as mudanças urbanas por uma perspetiva histórica e social, a gentrificação e a turistificação estão, por vezes, ligadas às questões de desigualdade social e histórica, como legado da escravidão e do colonialismo.

E para apontar a importância de construir uma comunidade, Hooks (2009), uma autora conhecida pelos seus livros sobre o racismo e a corrida entre as classes sociais menciona que:

O esforço para construir uma comunidade num contexto social de desigualdade racial (grande parte da qual é baseada na classe) requer uma ética de reciprocidade relacional, que é anti-dominação. (Hooks, 2009, p.87)²¹

A autora argumenta que construir relações baseadas no respeito mútuo e na cooperação, em vez de dominar ou explorar as comunidades. Hooks relembra que esta ética é necessária para abordar as questões subjacentes da desigualdade e injustiça que podem ser perpetuadas pela gentrificação ou outras formas de mudança social e económica.

¹⁹ Traduzido a partir do original: “*It isn't only the stores; the people are different too. In some neighborhoods artists, actors, computer software writers, and musicians—the hipperati—are hanging out in sidewalk cafés, eating brunch at 2 p.m., and heading off at midnight to performance spaces in warehouses and music bars.*” (Zukin, 2010, p.7)

²⁰ Uma refeição que combina elementos do pequeno-almoço (breakfast) e almoço (lunch).

²¹ Traduzido a partir do original: “*The effort to build community in a social context of racial inequality (much of which is class based) requires an ethic of relational reciprocity, one that is anti-domination.*” (Hooks, 2009, p.87)

A gentrificação pode de facto trazer benefícios visíveis à paisagem urbana, como a renovação de edifícios antigos, novas áreas verdes e infraestruturas, mas também pode prejudicar o aumento do preço dos alugueres e a expulsão das comunidades mais pobres, o que resulta depois em casas vazias ou abandonadas. O autor nos seus registos fotográficos no bairro americano de *Harlem*, analisa que de facto as imagens podem expor graficamente situações sociais e físicas que mudam para um novo cenário cultural. Para podermos ter uma visão mais completa à fase dos desafios das cidades em transformação, é relevante que a fotografia registre tanto os aspetos positivos quanto os negativos da mudança urbana. (Vergara, 2013, p.7)

Figura 5

Camilo Vergara, 1997, View northwest along West 115th Street From Fifth Avenue, Harlem



Livro (acedido 02/02/23, Harlem: The unmaking of a Ghetto, p.22)

Figura 6

Camilo Vergara, 2008, View northwest along West 115th Street From Fifth Avenue, Harlem



Livro (acedido 02/02/23, Harlem: The unmaking of a Ghetto, p.22)

A documentação fotográfica pode não só ajudar a colocar estes temas em discussão, como também promover uma análise mais aprofundada sobre a transformação urbana e as suas consequências para a sociedade. Porque com o surgimento destes acontecimentos, adquiriu-se um grande interesse em analisar os fenómenos que estão por detrás dos mesmos, como é o caso da turistificação e da gentrificação.

Neste projeto de investigação, exploramos o impacto da gentrificação e da turistificação em Lisboa, não questionando quais são as melhores soluções para combater estes fenómenos, mas sim mostrar o porquê de serem relevantes e urgentes na sociedade atual. Ao analisar os problemas complexos, tais como a urbanização e o crescimento populacional, a desigualdade de rendimentos.

A figura 7 retrata a popularidade dos passeios de *segway*²² nas cidades turísticas, que têm trazido com eles mudanças significativas que não só afetam os moradores mais velhos como também as características culturais dos bairros. O desenvolvimento exponencial do turismo pode, eventualmente, oferecer benefícios à cidade com a criação de novos negócios, por exemplo os passeios de *segway*, e automaticamente a criação de novos postos de trabalho. Mas, a comercialização excessiva pode levar ao aumento do custo de vida, o que torna depois a habitação e outros serviços mais caros para os moradores locais. Logo, esta situação resulta em problemas de gentrificação e o deslocamento da população original.

Se os passeios de *segway* continuarem a ser populares, os espaços públicos da cidade podem passar por transformações para atender somente às necessidades dos turistas. Os moradores mais velhos começam por sentir que a cidade está a aproximar-se das características de um "centro comercial" ou uma versão estereotipada de si mesma, ao perder as suas características tradicionais. Embora os passeios de *segway* possam ser vistos como uma alternativa mais sustentável em comparação a outros veículos motorizados, é importante considerar o impacto ambiental e social que estes possam causar. O aumento do número de turistas pode levar a problemas de superlotação, poluição e até mesmo danos no meio ambiente local, para além de que, a infraestrutura necessária para acomodar o turismo, tais como hotéis e restaurantes, pode contribuir para uma exploração excessiva dos recursos naturais e para a descaracterização dos bairros.

²² Segways são dispositivos de transporte pessoal autoequilibrados que foram popularizados no início dos anos 2000.

Figura 7

Gonçalo Gouveia, 2023, Turistas e Segways, Rua Marquês Ponte de Lima



A figura 8, retrata instruções em inglês num prédio, e sugere que existe uma forte presença de turistas e residentes estrangeiros na cidade. À medida que a cidade se torna cada vez mais voltada para o turismo, adquire-se uma tendência de adaptar certas formalidades às preferências dos turistas, em detrimento das tradições e características culturais locais. Estas alterações podem levar ao surgimento de uma "cultura de fachada"²³ que atende apenas aos estereótipos turísticos, enquanto os elementos culturais mais genuínos e profundos são ignorados.

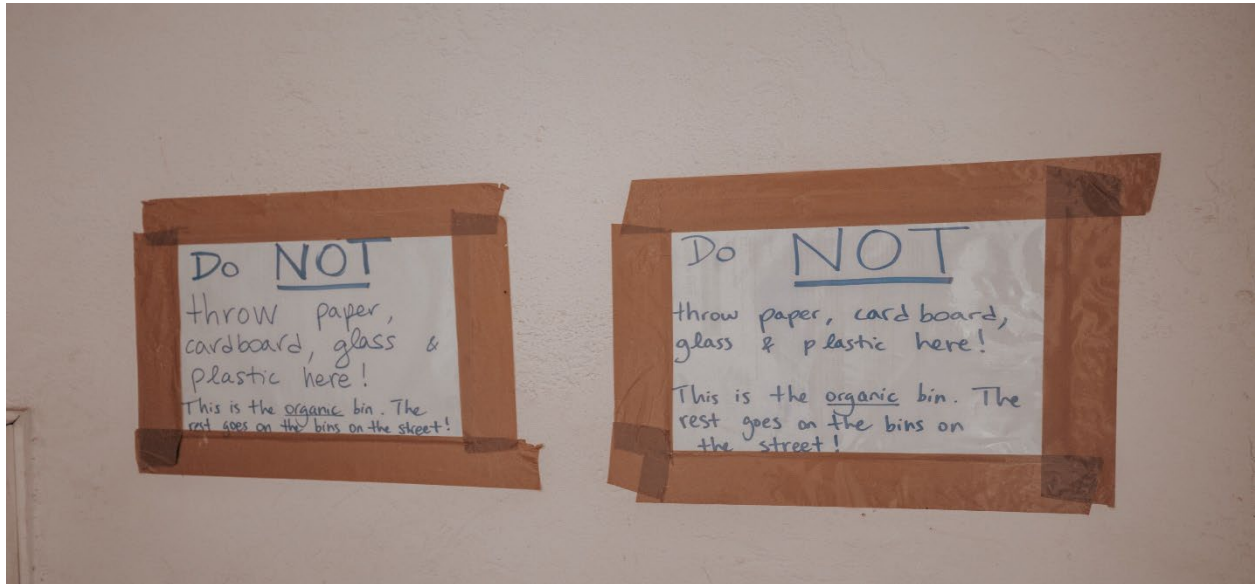
O aumento do preço dos imóveis e do custo de vida em geral é fortemente influenciado pelo constante aumento do turismo na cidade. Esta procura resulta na especulação imobiliária, o que

²³ Conceito encontrado num artigo do Diário de Notícias pelo autor Oliveira (2013)

leva depois à popularidade de alugueres de casas e à saída forçada dos moradores locais. Tudo isto resume a gentrificação. Sabe-se que a constante presença de turistas pode afetar a qualidade de vida dos moradores mais velhos.

Figura 8

Gonçalo Gouveia, 2023, Aviso para estrangeiros, Escadinhas na costa do castelo



3.2 - Gentrificação – contexto histórico.

A gentrificação é um processo que se tem tornado cada vez mais comum nas áreas urbanas de todo o mundo, com maior impacto no centro das grandes cidades. Envolve toda a transformação de um bairro pobre onde a classe baixa, a dominante, é obrigada a sair devido à imigração das classes mais altas, mas este processo de desenvolvimento urbano tem impactos positivos e negativos na comunidade.

Os primórdios do fenómeno têm a sua origem na história das cidades, mas tornou-se mais comum no século XX, depois da Segunda Guerra Mundial, com a reconstrução de muitas cidades europeias devido à destruição causada. O que levou a um aumento do crescimento económico para investirem em novas infraestruturas nas áreas residenciais e comerciais.

No ano de 1964, e graças à socióloga Ruth Glass (1964), a gentrificação foi amplamente reconhecida como um processo relevante e impactante no crescimento urbano dos bairros operários. A autora observou pela primeira vez esta tendência em Londres quando se apercebeu que os moradores originais estavam a mudar-se para as periferias, o que depois levou a que os bairros mais pobres fossem habitados pela classe média.

Um a um, muitos dos bairros da classe trabalhadora de Londres foram invadidos pelas classes médias – alta e baixa. Os bairros pobres e modestos e as casas de campo – dois quartos em cima e dois em baixo – foram ocupados, quando os seus contratos de arrendamento expiraram, e transformaram-se em residências elegantes e caras. As casas vitorianas de maiores dimensões, desclassificadas num período anterior ou recente – que eram utilizadas como casas de alojamento ou que estavam em ocupação múltipla – foram novamente valorizadas... Uma vez iniciado este processo “e "gentrificação" num bairro, ele prossegue rapidamente até que todos ou a maioria dos ocupantes originais da classe trabalhadora sejam deslocados e todo o carácter social do bairro seja alterado. (Ruth Glass 1964, p.xviii)²⁴

²⁴ Traduzido pelo original: “*One by one, many of the working-class quarters of London have been invaded by the middle-classes – upper and lower. Shabby, modest mews and cottages – two rooms up and two down – have been taken over, when their leases have expired, and have become elegant, expensive residences. Larger Victorian houses, downgraded in an earlier or recent period – which were used as lodging houses or were otherwise in multiple occupation – have been upgraded once again... Once this process of “gentrification” starts in a district it goes on rapidly until all or most of the original working-class occupiers are displaced and the whole social character of the district is changed*”(Ruth Glass 1964, p.xviii)

A autora observa que as moradias da classe mais pobre foram reaproveitadas pela classe mais rica, o que significa que as pessoas com maior poder de compra decidiram habitar e investir no imobiliário ao tornarem residências simples e modestas em casas elegantes e de preço elevado. Por fim, como resultado desse processo os moradores originais ficaram desalojados e o aspeto social do bairro ficou alterado, por outras palavras, a gentrificação alterou a composição socioeconómica urbana, o que tornou as casas difíceis de serem compradas pela classe mais baixa. Após o estudo de Glass (1964), cresceu um interesse de outros autores se dedicarem ao estudo da gentrificação e as suas consequências, um dos autores que é importante mencionar é Neil Smith (1996), um geógrafo americano que argumentou que o processo de gentrificação é impulsionado pelo capitalismo, que procura maximizar os seus lucros a partir da exploração dos bairros urbanos anteriormente pouco cuidados.

A racionalidade perversa do capitalismo imobiliário significa que os proprietários de edifícios e os promotores imobiliários obtêm uma dupla recompensa pela exploração de propriedades e pela destruição de edifícios. Em primeiro lugar, embolsam o dinheiro que deveria ter sido destinado a reparações e manutenção; em segundo lugar, tendo efetivamente destruído o edifício e criado um défice de renda, criaram para si próprios as condições e a oportunidade para toda uma nova ronda de reinvestimento de capital.”(Smith, 1996, p.21)²⁵

Para Smith (1996) a busca pelo lucro e a valorização dos imóveis podem levar a ações que priorizam o crescimento e a rentabilidade em detrimento da preservação e valorização do património histórico e cultural. Devido à pressão imobiliária, esta busca pode resultar na privatização dos espaços públicos e históricos, que limita o acesso da população em áreas de lazer e divertimento o que resulta também no empobrecimento da vida social urbana.

²⁵ Traduzido pelo original: “*The perverse rationality of real estate capitalism means that building owners and developers garner a double reward for milking properties and destroying buildings. First, they pocket the money that should have gone to repairs and upkeep; second, having effectively destroyed the building and established a rent gap, they have produced for themselves the conditions and opportunity for a whole new round of capital reinvestment.*” (Smith, 1996, p.21)

A figura 9 é uma imagem de um conjunto de azulejos perto do miradouro Nossa Senhora do Monte, que promove a cidade de Lisboa como um destino turístico, ao destacar uma batalha entre o tradicional e o moderno. Embora seja interessante ver a arte dos azulejos a ser utilizada para promover a cidade, é importante analisar os efeitos dessas mudanças na vida dos moradores mais velhos e nas características culturais da cidade de Lisboa.

Figura 9

Gonçalo Gouveia, 2023, Boa Viagem, Nossa Senhora do Monte



A figura 10 consiste em dois cartazes na parede do bairro da Mouraria em Lisboa que refletem as questões relacionadas com a gentrificação, turistificação. O primeiro cartaz, com a frase "Não existe caminho antes do caminhar", pode ser interpretado como uma referência aos fenómenos da gentrificação e da turistificação. A evolução urbana do bairro pode ter sido impulsionada por aqueles que possuem os recursos e poder para moldar as ruas conforme os seus interesses.

Pode haver também uma possibilidade de os moradores estarem a enfrentar dificuldades em acompanhar o ritmo das mudanças, e correr o risco de serem deslocados das suas casas e comunidades. No segundo cartaz, com a frase "Aqui também vive pessoa", parece ser uma mensagem direta em defesa dos direitos e da presença dos moradores. Este cartaz pode estar a

refletir a luta dos residentes mais velhos pela sua identidade e espaço devido à crescente atração turística.

Os bairros históricos de Lisboa são mais do que simples atrações turísticas, são lugares onde as vidas das pessoas se desenrolam, com as suas histórias, laços comunitários e tradições. A preservação desses aspetos culturais é fundamental para manter a autenticidade e a alma da cidade.

Estes efeitos na vida dos moradores mais velhos são diversos e com a pressão do turismo, pode levar à comercialização excessiva e à descaracterização dos bairros históricos, o que afeta a identidade cultural e a qualidade de vida dos moradores.

Figura 10

Gonçalo Gouveia, 2023, Luta contra o espaço, Rua dos Lagares



A figura 11 é uma imagem de um prédio abandonado em Lisboa, e retrata um símbolo forte sobre as transformações e as potenciais mudanças que a cidade tem passado. A presença de edifícios abandonados muitas das vezes está ligada ao declínio económico e social, que pode resultar em condições pouco agradáveis, o que por um lado pode ser uma oportunidade para a gentrificação. Quando os investidores compram imóveis numa zona degradada ou economicamente pobre, os mesmos transformam-se em propriedades de luxo ou até alojamentos locais para turistas, esta transformação leva ao deslocamento dos moradores mais velhos, perda da identidade cultural e ao aumento dos preços das casas, tornando-se numa impossibilidade de aquisição à classe pobre.

Figura 11

Gonçalo Gouveia, 2023, Prédio à venda, Largo das Olarias



3.3 - Turistificação – contexto histórico.

A turistificação é um fenómeno que envolve as áreas urbanas devido ao impacto do turismo. Geralmente as cidades e os bairros são as áreas que mais sofrem com o aumento significativo do número de turistas, o que depois resulta na alteração da paisagem urbana para satisfazer as necessidades e as preferências dos novos visitantes.

Este fenómeno não foi descoberto por uma pessoa em concreto, porque o turismo já existe desde que os estudantes finalistas praticavam o *Grand Tour*, para expandir o seu conhecimento numa certa área. Contudo, existem estudos em que a turistificação continua a ser um tema relevante, como é o caso da geografia, antropologia e sociologia.

O ensaio sobre a dádiva escrito por Mauss em 1925, é um ensaio onde o autor explica o sistema de dar e receber nas sociedades tradicionais. O ato da dádiva serve para criar laços e serviços entre comunidades, mas também reforça a solidariedade e a cooperação.

Neste caso, nas trocas é possível encontrar três princípios importantes (Mauss, 1923, p.50):

1. Dar. – É preciso ter generosidade em estabelecer uma relação com o destinatário, é uma forma de demonstração do *status* e poder do doador, ao criar uma forma de ligação entre as partes envolvidas.
2. Receber. - Ao aceitar um presente, significa reconhecer e confirmar a relação estabelecida pelo doador. Se recusar o presente, pode ser considerado um insulto ou uma rejeição de um relacionamento.
3. Retribuir. - É talvez a parte mais importante do sistema de dádivas. O destinatário deve retribuir a dádiva em algum momento, geralmente com algo de valor igual ou superior.

Mas como este “ensaio sobre a dádiva” tem haver com a hiperespecialização do turismo?

Apesar da obra de Mauss não se tratar especificamente do turismo, é possível encontrar relações entre os conceitos apresentados e as interações que os visitantes têm com as comunidades locais. Vejamos os exemplos:

1. Dar. No âmbito do turismo, os turistas trazem consigo a riqueza financeira e cultural, que é repassada para as comunidades locais através do consumo de bens, serviços e outras experiências turísticas.
2. Receber. Os moradores locais, por sua vez, recebem estes novos turistas e os “presentes” que trazem promovendo o estreitamento de relações internacionais.
3. Retribuir. Os moradores locais retribuem aos turistas, ao compartilharem a sua cultura, história, paisagens urbanas e alojamentos. Esta gratificação pode significar uma forma de novas experiências e boas-vindas.

Estas trocas simbólicas nas interações entre turistas e comunidades locais podem ser usadas para compreender a troca de símbolos e os laços criados entre os visitantes e a população local. Mas, no caso de muitas cidades, como Lisboa, o turismo tem estado a aumentar descontroladamente, o que pode gerar consequências, tais como os turistas não contribuírem significativamente para a economia local. Os visitantes ao não respeitarem a cultura local adequadamente, podem causar degradação e perda da identidade, o que depois faz com que as tradições das comunidades locais desapareçam. A falta de consideração pelo sistema de dádivas, pode causar problemas e conflitos entre os visitantes e os moradores, uma vez que os interesses e as necessidades foram mal compreendidos. E por último, se as comunidades não quiserem retribuir para com os turistas, os mesmos ficam insatisfeitos com a experiência e recusam-se a voltar.

Oliveira (2019) no seu estudo sobre o turismo de massas e os possíveis impactos que podem causar nos grandes centros das cidades, menciona um movimento ativista sobre as transformações que o turismo trouxe à cidade de Lisboa:

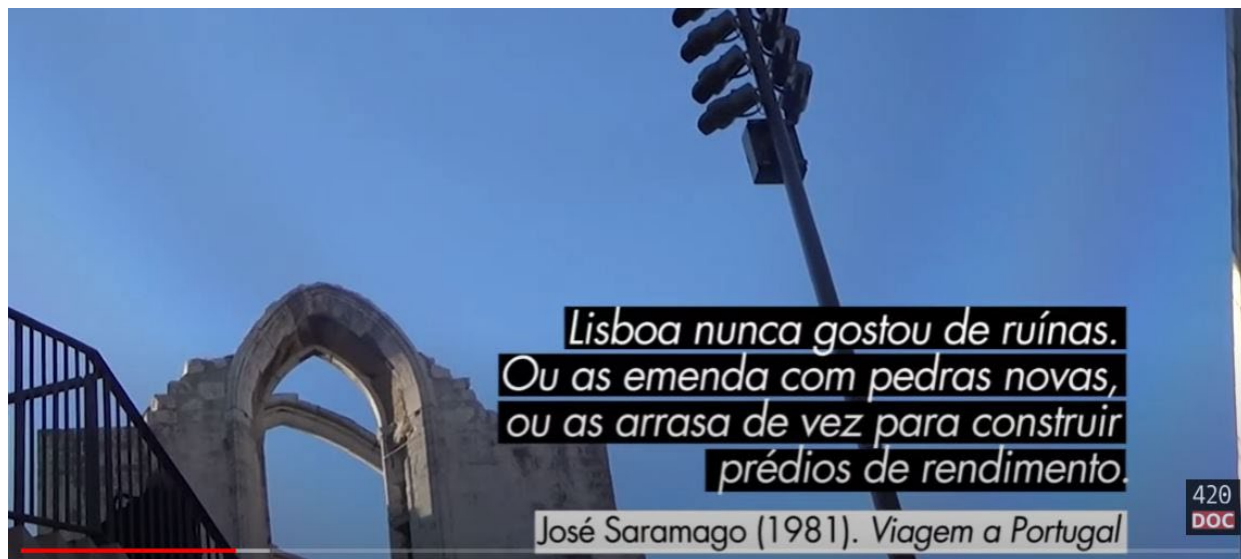
Ambas as associações referem no seu manifesto (em anexo) a falta de habitação para os residentes, os despejos e a dificuldade de usufruto de espaços públicos, sociais e culturais visto que estes são para fins turísticos, foi realizado ainda um documentário que aborda a turistificação lisboeta designado de “Terramotourism. (Oliveira, 2019, p.46)

Oliveira (2019) menciona os principais problemas que estão a ser enfrentados devido ao turismo em massa e à turistificação, mas refere em especial um documentário intitulado *Terramotourism*, que tem como tema a turistificação de Lisboa. Este documentário explora os impactos negativos do turismo em massa na cidade e como afeta a vida dos residentes locais, destacando os problemas

mencionados por Oliveira no seu manifesto. O vídeo poderá servir como uma ferramenta de conscientização e educação sobre a hiperespecialização do turismo.

Figura 12

Documentários à Esquerda, 2016, *Terramotourism*



Youtube (acedido em 23/01/23 <https://www.youtube.com/watch?v=i5xAh-V9DpQ&t=451s>)

Figura 1

Documentários à Esquerda, 2016, *Terramotourism*



Youtube (acedido em 23/01/23 <https://www.youtube.com/watch?v=i5xAh-V9DpQ&t=451s>)

A figura 14 retrata uma rua com algumas pessoas, mas o que se destaca é a presença do *GoCar*²⁶, que consiste numa forma popular de explorar a cidade de Lisboa. Por um lado, estes veículos estimulam o turismo ao atrair novos visitantes, promovendo maneiras mais convenientes e acessíveis de explorar a cidade para aqueles que preferem a opção de transporte guiado.

Mas, com a crescente presença destes *GoCars* apenas estamos a contribuir para o aumento do trânsito em certas áreas da cidade, o que depois afeta a qualidade de vida dos moradores.

Figura 2

Gonçalo Gouveia, 2023, Uma experiência turística perfeita, Rua do Comércio



Na figura 15 é retratado um grupo de pessoas e *tuk-tuks*²⁷ reunidas em torno de uma roulotte comercial para comprar limonada artesanal, o que reflete os efeitos do turismo em Lisboa. Negócios como a venda de limonada artesanal e os passeios turísticos em *tuk-tuks* podem trazer benefícios económicos para a cidade, ao atenderem às necessidades dos turistas em busca de experiências únicas.

²⁶ São veículos compactos de aluguer destinados a passeios turísticos em algumas cidades ao redor do mundo.

²⁷ São veículos são amplamente utilizados como meio de transporte e também são comuns para passeios turísticos em áreas urbanas e rurais.

A crescente necessidade em atender às expectativas dos turistas, resulta na comercialização excessiva no local, e a substituição de elementos culturais locais por experiências estereotipadas.

Figura 15

Gonçalo Gouveia, 2023, O largo dos turistas, Miradouro da Nossa Senhora do Monte.



A figura 16 é um beco que se encontra perto do Martim Moniz que reflete a transformação de um local de comércio português para uma área com diversos restaurantes de kebabs²⁸.

Esta crescente presença de uma grande variedade de restaurantes de kebabs num só beco pode ser vista como um reflexo da crescente influência da gastronomia do Médio Oriente e da grande diversidade cultural dos bairros. Por um lado, isso pode ser visto como uma oportunidade para os moradores e visitantes experimentarem diferentes culturas e sabores, ao enriquecer a oferta gastronómica de Lisboa. Mas a substituição de estabelecimentos comerciais tradicionais, por franquias de kebabs, pode levar à perda gradual do que é característico do local e da história da região. Isto pode impactar negativamente a sensação de quem pertence ao bairro e a preservação das características culturais e patrimoniais da cidade

²⁸ São pratos populares e saborosos que são originários do Oriente Médio e têm se espalhado por muitas partes do mundo.

Figura 16

Gonçalo Gouveia, 2023, Beco dos Kebabs, Beco dos Cavaleiros



3.4 - Interligação entre a gentrificação e a turistificação.

Quer a gentrificação, quer a turistificação são fenómenos urbanos que ocorrem em diversas cidades no redor do mundo, chegando mesmo a afetar paisagens e a composição demográfica, como também os bairros e as suas identidades.

A gentrificação é caracterizada como uma revitalização das áreas urbanas mais degradadas, e com a chegada de uma classe mais alta, o valor dos imóveis tende a subir e os moradores locais são obrigados a morar nas periferias. Por outro lado, a turistificação são as transformações urbanas que servem para atender às necessidades dos turistas, isto inclui as atrações turísticas e as infraestruturas.

Da investigação observada até ao momento destacam-se dez pontos que podem ser assinalados desta ligação:

1. Deslocamento dos moradores. Com o aumento do custo de vida, os moradores que pagam rendas baixas, são obrigados a sair.
2. Aumento da desigualdade socioeconómica. A segregação da população que dificulta a mobilidade social.
3. Destruição da identidade local. Perdem-se as tradições e as práticas culturais, à medida que os espaços são alterados para satisfazer os turistas.
4. Perda de património arquitetónico. Desaparecem as características arquitetónicas únicas.
5. Sobrecarga das infraestruturas e dos serviços. Sobrecarga dos transportes públicos, escolas, hospitais e jardins.
6. Comercialização excessiva. Proliferação de lojas e restaurantes virados para o turismo, o que leva ao desaparecimento de lojas e negócios locais que são essenciais para os moradores.
7. Problemas ambientais. Pressão sobre os recursos naturais, que contribui para a poluição.
8. Turismo insustentável. Para sustentar o turismo num curto espaço de tempo, esgotam todos os recursos culturais e naturais.
9. Conflitos entre moradores e turistas. Gera tensões e conflitos entre moradores e turistas, o que afeta negativamente a coesão social e a qualidade de vida.

10. Dependência económica. Com o turismo a ser demasiado excessivo, pode tornar os centros urbanos dependente do setor, o que depois gera mais problema em tempos de crise económica.

3.4.1 - Exemplo 1 - Cidade de Londres.

Londres, a capital do Reino Unido, é outro exemplo que marca a complexa interação entre a gentrificação e a turistificação.

Esses fenómenos têm desempenhado um papel significativo na transformação da paisagem urbana, e Londres destaca-se como um caso relevante para entender esta dinâmica. A comparação entre Londres e Lisboa, por exemplo, revela o porquê de a cidade britânica ser frequentemente utilizada como um estudo de caso nesta área de investigação, como já mencionado anteriormente, o caso de estudo de Ruth Glass em 1964. À medida que a cidade se tornou um dos centros globais para os negócios e turismo, algumas das áreas das cidades, após serem abandonadas, foram revitalizadas e acabaram por atrair investimentos estrangeiros e consequentemente, a deslocação da classe média/ alta para os bairros mais pobres. Este processo de gentrificação intensificou-se em bairros como Shoreditch, Notting Hill e Brixton, onde a antiga identidade e comunidade foram profundamente transformadas.

Ao mesmo tempo, a turistificação tem sido evidente nos locais mais icónicos de Londres, como o Palácio de Buckingham, a Torre de Londres e o bairro de *Camden Town*. A crescente procura turística levou à excessiva comercialização destes espaços, com a abertura de lojas de lembranças, restaurantes e hotéis direcionados para os visitantes, muitas vezes à custa da autenticidade local. A comparação entre Londres e Lisboa é interessante pois, embora ambas as cidades enfrentem desafios relacionados à gentrificação e turistificação, os seus contextos e trajetórias são distintos. Lisboa, capital de Portugal, experienciou um *boom* turístico mais recente, trazendo consigo mudanças significativas na paisagem urbana e social. A análise desta comparação permite-nos compreender melhor os fatores socioeconómicos, políticos e culturais que contribuem para esses fenómenos e as diferentes formas como as cidades respondem aos mesmos.

Para exemplificar melhor, o fotógrafo português Matos (2013) e a sua exposição *Documenting East London* documentou a transformação urbana do lado mais este de Londres, ao longo dos anos.

Nas suas fotografias retrata a cidade em constante mudança, com edifícios modernos e novas pessoas que contrastam com os antigos bairros da área.

Ao longo dos anos, e após milhares de fotografias, Documenting East London tornou-se num corpo de trabalho a longo prazo. Tornou-se uma perspectiva fotográfica assumidamente pessoal sobre esta parte da cidade. Mas também uma série visual que cobre, indiretamente, diferentes e importantes camadas de fenómenos sociais e culturais que estão a ocorrer em Londres nos dias de hoje. Um exemplo é o impacto da gentrificação e a forma como esta alterou a paisagem social da cidade, bem como outros aspectos culturais com ela relacionados. (Matos, 2013)²⁹

O seu trabalho não só documenta os aspetos físicos da área, mas também como conseguiu captar indiretamente as mudanças sociais e culturais que estão a acontecer em Londres. O fotógrafo português sugere que as suas fotografias permitem ver o impacto da gentrificação na paisagem social da cidade. Com as suas fotografias, Matos captou as mudanças físicas na área, bem como o impacto dos seus moradores e as práticas culturais que podem desaparecer.

A figura 17 representa um grupo de pessoas reunidas em torno de uma árvore, sugere-se uma comunidade de jovens que possivelmente se juntaram ali devido à proximidade geográfica, interesses comuns ou necessidade de pertencer a um grupo. Este aspeto sugere uma mudança na estrutura social do bairro, com os jovens possivelmente desempenhando um papel mais dominante na definição do carácter da área. No pano de fundo temos a presença de um grande edifício de tijolo com grandes cartazes afixados podendo indicar a comercialização do espaço, o que pode também afetar negativamente o local e a experiência dos moradores. A atmosfera geral da fotografia, descreve uma cultura juvenil urbana, o que sugere que há uma expressão viva na identidade e diversidade nesta área. No entanto, esta mudança cultural pode ser uma faca com duas pontas para os moradores mais velhos. Por um lado, pode adicionar uma certa vitalidade e novas oportunidades na área, mas por outro, pode ameaçar a cultura e os costumes existentes, o que leva a um sentimento de deslocamento ou perda de identidade.

²⁹ Traduzido pelo original: *“Throughout the years, and after thousands of photographs, Documenting East London became a long-term body of work. It became an assumed personal photography perspective about this part of the city. But also, a visual series covering, indirectly, different and important layers of social and cultural phenomena that are occurring in London nowadays. One example is the impact of gentrification and how it has changed the social landscape of the city, as well as other cultural aspects related to it.”* (Matos, 2013)

No que diz respeito às características culturais da cidade, a diversidade da cultura juvenil sugere uma assimilação de diferentes culturas no mesmo espaço, o que reflete a natureza multicultural de Londres. O que pode promover a tolerância e o respeito mútuo, mas também pode gerar conflitos e tensões culturais.

Figura 17

José Sarmiento Matos, 2013, Documenting East London



Website (acedido em 15/02/23 <https://www.josesmatos.com>)

A figura 18 demonstra um retrato rico e diversificado da vida urbana, um conjunto de diferentes culturas a partilharem um espaço comum. A diversidade cultural e a coexistência harmoniosa num espaço público como um jardim é um testemunho da evolução urbana e da globalização. Este cenário realça a aceitação mútua e o intercâmbio cultural que se tornou cada vez mais importante nas cidades modernas.

Do ponto de vista cultural, a entrada de diversos grupos de pessoas pode enriquecer a cidade com novas tradições, linguagens, gastronomia e formas de arte, que podem coexistir com as existentes, acabando por criar uma mistura única.

Para além disso, a gentrificação, muitas vezes é acompanhada pela globalização e pela diversificação, o que pode levar ao aumento dos preços da habitação e do custo de vida, o que torna mais difícil para os moradores manterem a sua qualidade de vida.

Figura 18

José Sarmento Matos, 2013, Documenting East London



Website (acedido em 15/02/23 <https://www.josesmatos.com>)

3.4.2 - Exemplo 2 - Cidade de Barcelona.

Um exemplo que demonstra a interação entre a gentrificação e a turistificação é a cidade de Barcelona. Esta análise torna-se relevante quando comparamos Barcelona com Lisboa, o que permitiu-nos compreender o porquê de a cidade catalã ser frequentemente utilizada como um estudo de caso nesta área de investigação.

No documentário *Bye Bye Barcelona* dirigido por Eduardo Chibás (2014), são abordados os impactos negativos que a cidade espanhola tem experienciado devido ao rápido desenvolvimento do turismo nas últimas décadas e como estes dois fenómenos levaram a uma série de questões. Uma citação marcante dita por um morador: "*Barcelona se está muriendo, se está convirtiendo en un parque temático para turistas*". Traduzido será, Barcelona está a morrer, está a transformar-se num parque temático para turistas. Esta é a preocupação central, a transformação de Barcelona num espaço somente para o turismo, e está a destruir a sua identidade, cultura e habitantes locais. Uma cidade que está a perder sua essência e autenticidade, ao tornar-se um espaço cada vez mais genérico e orientado para o consumo turístico.

Kohan (2013), é um fotógrafo espanhol que participou também no documentário *Bye Bye Barcelona*, que na sua obra destaca, principalmente na área da fotografia de rua e do fotojornalismo, uma coleção de fotografias onde se pretende captar a vida quotidiana de um dos locais mais emblemáticos de Barcelona, a rua La Rambla. O autor através das suas fotografias, procura a essência da vida urbana e da diversidade cultural que tem sido desenvolvida no centro da cidade, ao documentar a interação entre os turistas e os moradores.

Figura 19

Eduardo Chibás, 2014, Bye Bye Barcelona



Youtube (accedido em 3/02/23 <https://www.youtube.com/watch?v=kdXcFChRpmI&t=431s>)

Figura 20

Eduardo Chibás, 2014, Bye Bye Barcelona



Youtube (accedido em 3/02/23 <https://www.youtube.com/watch?v=kdXcFChRpmI&t=431s>)

A figura 21 retrata uma cena típica da vida urbana e turística na rua de La Rambla.

Barcelona como um destino turístico popular atrai pessoas de diferentes partes do mundo. Pode observar-se o escaldão nas costas, isto indica uma exposição prolongada ao sol, o que sugere que a mesma pode ser uma visitante proveniente do norte da Europa. A presença desta turista em frente a uma montra repleta de fotografias variadas, que representa a La Rambla como um local turístico e reflete o interesse dos visitantes em explorar e experimentar a cidade.

Porém, a fotografia também suscita algumas questões sobre o excesso do turismo e a sua relação com a cultura local. Pois devido ao grande fluxo de turistas, este pode resultar na superlotação, no trânsito e a pressão sobre os recursos da cidade.

Figura 21

Marc Javierre Kohan, 2012-2013, Tourist Walk



Website (acedido em 4/02/23 <https://marcjavierre.com>)

-A figura 22 tem um elemento semelha-nte à figura 14, mas com uma composição diferente. Esta fotografia consiste num conjunto de *GoCars* em fila indiana, com turistas a divertirem-se e a explorar a cidade.

Estes *GoCars* podem trazer benefícios para a cidade, como um estímulo ao turismo e gerar e capital para a economia local, ao oferecer aos turistas uma maneira divertida e conveniente de explorar a cidade e proporcionar uma experiência única e informativa. Mas a presença de uma fila de *GoCars* nas ruas pode contribuir para o trânsito de automóveis, o que pode afetar a qualidade de vida dos moradores mais.

Figura 22

Marc Javierre Kohan, 2012-2013, Tourist Walk



Website (acedido em 4/02/23 <https://marcjavierre.com>)

A figura 23 apresenta uma cena urbana interessante, onde duas varandas estão destacadas num edifício característico e bem conservado. É possível ver a placa em espanhol na varanda inferior a indicar que o edifício é um hostel, e temos também a bandeira da Catalunha hasteada na fachada do edifício que mostra o orgulho e a identidade regional. Na varanda inferior, há uma jovem solitária que desfruta tranquilamente o momento ao observar o que está a acontecer na rua. Já na varanda superior, há um grupo de seis pessoas, que estão a tirar algumas fotos, e estes poderão ser turistas que querem aproveitar a vista panorâmica do local. Esta imagem pode não ser interessante para alguns, mas a fotografia capturada por Kohan, parece querer chamar à atenção para a vida de uma cidade catalã, ao destacar a presença do turismo e da cultura local. No entanto, pode levantar algumas questões sobre como os turistas reagem e compartilham um espaço público e qual é o papel do turismo na formação da identidade de um local.

Figura 23

Marc Javierre Kohan, 2012-2013, Tourist Walk



Website (acedido em 4/02/23) <https://marcjavierre.com>

3.4.3 – Exemplo - Cidade de Lisboa.

Nas canções escritas pela fadista, Amália Rodrigues, uma reconhecida artista que sempre atribuiu emocionantes elogios sobre Lisboa, descreveu a cidade como uma amante apaixonada, personificando-a com características femininas e sensuais. Cantou sobre os seus becos antigos e as igrejas sombrias, sobre como a cidade é "tão triste e tão bela ao mesmo tempo". Um tributo comovente a uma cidade cheia de história e charme. Com monumentos e edifícios antigos espalhados por todo o território, contando também com um vasto conjunto de arte contemporânea viva. Para dar continuidade acerca da beleza desta cidade portuguesa, Palla e Martins (1959), ambos fotógrafos e arquitetos, produziram “Lisboa, cidade triste e alegre”, um ensaio visual que retrata esta cidade e a sua população através de registos fotográficos, uma obra que é considerada um clássico e pioneira da fotografia portuguesa contemporânea. Duarte (2013), escreveu uma série de reflexões que têm como objetivo apresentar o devido valor desta obra que retrata Lisboa nos anos 50:

Os anos 50 são uma das épocas mais prolíferas da fotografia portuguesa, embora só recentemente se comece a prestar-lhe alguma atenção. De facto, nessa altura, a fotografia nacional começou a ter um certo impacto na sociedade, graças particularmente a este livro que, contudo, não teve o reconhecimento do seu tempo. (Duarte, 2013, p.506)

A tendência nos anos 50 era a fotografia de salão, onde os fotógrafos reproduziam imagens de paisagens pastorais e naturais, com o objetivo de participarem e ganharem concursos de fotografia. Para quebrar o ritmo dessa tendência, o ensaio citado anteriormente trouxe o desenvolver do fotojornalismo em Portugal. Graças ao trabalho de Palla e Martins (1959) a cidade de Lisboa começa por ser descrita como uma paisagem, não uma paisagem natural, mas sim urbana.

A cidade era comparada ao corpo humano, ao usar metáforas de artérias e expressões como o “coração da cidade” para se referir à região central. Esta não é apenas uma composição física constituída por edifícios, automóveis e pessoas, mas também é caracterizada como um local de convivência que atrai artistas de diversas áreas. Lisboa é uma cidade histórica e cultural, com uma arquitetura antiga e valiosa que se tornaram importantes exemplos da cultura portuguesa (Duarte,2013).

Deste modo, com este projeto de investigação, cresceu dentro de mim um interesse em explorar o desenvolvimento da cidade e conhecer Lisboa como um lugar que oferece uma variedade de experiências, desde a culinária portuguesa até à vida noturna agitada de bares e clubes espalhados pelas ruas fora. Mantendo o ponto de vista de Duarte (2013), o autor assinala que Lisboa é uma cidade conhecida pelo seu gosto da arte contemporânea, que inspira todo o tipo de artistas. Refere que cidade é pano de fundo para diversos filmes, romances, quadros e fotografias. Para dar início a este projeto, a fotografia será a ferramenta condutora para a análise do que está a afetar Lisboa, mesmo que não seja possível experienciar essa mudança a olho nu.

Conforme Barthes (1980), uma fotografia pode congelar uma imagem no tempo, mas nunca poderá recriar verdadeiramente a experiência existencial do momento., Este momento nunca poderá ser totalmente replicado por uma reprodução mecânica, tal como uma fotografia. O autor ao comparar a fotografia ao momento da mesma é algo surreal, pois, uma vez que captura um momento, este nunca mais poderá ser recuperado. Ao contrário da memória, que é viva e flui, a fotografia é uma imagem estática que captura apenas uma fração do momento real. A fotografia é sempre uma representação subjetiva da realidade, moldada pelas escolhas do fotógrafo e pelos processos técnicos envolvidos na captura e revelação da mesma. No entanto, os processos técnicos que serão desenvolvidos durante este projeto, que visam a captura e revelação da imagem, poderão ter um impacto significativo na aparência final da fotografia. Estes processos irão mostrar como estes elementos combinados poderão resultar numa mensagem única que reflete como experienciamos esta realidade de uma forma mais detalhada.

As figuras 24 e 25 são fotografias que apresentam duas perspetivas diferentes sobre o turismo em Lisboa.

A figura 24, representa o turismo em massa que indica a popularidade crescente da cidade nos últimos anos, ao mostrar um grande grupo de turistas, podendo resultar na superlotação dos meios de transporte (atualmente em requalificação) que agrava a situação destes meios de transporte. Esta fotografia levanta algumas questões sobre os efeitos negativos da superlotação causada pelo turismo em massa. No entanto os moradores podem estar a enfrentar dificuldades na utilização dos serviços de transporte público, com mais pessoas dentro dos transportes e a sensação da falta de espaço para si mesmos, o que acaba por impactar negativamente a qualidade de vida. Já a figura 25, apresenta uma abordagem mais focada num indivíduo que procura orientação para explorar a

cidade por conta própria. Esta fotografia sugere uma busca por algo diferente e autêntico, com uma vontade de experimentar a cultura local de forma mais genuína. Pode também ser interpretado como um movimento de resistência à comercialização excessiva do turismo e ao turismo em massa.

Figura 24

Gonçalo Gouveia, 2023, Descoberta por Lisboa, Metro da Alameda



Figura 25

Gonçalo Gouveia, 2023, Descoberta por Lisboa, Metro da Alameda



A figura 26 consiste numa fotografia onde são retratadas duas turistas a passear numa rua após fazerem compras num supermercado. Esta imagem pode evocar um pouco o consumo da experiência turística, ao envolver aspetos como comida, lembranças e outros itens. As turistas podem estar em busca de novas experiências que transmitam a beleza do ambiente urbano português. Por um lado, o turismo e o conseqüente consumo de produtos e serviços podem ter impactos económicos positivos para a comunidade local. O comércio local pode beneficiar do aumento da procura por alimentos específicos, lembranças e outros produtos relacionados ao turismo. Como também o contato com turistas de diferentes culturas pode trazer uma troca de conhecimentos e perspectivas enriquecedoras para os moradores. À medida que os negócios começam a satisfazer as necessidades dos turistas, pode ocorrer uma diminuição da autenticidade cultural seguido de uma versão mais comercializada e estereotipada. O que resulta na perda de identidade e das características culturais distintas do mercado.

Figura 26

Gonçalo Gouveia, 2023, Passeio de Turistas, Rua Camâra Pestana



A figura 27 retrata uma parede amarela com a frase a dizer "fck airbnb", que representa uma clara mensagem de frustração e raiva em relação ao impacto dos alojamentos locais promovidos pela plataforma online Airbnb³⁰. Esta mensagem simboliza a resistência ao turismo em massa que ocorre nas residências, direcionadas principalmente para fins turísticos e ilustra a preocupação com o aumento dos preços dos alugueres e o despejo de moradores. Esta fotografia abre espaço para debates sobre os benefícios e desvantagens dos alojamentos locais. No entanto, a oferta deste tipo de acomodações para turistas vai além da necessidade dos mesmos. Isso pode levar ao deslocamento de comunidades locais, à gentrificação de bairros inteiros e à perda da identidade cultural e social.

³⁰ É uma plataforma online que conecta pessoas que têm habitações disponíveis para alugar (como casas, apartamentos, quartos individuais e até mesmo acomodações únicas, como casas na árvore) a viajantes à procura de lugar para estar temporariamente.

Figura 27

Gonçalo Gouveia, 2023, Raiva pelo AirBnb, Rua Câmara Pestana



A figura 28 retrata uma lata de sardinhas à venda na zona do Chiado, em Lisboa, decorada com elementos da cultura Pop. Esta fotografia representa uma estratégia do comércio local para atrair mais turistas para a área e persuadi-los a comprar estes produtos. Ao utilizar elementos de cultura local, como a sardinha, um petisco tradicionalmente apreciado em Lisboa, e adicionar um design atrativo para que os turistas procurem criar uma lembrança única.

Mas, estas mudanças no comércio local também podem ter impactos na vida dos moradores mais velhos e nas características culturais da cidade. O foco cada vez maior no turismo em massa e no comércio voltado para os visitantes, que pode levar à descaracterização da cultura local, dos produtos ou símbolos tradicionais que são muitas vezes transformados em elementos comercializados. O aumento desta popularidade de certos produtos, leva ao aumento dos preços. Uma simples transformação de uma lata de sardinhas num produto altamente popular e desejado pelos turistas pode levar a um aumento no preço, e afetar a acessibilidade para os moradores mais desfavorecidos.

Figura 28

Gonçalo Gouveia, 2023, Sardinha de Decoração, Rossio



3.5 - Entrevistas e Inquérito.

O processo adotado para a realização das entrevistas neste estudo foi desenvolvido por uma abordagem mais estruturada, em que os objetivos do estudo foram definidos na fase inicial, que identificam as temáticas pertinentes e as questões-chave relativas à gentrificação e ao impacto turístico nos bairros históricos de Lisboa. A seleção dos participantes foi realizada enquanto fotografava pelas ruas dos bairros e optou-se por uma tentativa de encontrar moradores mais diversificados, dos mais velhos para os mais novos, de forma a abranger diferentes perspetivas e experiências em relação à gentrificação e ao turismo.

A abordagem inicial aos participantes foi realizada através de perguntas abertas informais para perceber o seu ponto de vista com os fenómenos urbanos. A fase subsequente consistiu na preparação das questões para as entrevistas, com base nos objetivos da pesquisa. As questões foram concebidas para explorar as temáticas relevantes e recolher informações detalhadas sobre as suas experiências. Foram utilizadas técnicas de escuta ativa e empatia para promover um ambiente acolhedor e encorajador, que permitiu aos participantes expressarem-se livremente. Simultaneamente, foi efetuado o registo das respostas dos participantes, em anotações escritas e fotografias, garantindo, assim, a integridade e a precisão dos dados recolhidos.

Após a conclusão das entrevistas, foi realizada uma análise qualitativa dos dados recolhidos. Este processo envolveu a identificação de temas comuns, padrões e divergências nas respostas dos participantes. Por fim, a interpretação e apresentação dos resultados foram realizadas, ao comparar os resultados obtidos com a literatura existente sobre a temática.

3.5.1 - Entrevistas.

As mesmas foram realizadas tanto pessoal como virtual, num formato semiestruturado, com perguntas abertas, o que permitiu aos participantes ter flexibilidade para discutir opiniões e outras perspetivas mais aprofundadas. Tal como já referimos, no trabalho de Yin (2009), o próprio defende que:

Em contrapartida, se quisesse saber "por que razão" ocorreram os motins, teria de recorrer a um conjunto mais vasto de informações documentais, para além de realizar entrevistas; se se centrasse na questão "por que razão" em mais do que uma cidade, estaria provavelmente a realizar um estudo de casos múltiplos. (Yin, 2009, p.7)³¹

Existe uma diferença entre as perguntas de pesquisa que procuram apenas descrever um fenómeno (como por exemplo, "O que aconteceu?") e aquelas que procuram entender as razões subjacentes para esse fenómeno (por exemplo, "Porque é que ocorreram?"). Porque, quando uma pessoa está a ser entrevistada e tenta descrever o que aconteceu, é possível obter as informações necessárias apenas com entrevistas, embora, se estiver a tentar entender o porquê de algo ter acontecido, normalmente é preciso de mais do que apenas este método de trabalho. Logo, é fundamental realizar uma análise abrangente dos diversos tipos de fontes, isto inclui jornais, relatórios e publicações nas redes sociais, a fim de obter uma compreensão aprofundada dos fenómenos em questão.

Mas, para obter as informações necessárias, foram analisadas 6 entrevistas a velhos moradores e 2 jovens recém moradores de diferentes bairros de Lisboa, como a Mouraria, Alfama, São Bento e Santa Catarina. Todas as entrevistas completas encontram-se no apêndice 1.

Uma das principais semelhanças em todas as entrevistas foi a preocupação do desaparecimento da identidade cultural dos bairros devido à gentrificação e ao turismo. Todos, os entrevistados, mencionaram que as lojas tradicionais estão a ser substituídas por estabelecimentos que pretendem atrair mais turistas, notaram a descaracterização dos bairros e sentem que os bairros não pertencem

³¹ Traduzido pelo original: *"In contrast, if you wanted to know "why" riots occurred, you would have to draw upon a wider array of documentary information, in addition to conducting interviews; if you focused on the "why" question in more than one city, you would probably be doing a multiple-case study"* (Yin, 2009, p.7)

às comunidades locais. Existe uma preocupação comum em relação aos preços mais altos, tanto nas rendas quanto nos produtos, segundo os entrevistados esta é uma situação que tem levado muitos moradores a deslocar-se para as periferias.

A intervenção dos programas governamentais, tais como o “O Programa Renda Acessível”, “Programa de Apoio ao Arredamento” e o “Programa Habitar Lisboa”, é também uma preocupação constante, porque mencionam a falta de consideração e apoio em relação às necessidades dos moradores locais e à preservação da identidade local. Mencionam os conflitos entre os novos residentes e os moradores mais velhos, bem como desigualdades socioeconómicas que resultam da gentrificação. No entanto, notam-se diferentes perspetivas entre os entrevistados, essas diferenças são evidenciadas e estão relacionadas com a idade e a experiência dos mesmos. Como mencionado anteriormente, duas das pessoas entrevistadas (Victória, Hares) são recém moradores dos bairros históricos.

Os moradores mais velhos testemunharam a transformação dos seus bairros ao longo das décadas, enquanto os mais jovens têm um ponto de vista diferente por serem novos residentes do bairro. Contudo, quatro dos entrevistados conhecem o conceito da gentrificação, e reconhecem que a mesma está a ocorrer dentro dos bairros, enquanto os outros não estão cientes do termo, mas reconhecem os efeitos e mudanças quando lhes é explicado o seu significado. Estas perspetivas em relação aos novos residentes também variam. Alguns dos entrevistados mencionam uma interação positiva e interesse mútuo entre os novos residentes e os moradores mais velhos, enquanto os outros destacam a falta de conexão e compreensão entre os dois grupos.

O mesmo sentimento é mostrado quando se referem as expectativas relacionadas com o futuro dos bairros. Alguns expressam otimismo em encontrar um equilíbrio entre o desenvolvimento e a preservação da identidade local, enquanto outros estão desconfiados em relação a isso. As semelhanças e as diferenças apontam a complexidade dos fenómenos nos bairros de Lisboa, bem como os diferentes pontos de vista e experiências dos moradores afetados. As preocupações comuns, como a perda da identidade cultural e os preços mais altos, são fundamentais para entender os impactos destes processos. Porém, as diferenças entre as experiências e tipo de vida dos entrevistados acrescenta variações e complexidades adicionais ao debate sobre o desenvolvimento urbano e a preservação cultural. Da figura 29 à figura 50 encontramos o registo

fotográfico dos entrevistados nas zonas de residência bem como algumas imagens refletem as preocupações elencadas pelos mesmos.

Figura 29

Gonçalo Gouveia, 2023, Dona Irene Calçada do Monte



Figura 30

Gonçalo Gouveia, 2023, Porta de entrada da Dona Irene, Rua da Calçada do Monte



Figura 31

Gonçalo Gouveia, 2023, Vandalização dos Alojamentos, Beco das Flores



Figura 32

Dona Angelina, Autor: Gonçalo Gouveia, Beco das Flores, 2023



Figura 33

Gonçalo Gouveia, 2023, Dona As plantas têm dono, Beco das Flores



Figura 34

Gonçalo Gouveia, 2023, A cair aos bocados, Beco das Flores



Figura 35

Gonçalo Gouveia, 2023, Dona Marília Filha da Tia Beatriz, Largo de São Miguel



Figura 36

Gonçalo Gouveia, 2023, Preparação para as festas, Largo de São Miguel.



Figura 37

Gonçalo Gouveia, 2023, Dona Marília a Filha da Tia Beatriz, Largo de São Miguel



Figura 38

Gonçalo Gouveia, 2023, Um pouco de descanso, Largo do Intendente



Figura 39

Gonçalo Gouveia, 2023, Victória no Intendente, Largo do Intendente



Figura 40

Gonçalo Gouveia, 2023, *As infinitas obras*, Largo do Intendente



Figura 41

Gonçalo Gouveia, 2023, *A arte de encadernar*, Rua Marcos Marreiros



Figura 42

Gonçalo Gouveia, 2023, A sala do forno, Rua Marcos Marreiros



Figura 43

Gonçalo Gouveia, 2023, Dona Margarida, Miradouro de Santa Catarina



Figura 44

Gonçalo Gouveia, 2023, Tentativa de roubo, Miradouro de Santa Catarina



Figura 45

Gonçalo Gouveia, 2023, Esplanada Turística, Miradouro de Santa Catarina



Figura 46

Gonçalo Gouveia, 2023, Dona Joana, Largo de Santo Antoninho



Figura 47

Gonçalo Gouveia, 2023, Hares, Rua Marquês Ponte de Lima



Figura 48

Gonçalo Gouveia, 2023, Lixo Acumulado, Escadinhãs da Saúde



Figura 49

Gonçalo Gouveia, 2023, Ronaldo na parede, Rua Marquês Ponte de Lima



Figura 50

Gonçalo Gouveia, 2023, Casa do Hares, Rua Marquês Ponte de Lima



3.5.2 - Inquérito.

Os inquéritos são uma ferramenta essencial, principalmente para um projeto de mestrado que envolve na colheita e análise de informações com a ajuda de uma organização mais sistemática e estruturada. Podem servir como um meio de atualizar toda a informação e seguir todo o movimento que tem sido feito desde o início.

Para obtenção de mais dados, foi realizado um inquérito no formato de formulário com um conjunto de perguntas, umas de carácter aberto e outras fechadas.

O link para o inquérito está apresentado abaixo bem como as perguntas nele incluídas.

Link: <https://forms.gle/fNc7GQpqZi6Csf4K8>

Perguntas:

1- Em que bairro de Lisboa mora?

2- Acredita que a gentrificação é um problema em Lisboa?

3- Como descreveria as mudanças que ocorreram no seu bairro devido à gentrificação?

4- Acredita que a turistificação em Lisboa tem mais impactos negativos ou positivos?

5- Como o turismo influenciou a vida quotidiana no seu bairro?

6- Acha que a gentrificação e a turistificação afetaram a cultura e o património da cidade de Lisboa?

7-Pode me dar exemplos dessas mudanças?

8- Já presenciou alguma situação em que a turistificação em Lisboa resultou na exclusão dos grupos sociais?

9- Se sim descreva-me a situação.

As primeiras três perguntas estão focadas em obter informações sobre a experiência da pessoa que está a ser entrevistada com a gentrificação. Como a gentrificação é um fenómeno complexo que pode ter diferentes efeitos, dependendo do contexto local. Logo é importante obter uma variedade de pontos de vista diferentes. As perguntas 4 e 5 abordam as questões do turismo, uma das principais forças que impulsionaram a gentrificação em muitas cidades europeias. Isso permitiu compreender melhor a relação entre turismo e gentrificação, e como afeta a vida das

pessoas no dia a dia. As perguntas 6 e 7 procuram entender como a gentrificação e o turismo podem afetar a cultura e o património da cidade. Isto ajudou a identificar as possíveis consequências negativas destes fenómenos. E por fim, as perguntas 8 e 9 têm como objetivo identificar exemplos específicos da exclusão social causada pela turistificação, permitiu compreender melhor os impactos sociais desses fenómenos e descrever a possível experiência.

Na elaboração do inquérito para um projeto de mestrado, a inclusão ou exclusão de outras variáveis demográficas, como a idade, foi uma decisão estratégica baseada nos objetivos da pesquisa e no contexto em que a mesma foi conduzida. Neste caso, a ausência da pergunta sobre a idade dos participantes é intencional e justificada por várias razões. O objetivo da investigação é compreender os efeitos da gentrificação e turistificação em Lisboa, ao focar-se na perspetiva e nas experiências dos moradores, independentemente da sua idade. A importância da vivência subjetiva permite uma análise mais rica, que possibilitou a emergência de narrativas singulares que não são necessariamente vinculadas à idade dos entrevistados.

O conceito de idade, embora seja útil para muitos contextos de investigação, pode não ser o indicador demográfico mais relevante para este estudo específico. A gentrificação e a turistificação podem afetar indivíduos de todas as idades de várias maneiras, e as experiências podem ser mais influenciadas por outros fatores como a ocupação, o *status* socioeconómico, ou até mesmo o tempo de residência no bairro. A presença de informações sobre a idade do participante pode inadvertidamente influenciar a forma como os dados são interpretados, mesmo quando a idade não é relevante para o foco principal da pesquisa. Esta abordagem alinha-se com as diretrizes éticas contemporâneas, que realçam a importância de minimizar a recolha de dados pessoais sempre que possível. Ao não perguntar a idade dos participantes, estamos a reduzir o risco da violação da privacidade e o aumento a probabilidade de obter consentimento informado dos participantes.

A análise de dados das 52 respostas ao inquérito permite obter uma caracterização que reforça o que as entrevistas já indicavam. Para uma consulta mais completa, as figuras que caracterizam o inquérito estão disponíveis no apêndice 2.

Ao considerarmos as respostas que obtemos para cada uma delas, estas são as seguintes análises:

1- Os bairros mais destacados foram Campo de Ourique, Graça e Santos.

2- 86,3% das pessoas respondeu que sim e os outros 13,7% responderam que não.

3- Quase todos os participantes mencionaram a subida dos preços das casas. Isto é uma característica comum da gentrificação, com a chegada de novos residentes com mais poder económico, logo é normal que exista maior procura.

Vários participantes mencionaram que muitos dos estabelecimentos locais foram substituídos por restaurante ou lojas modernas mais orientadas para turistas.

Alguns participantes mencionaram também que os residentes locais estão a desaparecer, a serem substituídos por turistas.

Outros concordam que é um especto positivo porque melhorou os acessos e as casas abandonadas voltaram a serem usadas. Mas a maioria menciona impactos mais negativos que positivos.

4- Alguns participantes vêm a turistificação como um crescimento na economia, que pode gerar empregos, estimular o comércio local, enquanto outros argumentam que favorece mais o turista do que os residentes locais.

Muitos dos participantes mencionam outra vez o aumento do preço das casas e dos produtos dos mercados locais bem como outros serviços. Alguns expressam, até medo que a sua cultura desapareça e que a cidade se torne num centro comercial.

5- Os participantes relatam que o turismo teve pouco ou nenhum impacto nos seus bairros. Já outros voltam a mencionar o preço dos imóveis.

Mencionam também a transformação do mercado tradicional para um mais moderno e requintado. Salientam o aumento do custo de vida, os preços a subir em geral. E por fim mencionam a alteração da mudança da atmosfera comunitária bairrista.

6- 88.2% acha que afeta a cultura e o património e os outros 11.8% não concorda.

7- Um dos exemplos é o facto de que viver em Lisboa é tão caro que os residentes mais velhos têm de procurar outras soluções de habitação. Existe uma preocupação com a perda da identidade local, muitas lojas não se identificam com a identidade local antes preferem atrair mais turistas. Notam ainda que a cidade está a transformar-se demograficamente devido ao turismo. As ruas estão a ficar cada vez mais cheias de congestionadas de pedestres, situação que muitos moradores

consideram desagradável. Apesar destes aspetos negativos reconhecem e menciona que o turismo trouxe mais diversidade cultural aos bairros.

8- 76.5% dizem que não presenciaram situações em que a turistificação em Lisboa resultou na exclusão dos grupos sociais enquanto o resto dos 23.5 % dizem que sim, presenciaram.

9- Muitos dos participantes descrevem situações como o deslocamento dos residentes mais velhos ou a conversão de propriedades em alojamentos locais. Falam da crise habitacional, o que torna menos acessível aos portugueses terem casa. Salientam a discriminação e pouca sensibilidade com o residente local. Dependência do turismo para o crescimento da economia. E por fim notam a erosão do comércio local.

Capítulo 4 – A fotografia como ferramenta documental da transformação urbana.

A transformação urbana é um processo que ocorre em quase todas as grandes cidades do mundo, e envolve mudanças físicas, económicas e sociais que ocorrem nas áreas urbanas ao longo do tempo. Uma das formas de documentar estas mudanças é através da fotografia. Neste projeto de investigação, será explorado como a fotografia pode ser usada como ferramenta para documentar a transformação urbana. A fotografia pode ser utilizada para documentar e preservar o fenómeno da transformação urbana de várias formas. Uma delas pode ser utilizada para captar as mudanças físicas que ocorrem nestas áreas urbanas que no passado eram considerados comuns e que agora são atrativas turisticamente. Isto inclui as construções de novos edifícios e renovações de edifícios antigos.

No seu ensaio “A Ontologia da Imagem Fotográfica”, Bazin (2017) argumenta que as fotografias têm uma função única e específica que a distingue das outras formas de arte.

A personalidade do fotógrafo entra no processo apenas na sua seleção do objeto a fotografar e através do objetivo que tem em mente. Embora o resultado possa refletir algo da sua personalidade, esta não desempenha o mesmo papel que a do pintor. Todas as artes se baseiam na presença do homem, só a fotografia tira partido da sua ausência. (Bazin, 1980, p.241)³²

Por outras palavras, uma pintura difere da interpretação e habilidade do artista, enquanto a fotografia regista diretamente a realidade, podendo até criar uma representação fiel do que está a ser retratado. O que demonstra realmente que a fotografia tem uma característica única, que permite que atue como um registo histórico e visual dos fenómenos, lugares e pessoas.

4.1 - O ato de tirar fotografias.

O ato de tirar fotografias tem o poder de transmitir sentimentos e sensações, se for bem elaborado, captura a essência de um lugar, pessoa ou situação. Ao captar uma imagem, um fotógrafo não

³² Traduzido a partir do original: “*The personality of the photographer enters into the proceedings only in his selection of the object to be photographed and by way of the purpose he has in mind. Although the final result may reflect something of his personality, this does not play the same role as is played by that of the painter. All the arts are based on the presence of man, only photography derives on advantage from his absence.*” (Bazin, 1980, p.241)

registra apenas a realidade, mas também tem de fazer escolhas estéticas e artísticas que podem influenciar a maneira como a imagem é percebida.

Sontag nota a importância que o ato de tirar fotografias pode ter um efeito calmante, ao ajudar no alívio de sentimentos de desorientação ou confusão. Isso significa que, em certas situações onde uma pessoa possa sentir-se confusa ou incerta, tirar fotografias pode proporcionar um sentido de propósito ou foco e pode ajudá-la a sentir-se mais motivada. (Sontag, 1977, p.9) A autora relaciona a fotografia como uma perspectiva mais ampla sobre o seu uso na vida moderna, porque apesar de ser um livro dos anos 70, a ideia da autora continua a ser relevante nos dias de hoje, pois argumenta que a fotografia se torna um aspecto central da cultura contemporânea e que pode servir para inúmeras funções tais como, documentar experiências sociais e moldar as percepções do mundo à nossa volta. Neste contexto, o ato de tirar fotografias pode ser visto como uma forma de interagir com o que está a acontecer à nossa volta e de dar um valor visual ao nosso ambiente, ao criar um registo pessoal das nossas experiências.

A fotografia é um meio poderoso para preservar e documentar o que está à nossa volta, é uma ferramenta para capturar momentos, eventos e as mudanças no ambiente. Serve para preservar memórias. Pois ao registar imagens de fenómenos significativos, é possível de certa forma reviver as emoções e experiências que tivemos naquela altura, mas também serve como uma forma de partilhar memórias com outros, permitindo-nos transmitir as nossas experiências às gerações futuras.

Para Barthes (1980), a fotografia estava ligada ao conceito da memória, pois permitia ao autor capturar e preservar momentos no tempo. Barthes viu esta capacidade de preservar e recordar memórias como um aspecto poderoso da fotografia, no entanto, o autor francês também comparou a fotografia à morte, porque mesmo que capturasse esses momentos, eles nunca poderiam ser repetidos. Isto é, cada fotografia representa um momento único no tempo que não pode ser totalmente reconquistado. (Barthes, 1980, p.92) Esta ligação entre a fotografia e a morte criou uma certa repugnância e ressonância emocional, porque este modo de pensar faz com que as fotografias adquiram um valor especial, mas doloroso, pois lembra-nos da passagem do tempo e a inevitabilidade da mudança e da perda. Logo, é interessante perceber que Barthes acreditava que as fotografias têm o poder de invocar memórias e emoções, e que podem captar uma sensação de nostalgia ou saudade ao momento passado. Esta ressonância emocional está ligada a uma sensação

de perda ou ausência, uma vez que a fotografia permite-nos olhar para trás, para pessoas, lugares, e momentos que tenham passado. Um exemplo que pode retratar a memória e a morte, é uma fotografia do antes e do depois de uma transformação urbana de um bairro histórico, seria o seguinte:

(Antes da transformação urbana) A fotografia pode conter uma rua movimentada, com lojas e restaurantes e pessoas a caminhar na calçada, com carros estacionados ao fundo da rua. A fotografia, de certa forma parece banal, mas se for visto de outra forma pode transmitir uma sensação de vitalidade, comunidade e diversidade ao capturar a vida quotidiana do bairro local.

(Depois da transformação urbana) A mesma rua era fotografada de novo, mas na imagem contém um cenário bastante diferente, as lojas e os restaurantes são luxuosos, os prédios estão renovados e mais modernos, existe uma diminuição de pessoas a passearem na rua a interagirem, e ao longo da rua estão carros mais caros estacionados. Esta fotografia pode transmitir uma sensação de perda de identidade, como se a cultura e a comunidade que antes eram marcantes nos bairros, fossem destruídas pela migração das classes mais altas.

Esta mudança nas fotografias invoca sentimentos de nostalgia e a perda de alguns residentes locais mais velhos. A fotografia, como ferramenta de documentação, mostra a mudança e a transformação do bairro e as suas consequências para comunidade local. Para concluir, Barthes (1980) salienta. A fotografia não só nunca é, na sua essência, uma memória, como bloqueia a memória, tornando-se rapidamente uma contra memória. (Barthes, 1980, p.91)³³

Além da fotografia servir como ferramenta de documentação das transformações urbanas através das memórias, esta também serve como uma documentação visual física, como por exemplo, um álbum. Como as cidades estão em constante mudança, a fotografia permite-nos documentar tanto visual como fisicamente essas alterações.

Ao capturarmos as imagens do que está a acontecer à nossa volta, ao longo do tempo é possível observar as transformações que ocorrem, quer se trate da construção de um edifício ou do crescimento de uma árvore. Esta documentação fornece uma visão valiosa sobre a evolução do

³³ Traduzido pelo original: “*Not only is the Photograph never, in essence, a memory but it actually blocks memory, quickly becomes a counter-memory*”. (Barthes, 1980, p.91)

lugar em redor e pode ajudar-nos a apreciar a beleza ou a destruição da mudança. De seguida para comparar as fotografias mais antigas tiradas por outros fotógrafos, com as fotografias tiradas pelo autor da investigação, foi utilizada uma lente *fish eye*³⁴ com o objetivo de oferecer uma perspetiva distinta que permite uma maior compreensão das mudanças ocorridas ao longo do tempo. Este campo de visão ampliado pela lente *fish eye* permite que o observador veja mais ambiente do que ao utilizar uma lente fixa.

Isto é particularmente útil para comparar fotografias históricas com fotografias recentes, pois permite aos observadores apreciar a totalidade das mudanças ocorridas num local, não apenas as mudanças de um ângulo ou perspetiva específica.

Estas duas figuras, a 51 e a 52, capturam diferentes momentos no tempo, mas ambas se concentram nas icónicas escadas de Alfama, em Lisboa.

A figura 51, tirada em 1940, é uma composição a preto e branco que contribui para a nostalgia. As tonalidades a preto e branco acentuam a textura áspera das pedras das escadas e paredes, sugerindo a passagem do tempo. A falta do corrimão contribui para a sensação de antiguidade, mas também introduz uma certa tensão, uma vez que destaca a possibilidade de dificuldade que a senhora poderia ter ao descer as escadas. A presença da senhora, em contraste com a fotografia mais recente, destaca a vida local e a continuidade da existência humana na área, apesar das mudanças. Já a 52, captada em 2023, mostra um contraste significativo. O uso de cores vivas em vez de preto e branco representa uma mudança notável de ambiente. As cores podem transmitir a vitalidade e alegria do bairro de Alfama nos dias de hoje, com os seus edifícios coloridos e a vida vibrante. Mas com o crescimento da chegada de novos visitantes é possível encontrar nos dias de hoje mais turistas perdidos, o que pode simbolizar a crescente atração de Lisboa, bem como a sensação de aventura que vem com a exploração de uma cidade nova.

Este conjunto de fotografias pode criar um diálogo interessante, à medida que o bairro está a transformasse num lugar habitado por locais e turistas, e assim, mesmo a fotografia mais recente, apesar das suas cores brilhantes, pode transmitir sentimentos de saudade e perda.

³⁴ Lente olho de peixe

Em conclusão, ambas as fotografias oferecem um olhar profundo sobre a vida rica no bairro de Alfama, mas cada uma à sua maneira.

Figura 51

Fernadno Martinex Pozal, 1940, Escadas em Alfama



Website (acedido em 26/02/23 <https://arquivomunicipal.lisboa.pt/arquivo-fotografico>)

Figura 52

Gonçalo Gouveia, 2023, Escadas em Alfama, Miradouro de Santo Estevão



As duas figuras seguintes, a 53 e 54, são fotografias da Rua Fernandes da Fonseca, capturadas em momentos significativamente distintos, mas contam histórias muito diferentes que destacam a evolução deste local específico ao longo do tempo. Ao começar pela fotografia mais antiga, tirada entre 1898 e 1908, que oferece um retrato fiel do passado de Lisboa. Uma imagem a preto e branco que sugere um tempo mais simples, onde se capturou a essência da cidade numa era anterior à modernidade. A estrada era de calçada, uma característica tradicional das cidades portuguesas, que vem desde o império romano. Este elemento contribui para uma sensação de história e continuidade, ligando o lugar aos seus moradores mais velhos. Nesta imagem, a ausência de veículos e o silêncio imaginado podem transmitir uma sensação de paz e tranquilidade, mas também de pobreza. A fotografia de 2023 reflete uma dinâmica mais moderna da Rua Fernandes da Fonseca. O asfalto substituiu as pedras, um sinal visível da modernização. Os muitos carros que preenchem a estrada, sugerem um ritmo mais acelerado da vida urbana atual e a dependência da sociedade moderna em relação aos transportes.

A introdução das lojas orientais marca um elemento de multiculturalismo, que reflete a diversidade de Lisboa no século XXI. As cores quentes das lojas na fotografia podem transmitir um sentido exótico e diversificado. No entanto, este contraste também pode sugerir uma perda, o desaparecimento do ambiente português do local como também um afastamento das tradições e costumes, que acaba por criar assim um diálogo visual entre a herança cultural e a globalização.

Ambas as fotografias, embora de épocas distintas, são poderosas na sua capacidade de evocar algumas emoções e transmitir a essência da Rua Fernandes da Fonseca. As mudanças ao longo do tempo, tanto físicas quanto culturais, oferecem uma perspectiva nostálgica e emocional da evolução da cidade de Lisboa.

Figura 53

Machado & Sousa, 1898-1908, Rua Fernandes da Fonseca



Website (acedido em 26/02/23 <https://arquivomunicipal.lisboa.pt/arquivo-fotografico>)

Figura 54

Gonçalo Gouveia, 2023, Rua Fernandes da Fonseca



As próximas duas figuras, a 55 e a 56, oferecem retratos únicos do Bairro de Alfama, em Lisboa.

A primeira fotografia, foi tirada entre 1910 e 1919, e possui um certo encanto clássico, dado ao seu formato a preto e branco. O enquadramento de uma rua típica de Alfama, com as suas construções antigas e estreitas, transporta-nos para um tempo diferente e algo pobre. A presença das cinco pessoas na rua dá vida ao cenário, ao introduzir um toque humano. A curiosidade das duas pessoas, ao olharem para a câmara, acrescenta um elemento de mistério. Esta curiosidade pode transmitir uma variedade de sentimentos, desde surpresa até ao toque de desconfiança, comum numa época em que a fotografar as ruas de Lisboa era considerado algo estranho.

A fotografia a cores de 2023 pode apresentar uma visão bastante diferente do bairro de Alfama, onde vemos três pessoas fazerem uma visita guiada de bicicleta, o que indica uma mudança na forma como o bairro está a ser experienciado. Ao contrário da comunidade estática da primeira fotografia, estas pessoas estão em movimento, a explorar o bairro de forma ativa e lúdica. O que pode transmitir uma sensação de energia e aventura. No entanto, a presença de turistas sugere uma mudança no carácter, visto que passou de uma comunidade local para um destino turístico.

Figura 55

Joshua Benoliel, 1910-1919, Ambiente em Alfama



Website (acedido em 26/02/23 <https://arquivomunicipal.lisboa.pt/arquivo-fotografico>)

Ambas as fotografias capturam a essência do bairro de Alfama, porém a primeira evoca uma sensação de nostalgia e conexão com o passado, enquanto a segunda transmite a energia e a transformação.

Figura 56

Gonçalo Gouveia, 2023, Ambiente em Alfama



Abaixo temos outras duas figuras, a 57 e a 58, onde podemos observar a evolução e a mudança do meio ambiente do Largo do Socorro em Lisboa. A fotografia de 1952, foi capturada a preto e branco, e transmite a sensação de uma Lisboa mais antiga, onde o tempo parece que estagnou. Os prédios originais do seu tempo proporcionam um sentido de resistência e história. Os veículos estacionados na calçada, elementos marcantes da época, também adicionam um toque de nostalgia, onde era um tempo simples e menos globalizado. O fato de o lugar ser conhecido como zona de mercado, sugere uma comunidade bastante ativa e ruas cheias de vida na cidade.

Já na fotografia de 2023, tirada a cores, é retratada uma Lisboa moderna, globalizada e em constante mudança. As pessoas provenientes do Oriente indicam a diversidade e a inclusão da cidade, que se tornou um lugar de encontro entre culturas. O contraste do antigo com o novo, e a

renovação do edifício para um centro comercial de lojas orientais, salienta o dinamismo do local. Os *grafittis* nas paredes adicionam um elemento de arte urbana e uma certa rebeldia ao cenário, demonstrando que é uma cidade que se transformou e se reinventou. Em ambas as fotografias, existe algo comum, a vida urbana. Em 1952, o movimento do mercado; em 2023, a movimentação dos imigrantes e do comércio moderno.

Figura 57

Eduardo Portugal, 1952, Largo do Socorro, Rua de São Lázaro



Website (acedido em 26/02/23 <https://arquivomunicipal.lisboa.pt/arquivo-fotografico>)

Figura 58

Gonçalo Gouveia, 2023, Largo do Socorro, Rua de São Lázaro



As figuras 59 e 60, são fotografias que capturam a entrada do Palácio Távora, em diferentes épocas. A primeira fotografia, tirada entre 1898 e 1908 na entrada do Palácio Távora das Olarias em Lisboa, retrata um período histórico específico em que o palácio servia como local para aulas de fado e um clube de desporto. Ao ser capturada a preto e branco, essa imagem evoca uma sensação de nostalgia e um certo romantismo. A ausência de cores permite ao espectador concentrar-se nos detalhes e nas texturas, ao destacar a arquitetura do palácio e os seus elementos presentes no cenário. O preto e branco também transmite uma atmosfera intemporal e um aspeto clássico à fotografia. Esta fotografia antiga carrega consigo a história e a tradição do local, que transmite um sentimento de encanto e algo que é autêntico. A imagem transporta-nos para o passado, o que possibilita uma conexão com as pessoas e eventos que frequentaram o Palácio Távora das Olarias naquela época. Já a segunda fotografia, tirada em 2023, apresenta um aspeto um pouco degradado devido à passagem do tempo e a ação dos elementos naturais sobre o palácio. Esta imagem a cores pode transmitir algo que não é importante ou está abandonado. Através da cor, é possível evidenciar algumas mudanças estéticas do palácio ao longo dos anos. Embora a fotografia tenha sido tirada em 2023 ainda é capaz de capturar a essência do Palácio Távora das Olarias na sua forma atual. Pode transmitir melancolia ou curiosidade sobre o que aconteceu com o local desde a primeira imagem, e permite que o espectador reflita sobre a passagem do tempo e a natureza

efémera das coisas. Ambas permitem-nos vivenciar os sentimentos e sensações associados ao contexto histórico e às transformações ao longo do tempo.

Figura 59

Machado & Sousa, 1898-1908, Travessa da Nazaré, Palácio Távora das Olarias



Website (acedido em 26/02/23 <https://arquivomunicipal.lisboa.pt/arquivo-fotografico>)

Figura 60

Gonçalo Gouveia, 2023, Travessia da Nazaré, Palácio Távora das Olarias



As figuras 61 e 62, são fotografias que capturam diferentes momentos da história da Rua de São João da Praça em Lisboa. A primeira fotografia, foi tirada entre 1930 e 1939, e retrata a Rua de São João da Praça num período em que era considerada um espaço de comércio e convívio. Ao ter sido capturada a preto e branco, esta imagem evoca uma sensação do ambiente urbano português, que transporta o observador para a atmosfera da década 30 no século XX. É possível ver que na Rua de São João da Praça as pessoas reuniam-se para comprar, socializar e desfrutar do ambiente. A fotografia simboliza a memórias das pessoas que passaram por aquela rua e revela uma parte da identidade histórica e cultural do local. Já na segunda fotografia, tirada em 2023, mostra-se a rua mais larga para a passagem de carros, turistas, restaurantes e lojas. Esta imagem colorida reflete as mudanças que ocorreram ao longo das décadas, e destaca uma atmosfera mais contemporânea. Mesmo sendo a cores, infelizmente não é possível transmitir a vitalidade e a diversidade desta rua. A presença de turistas, restaurantes e de lojas modernas, sugere uma transformação impulsionada pelo setor turístico e pela globalização, que moldaram a paisagem urbana. Ao terem sido examinadas lado a lado, a evolução e as transformações ocorridas na Rua de São João da Praça são bastante visíveis e podem refletir a importância do contexto histórico e das mudanças socioculturais.

Figura 61

Augusto Silva, 1930-1939, Rua de São João da Praça, de poente para nascente, São João da Praça



Website (acedido em 26/02/23 <https://arquivomunicipal.lisboa.pt/arquivo-fotografico>)

Figura 62

Gonçalo Gouveia, 2023, Rua de São João da Praça, de poente para nascente.



4.2 - A relevância da documentação e da inspiração visual.

A documentação visual é importante por diversos motivos. Inicialmente torna-se um registo histórico, dos eventos, pessoas e lugares relevantes para a compreensão de um fenómeno ou período específico na história. As fotografias suportam a sensibilização dos leitores sobre as questões sociais e políticas, ao mostrar a realidade de situações difíceis ou injustas que não podem ser ignoradas.

Sontag (1977) defende que as fotografias criam frequentemente uma ilusão de compreensão e conhecimento, ainda assim, apenas oferecem uma visão ao nível da superfície de um assunto. As fotografias encorajam uma relação aquisitiva com o mundo, onde recolhemos imagens e as consumimos, em vez de nos envolvermos verdadeiramente com os temas.

O que é estético na fotografia pode também criar uma distância do sujeito, ao facilitar aos espectadores a apreciação da beleza de uma imagem, ignorando as questões sociais ou políticas subjacentes que ela possa representar. (Sontag, 1977, p.111)

Para ajudar na compreensão da ideia da autora, este é um exemplo:

Uma fotografia de um sem-abrigo na rua. Embora a fotografia possa inicialmente parecer oferecer uma perspectiva sobre a questão das pessoas que vivem na rua, os sem-abrigo, pode também ter o efeito de promover o desprendimento emocional. O espectador pode simplesmente apreciar a composição ou as qualidades estéticas da imagem sem se envolver verdadeiramente com o assunto e as suas implicações sociais. O espectador é capaz de ter um sentimento de propriedade sobre a imagem, como se tivesse adquirido um pedaço da realidade captada na fotografia, em vez de estar motivado para tomar medidas ou abordar o assunto. Isto demonstra que a documentação pode ser útil para o valor estético que permite às pessoas que apreciem o que é belo e diversificado ao seu redor. Todavia, a fotografia consegue ajudar a manter a memória e a cultura de comunidades que podem estar em perigo de desaparecer ou serem esquecidos.

No ensaio *Photography* de Kracauer(1980), um trabalho sobre as implicações culturais e sociais da fotografia, o autor analisa o impacto da fotografia na sociedade moderna, e a sua função na formação da nossa percepção da realidade e distinção entre a fotografia e outras formas de arte. Para o autor, uma fotografia pode permitir-nos captar e preservar momentos transitórios, ao optar por uma forma única de documentar e analisar o que se passa à nossa volta, tendo a possibilidade de ser o reflexo da realidade objetiva, uma vez que podem reproduzir o mundo físico sem qualquer interferência subjetiva do fotógrafo. Por outras palavras, a fotografia pode ser vista como uma representação da realidade, já que a câmara captura imagens sem distorcer o que está a ser fotografado. Ainda assim, neste ensaio, o autor discute as implicações culturais da fotografia ao sugerir que pode democratizar a arte, tornando-a mais acessível ao público em geral. Ao fotografar é permitido ao público comum a criação de novas realidades e expressões artísticas.

A fotografia, argumentavam eles, é um meio que oferece ao artista criativo tantas oportunidades como a pintura ou a literatura - desde que ele não se deixe inibir pelas afinidades peculiares da câmara, mas use todas as "manobras, truques e conjurações" para extrair beleza da matéria-prima fotográfica". (Kracauer, 1980, p.420)³⁵

³⁵ Traduzido pelo original: "*Photography, they reasoned, is a medium which offers the creative artist as many opportunities as does painting or literature — provided he does not let himself be inhibited by the camera's peculiar*

Olhar para os trabalhos feitos por outros fotógrafos, que aprenderam a arte de fotografar, pode ajudar a desenvolver uma compreensão mais profunda da linguagem visual, e fornecer ideias como também inspirações para novas abordagens e estilos fotográficos. De modo que, é importante notar que a inspiração visual não deve ser confundida com a cópia ou imitação direta do trabalho de outros fotógrafos, isto é, cada fotógrafo tem uma visão única e pessoal que deve ser expressa no seu próprio trabalho. A inspiração visual deve ser usada como um ponto de partida para o desenvolvimento de um olhar fotográfico único e original.

4.3 - A compreensão da fotografia sobre as transformações urbanas.

Fotografar sobre as transformações urbanas é uma forma de documentação que pode criar um registo pessoal das experiências e visualizar a evolução de uma cidade ao longo do tempo, tais como as mudanças na arquitetura e dinâmicas sociais que as acompanham. A captura de detalhes dessas transformações pode ser uma escolha estética e temática de um fotógrafo interessado em registar essas mudanças na paisagem urbana. Um exemplo para isso será:

Uma fotografia de um conjunto de azulejos, que pertence a um prédio antigo no meio do bairro, está a ser removido ou coberto por uma nova camada de um azulejo diferente com intuito de "limpar" a paisagem urbana. Nesta fotografia, o fotógrafo pode escolher enquadrar apenas um pedaço da parede, ao destacar as cores e os padrões dos azulejos que estão a ser removidos. Essa escolha estética pode estar na forma como o fotógrafo usa as cores, a luz e as sombras, enquanto na escolha temática pode ser a documentação da mudança na paisagem urbana e na cultura do bairro. Mas, principalmente, essa imagem pode transmitir uma crítica à gentrificação e à perda da identidade cultural do bairro. Logo, a documentação fotográfica pode ser uma ferramenta importante para promover a conscientização sobre questões sociais e ambientais, tais como a falta de habitações acessíveis, a poluição e a descaracterização do bairro. Pelo meio das fotografias, é possível mostrar a realidade dessas questões. De facto, a fotografia pode funcionar como uma ferramenta que visa documentar visualmente as mudanças das paisagens urbanas, ao capturar imagens de edifícios antigos a serem demolidos para dar lugar a novas habitações de luxo ou

affinities but uses every "dodge, trick, and conjuration" to elicit beauty from the photographic raw material."
(Kracauer, 1980, pg. 420)

escritórios. Essas imagens são de certa forma poderosas, em mostrar a rapidez e a extensão da gentrificação, bem como a perda de património histórico e cultural.

Para isso, Berger (1972) no seu livro *Ways of Seeing*, explora as formas como vemos e interpretamos as imagens, bem como as nossas interpretações são influenciadas pelo nosso contexto cultural e social. O autor argumenta que as imagens não são neutras, mas são modificadas pelos interesses e valores daqueles que as criam e as fazem circular em todos os meios visuais. Berger salienta o papel das fotografias na formação da nossa compreensão do poder, género e identidade:

Cada imagem incorpora uma forma de ver. Mesmo uma fotografia. Porque as fotografias não são, como muitas vezes se supõe, um registo mecânico. Sempre que olhamos para uma fotografia, temos consciência, ainda que ligeiramente, de que o fotógrafo selecionou essa visão de entre uma infinidade de outras possíveis. (Berger, 1972, p.10)³⁶

Apesar de ser frequentemente considerado um registo mecânico da realidade, a fotografia é criada por fotógrafos que escolhem o que devem incluir ou excluir. Este processo de seleção tem um significado, que cada fotografia é subjetiva e reflete o ponto de vista do fotógrafo, em vez de ser uma representação objetiva da realidade. Porque quando olhamos para uma fotografia, devemos estar conscientes das escolhas que o fotógrafo fez e considerou e na forma como estas escolhas moldaram a nossa interpretação da imagem.

Para explicar certas escolhas, Berger (2013) explora a forma como vemos e interpretamos fotografias numa coleção de estudos no seu livro *Understanding a Photograph*. O autor discute o papel da fotografia na formação da nossa compreensão da história, política, e questões sociais. Argumenta que as fotografias podem ser instrumentos poderosos para a mudança social e política, mas que devemos estar conscientes das suas limitações e das formas como podem ser manipuladas e utilizadas para propaganda.

³⁶ Traduzido a partir do original: “Every image embodies a way of seeing. Even a photograph. For photographs are not, as is often assumed, a mechanical record. Every time we look at a photograph, we are aware, however slightly, of the photographer selecting that sight from an infinity of other possible sights.” (Berger, 1972, p.10)

Berger (2013, p.50) discutiu o lançamento da revista *Life* nos Estados Unidos em 1936. E referiu duas coisas sobre esse lançamento, que foram proféticas e foram plenamente realizadas na era da televisão do pós-guerra.

A primeira “profecia” era que a revista não era financiada pelas suas vendas, mas sim pela publicidade que trazia. Era uma tendência que iria continuar com a televisão, onde a programação seria financiada por anúncios publicitários.

Já na segunda “profecia” seria o título da revista, *Vida*. O autor observou que o título era ambíguo e poderia significar que as imagens no interior são sobre a vida em geral. Mas esta ambiguidade é significativa porque refletiu uma mudança na forma como as imagens são compreendidas e consumidas. Em vez de as imagens serem vistas como uma forma de documentar ou representar a realidade, tornam-se numa forma de entretenimento, onde o objetivo principal era captar a atenção do espectador e vender o seu produto. No ponto de vista de Berger o lançamento da "Vida" e a ascensão das imagens dos meios de comunicação, assinalaram uma mudança na forma como as imagens são compreendidas e consumidas, o que tem implicações significativas na forma como compreendemos e nos relacionamos com o mundo que nos rodeia. Berger destaca a ideia de que uma fotografia não é só um mero registo mecânico de um acontecimento ou de um objeto, mas sim uma escolha consciente do fotógrafo para capturar um determinado momento ou sujeito. Porque, se tudo o que existe fosse constantemente fotografado da mesma forma, o significado e o conceito de cada fotografia seria ambíguo e não teria o seu devido valor. Um exemplo que está relacionado com esta investigação, são as pessoas que vão fotografar na cidade de Lisboa:

Vários turistas estão a visitar a cidade Lisboa, e cada um está a fotografar a cidade num determinado ponto turístico, a Torre de Belém. Se todos esses turistas estiverem a fotografar ao mesmo tempo no mesmo ângulo e da mesma forma como outros turistas já o fizeram, sem dar valor aos detalhes do cenário, acabam por apenas capturar um registo daquele momento, logo as fotografias podem perder o seu valor estético e histórico. Agora, se um deles decidir concentrar-se em capturar um dos detalhes interessantes da arquitetura, ou a vida das pessoas e a cultura local, essa pessoa pode estar a criar uma fotografia que contenha uma mensagem forte e com um significado mais profundo e único. Logo, a escolha do que está realmente a ser fotografado é fundamental para a criação de uma fotografia que seja significativa e valiosa.

Mas Berger, enfatiza o facto de uma fotografia não ser apenas uma representação neutra da realidade, mas uma mensagem sobre o acontecimento ou objeto que está a ser captado. O fotógrafo deve tomar decisões que podem contribuir para a criação da mensagem que a fotografia quer comunicar. Essas decisões passam por como enquadrar a fotografia, o que incluir ou excluir no resultado e a manipulação dos elementos, tais como a iluminação e o foco. Dessa forma, a urgência da mensagem transmitida por uma fotografia não depende apenas do significado do evento ou objeto capturado, mas também do contexto de como é vista pelas comunidades que estão ligadas.

4.4 - A coloração da fotografia.

Será que a cor pode influenciar a fotografia como ferramenta documental da transformação urbana?

De certa forma, sim pode. O tipo de cor que é utilizado nas fotografias pode influenciar a maneira como percebemos a transformação urbana. O melhor exemplo será: Um fotógrafo que usa cores vibrantes e saturadas para capturar um bairro antes e depois da gentrificação, pode estar a transmitir a ideia de que a gentrificação trouxe mais vida e prosperidade para a área. No entanto, o fotógrafo ao usar tons de cor mais sombrios e opacos, capturando a mesma transformação urbana, poderá estar a transmitir a ideia de que a gentrificação trouxe desigualdade e perda da identidade cultural à área. A cor pode ser uma ferramenta poderosa para transmitir uma mensagem que o fotógrafo deseja sobre uma específica transformação urbana documentada.

Berger (1972) salienta que a fotografia não é simplesmente um registo objetivo da realidade, mas uma interpretação subjetiva da mesma. Enquanto alguém olha para uma cena onde pode receber uma vasta gama de informações e detalhes, o fotógrafo deve fazer uma escolha única e construtiva sobre o que incluir na moldura. O autor enumera várias formas pelas quais a fotografia simplifica a informação visual que capta, incluindo o foco, tonalidade, profundidade, enquadramento, e por fim a cor. Berger argumenta que esta simplificação pode efetivamente aumentar a legibilidade da imagem, e de facto facilitar a leitura e compreensão da parte de quem está a consumir. Mas realça que a simplificação pode distorcer ou mesmo manipular a realidade que está a ser representada.

Deste modo, a cor pode complementar a relação entre a fotografia e a realidade, que é uma das formas como o fotógrafo molda a nossa perceção do mundo através da sua escolha e interpretação.

A cor é de facto, um dos elementos mais importantes para a comunicação visual na fotografia. Provoca emoções, cria humores, e transmite mensagens impactantes. Para dar continuidade ao projeto a escolha entre se as fotografias devem ser a cores ou a preto e branco é importante.

Barthes (1982, p.186), confere que a cor é um dos conteúdos importantes para representar uma mensagem na fotografia, ao argumentar que a fotografia é uma representação da realidade literal. Relativamente à cor, o autor sugere que ela pode desempenhar um papel na criação de significados e conotações adicionais dentro da fotografia. A cor pode evocar respostas emocionais e associações culturais, o que pode acrescentar outra camada de significado à imagem. Contudo, o autor observou que esta mensagem não é inerente à própria fotografia, mas é criada através de contextos culturais e históricos nos quais a fotografia é visualizada. Os contextos culturais e históricos podem influenciar a percepção que o espectador tem da fotografia e acrescentar-lhe outras mensagens. Como por exemplo, uma fotografia de uma bandeira pode ter diferentes significados em diferentes contextos culturais e históricos. Por um lado, a bandeira pode representar orgulho e identidade nacional, mas por outro poderá simbolizar opressão ou resistência. Da mesma forma que uma fotografia de uma rua da cidade, pode ter diferentes significados dependendo dos contextos culturais e históricos em que está a ser vista. No contexto histórico em que a cidade sofreu uma grande transformação urbana, a fotografia pode ser interpretada como um documento do passado (uma fotografia a preto e branco), enquanto num contexto atual, pode ser vista como uma representação da urbanização e da modernidade (uma fotografia a cores).

A fotografia a preto e branco pode conter uma história que remete aos primeiros registos temporais, é imparcialmente caracterizada pelo uso de tons pretos, brancos e cinzentos, e pode ser vista como um documento. Com essa falta de cor na fotografia o foco maior recai agora na composição, na iluminação, e na textura da imagem. Mas, é importante salientar que a fotografia a preto e branco tem uma qualidade intemporal e pode ser utilizada para capturar a essência de uma cidade num determinado momento no tempo, ao criar uma sensação de nostalgia e acrescentar uma qualidade romântica à imagem. Mas, a fotografia de rua começou a preto e branco, e acabou por ser uma técnica já muito conhecida há décadas, mesmo assim, ainda continua a inspirar muitos fotógrafos nos dias de hoje.

A simplicidade e o minimalismo da falta de cores, pode trazer um foco maior nas linhas, texturas e contrastes da cena que o fotógrafo pretende capturar. Ao inspirarmo-nos em fotógrafos famosos,

é possível notar a forma como eles conseguem expressar ação, movimento e transformação através das suas fotografias. A falta de cor não impede que essas imagens transmitam sensações e nos levem a refletir sobre a vida nas cidades e sobre as pessoas que habitam esses espaços urbanos. Ao tirar fotografias a ruas a preto e branco, o observador consegue ver as cidades sob um ponto de vista diferente.

Bresson é um dos melhores exemplos de fotógrafos da história, este acreditava que o preto e branco era a forma mais pura da fotografia. O autor via nas ruas oportunidades para capturar a "essência" das cidades, acreditava que o preto e branco permitia que ele se concentrasse nos elementos mais importantes do cenário. A fotografia a preto e branco mostra-nos a vida urbana através de uma perspectiva mais poética e melancólica, convidando-nos a prestar atenção aos pequenos detalhes que muitas vezes passam despercebidos. A ideia de que a fotografia a preto e branco nos mostra a vida urbana de uma perspectiva mais poética e melancólica, normalmente associada à fotografia de rua, que captura a vida cotidiana nas cidades que de certa forma é uma abordagem que foi expandida e popularizada pelo Bresson. Este valorizava a captura do tal "momento decisivo" e na capacidade da fotografia de revelar a beleza e o significado em situações aparentemente normais. Barthes, também discute a natureza poética da fotografia e a capacidade de uma imagem a preto e branco de evocar emoções e memórias de maneira mais poderosa do que uma imagem a cores.

Tenho sempre a sensação (independentemente do que realmente acontece) de que, da mesma forma, a cor é um revestimento aplicado posteriormente à verdade original da fotografia a preto e branco. Para mim, a cor é um artifício, um cosmético (como o que se usa para pintar cadáveres). (Barthes, 1980, p.81)³⁷.

Barthes acredita que a fotografia a preto e branco capta a essência original, enquanto a fotografia a cores é uma adição posterior que atua como um revestimento. Contudo, salientava que a fotografia a cores não capturava a realidade tal como ela é, mas alterando-a através do uso de aperfeiçoamentos artificiais.

Esta ideia, de que a fotografia a cores não capturava a realidade tal como ela é, foi defendida por alguns críticos da fotografia, incluindo Barthes que argumentava que a fotografia a preto e branco

³⁷ Traduzido pelo autor a partir do original: *"I always feel (unimportant what actually occurs) that in the same way, color is a coating applied later on to the original truth of the black-and-white photograph. For me, color is an artifice, a cosmetic (like the kind used to paint corpses)."* (Barthes, 1980, p.81)

era de facto a mais "realista" ou "verdadeira" porque a cor na fotografia a cores era muitas vezes artificial e não correspondia à realidade percebida pelo olhar humano. Muitos dos críticos argumentaram que a fotografia a cores não era capaz de capturar a realidade tal como ela é, mas sim de alterá-la através do uso de aperfeiçoamentos artificiais, como filtros e ajustes de cor. No entanto, muitos fotógrafos e críticos da fotografia, apontam que a cor é uma parte fundamental da nossa percepção visual e que a fotografia a cores pode ser tão "realista" quanto a fotografia a preto e branco, dependendo do contexto e do uso da cor. A fotografia a cores pode até mesmo ser mais fiel à realidade, já que a cor é uma parte integral da experiência visual e pode transmitir informações importantes sobre a cena fotografada.

Szarkowski (2007), é um exemplo de um crítico que discutiu as limitações da fotografia a preto e branco. Szarkowski foi um crítico na fotografia americana e diretor do departamento de fotografia do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MOMA) de 1962 a 1991. O autor é conhecido pelas suas contribuições para a teoria e crítica de fotografia, especialmente através do livro *The Photographer's Eye*. Szarkowski sugeriu que a imagem fotográfica não é uma réplica exata da realidade, mas sim uma representação filtrada e estilizada. Argumenta que o trabalho do fotógrafo não consiste simplesmente no que está a documentar à sua frente, mas acredita em fazer escolhas criativas sobre como representar o foco na fotografia. Isto implica ver para além da realidade imediata e visualizar a imagem ainda invisível que poderá ser criada. Ao fazer escolhas sobre composição, iluminação e cor, o fotógrafo pode criar uma imagem que transmita uma determinada disposição ou mensagem, e que transforme o sujeito em algo mais do que apenas a realidade que tem diante de si. Swarkowski (2007, p.9)

O elemento colorido pode ser utilizado para realçar certos elementos da imagem ou para criar uma certa atmosfera que aumente o impacto emocional da fotografia. Ao mesmo tempo pode ser utilizada para manipular a nossa percepção do sujeito, ao chamar a sua atenção para certos detalhes ou esconder o resto. Neste sentido, a cor pode ser vista como uma ferramenta documental poderosa para o fotógrafo, permitindo-lhe moldar a forma como as suas imagens são vistas e vivenciadas.

A figura 63 é uma fotografia a preto e branco que pode adicionar uma dimensão nostálgica e emocional. O contraste entre luz e escuridão, pode intensificar as emoções retratadas na imagem e ajudar a transmitir um sentido de solidão, conforto, nostalgia. Aqui a ausência de cor pode

também sugerir como intemporalidade, como se a cena pudesse estar a acontecer em qualquer lugar ou a qualquer momento. O que resulta na criação de uma sensação de deslocamento, que pode acentuar o sentimento de solidão. Este homem sozinho no bar, talvez seja uma representação de solidão ou uma procura por conforto na familiaridade da rotina. O uso do preto e branco aqui pode servir para destacar a sua expressão facial ou linguagem corporal, tornando a cena mais intimista. Ao mesmo tempo, esta visão pela janela de um bar pode sugerir um contraste entre o interior e o exterior, o público e o privado. O bar pode ser visto como um refúgio, um lugar onde o homem quer escapar da sua vida monótona. A janela pode servir como uma barreira, que separa o espectador do sujeito e acaba por criar uma distância entre os dois. Neste sentido, a imagem pode ser vista como uma espécie de espetáculo, com o espectador no papel de um observador passivo. O homem no bar é o ator principal que está a representar uma narrativa de solidão ou conforto que só nós podemos adivinhar. Pelo facto da fotografia estar a preto e branco e ter sido tirada de noite adiciona um elemento de mistério e intriga. A escuridão pode sugerir segredos escondidos ou verdades não ditas, e o facto de a fotografia ter sido tirada à noite pode amplificar este sentimento. Em conclusão, a falta de cor pode ser uma ferramenta poderosa para o fotógrafo, que permite moldar e controlar a forma como as imagens são percebidas, mas também pode ajudar a criar uma atmosfera, ao transmitir emoções e a contar uma história.

Figura 63

Gonçalo Gouveia, 2022, Bares à noite, Rua cor-de-rosa, Lisboa



A figura 64, retrata um casal imerso num momento de intimidade que parece suspender o tempo e o espaço em torno deles. A falta de cor pode ter uma forte conotação documental, que remete para a tradição das fotografias antigas e da reportagem fotográfica, mas ao mesmo tempo introduz uma dimensão intemporal. O uso da fotografia a preto e branco nesta imagem realça os contrastes de luz e sombra. A ausência de cores que permite ao observador focar-se na ação e nas expressões dos protagonistas, que desvia a atenção dos elementos potencialmente distrativos. Por consequência, somos conduzidos diretamente ao ponto focal da imagem, o beijo, que transmite uma profunda honestidade e vulnerabilidade, e que por sua vez são amplificadas pelo contraste do preto e branco. Os protagonistas parecem alheios ao mundo exterior, como se o seu amor os tivesse isolado num espaço próprio, indiferentes ao que os rodeia. Esta ideia é reforçada pelo preto e branco da fotografia, que contrasta com o ruído do mundo real, que acaba por isolar ainda mais a cena e os seus protagonistas. A fotografia a preto e branco permite ao autor persuadir a subjetividade do espectador. Sem a informação da cor, somos mais livres para interpretar esta imagem, que projeta nela as nossas próprias emoções e experiências. É um recurso poderoso que pode ser usado para guiar a leitura da imagem, especialmente quando se trata de elementos emotivos, como é o caso. Em conclusão a ausência da cor nesta imagem serve várias funções, desde o destaque dos protagonistas até à sua ação, o tom documental e atemporal à cena, o espectador num espaço de subjetividade e projeção.

Figura 64

Gonçalo Gouveia, 2022, Afetos, Rua da Boavista



A figura 65 capta um momento de alegria vivido num cenário urbano: o Terreiro do Paço, uma praça icónica de Lisboa. É um cenário repleto de felicidade, magia e inocência, tudo junto numa simples ação de um homem a fazer balões de sabão gigantes para duas crianças. Nesta imagem, a cor desempenha um papel fundamental. Primeiro, ajuda a destacar os elementos centrais da cena: o homem, as crianças e, claro, os balões de sabão gigantes. A cor ajuda a criar uma sensação de alegria e fascínio, uma sensação bastante acentuada pela luz do ambiente, e refletida nas expressões das crianças. As cores brilhantes dos balões de sabão, o azul do céu e as cores das roupas do homem e das crianças criam um cenário alegre. Para não faltar, a cor ajuda a localizar a cena no espaço e no tempo. O azul do céu e o calor do sol indicam que é um dia claro e ensolarado, enquanto as cores do Terreiro do Paço os tons quentes amarelados dos edifícios, o cinza das calçadas, permitem-nos identificar a localização. A cor também serve para dar distinção entre a magia dos balões de sabão e a realidade do ambiente urbano. Estas cores brilhantes e fluidas dos balões contrastam com as cores mais estáticas e sólidas dos edifícios, que cria um contraste que amplifica a sensação de encanto e fantasia. Por último neste contexto, a cor serve como uma ferramenta documental poderosa, que permite ao autor moldar a forma como a imagem é vista e vivenciada. Através da cor, o autor é capaz de dirigir a atenção do espectador, em evocar emoções específicas, situar a cena num contexto geográfico e temporal, e criar contrastes visuais que aprofundam o significado da imagem.

Figura 65

Gonçalo Gouveia, 2023, Bolas de Sabão, Terreiro do Paço.



4.5 - Fotógrafos que trabalharam a cidade.

Embora existam muitos fotógrafos que já se dedicaram a capturar a essência das cidades através das suas lentes, como o Américo Ribeiro, Vivian Marie, Artur Pastor e Luísa Ferreira, eu optei por explorar um caminho diferente. Decidi escolher outros autores, onde mais identificava-me mais, com o objetivo de encontrar novas perspetivas e pontos de vista diferentes sobre o cenário urbano. A escolha abordagem proporcionou uma visão única sobre as cidades de Lisboa. Porque em vez de copiar os estilos e as abordagens dos fotógrafos, procurei criar o meu estilo próprio para que reflita o meu ponto de vista verdadeiro dos fenómenos que estão a acontecer. Apresentei a cidade não apenas como espaços físicos, mas como uma realidade fria e escondida, cheia de histórias e de carácter.

4.5.1 - Henri Cartier-Bresson. (1908-2004)

Bresson revolucionou a arte da fotografia com a sua técnica de conseguir capturar imagens espontâneas, o que ajudou a definir o seu estilo fotográfico. Ao desenvolver as minhas habilidades na fotografia documental, Henri- Bresson é uma referência importante.

Na filosofia de Cartier-Bresson, o momento decisivo é um detalhe fundamental. O autor acreditava que a verdadeira essência de uma narrativa só pode ser capturada num breve instante, em que todos os elementos estão unidos numa forma perfeita. Isto é, Bresson ensina-nos a ser um observador atento com um olhar aguçado para todos detalhes. Na sua abordagem humana e ética, tinha uma forte consciência social e política ao fotografar muitas das vezes pessoas em situações difíceis ou mesmo durante momentos históricos significativos. Sempre destacava as pessoas nas suas fotografias, independentemente da sua situação. O autor demonstrou que tinha uma incrível versatilidade ao longo da sua carreira, por ter trabalhado em vários tipos de registo fotográfico, incluindo retratos, paisagens e fotografias de rua. O autor foi um verdadeiro mestre da sua arte, e o seu legado ainda é reconhecível, e continua a inspirar fotógrafos em todo o mundo.

Na figura 66, é uma fotografia de 7 pessoas na relva, que faz parte num conjunto de fotografias do livro de Henri Cartier-Bresson, *“America In Passing”*, onde mostra, a rica diversidade dos EUA, ao captar todos os sectores da vida americana. (Bresson, 1991)

A imagem pode ser uma captura da vida cotidiana, com pessoas a relaxar ou a socializar num ambiente ao ar livre. A presença destas 7 pessoas pode sugerir que seja um grupo diversificado, que representa diferentes etnias.

Figura 66

Henri Cartier-Bresson, 1947, *America in Passing, Men laying on grass*. Boston, Massachusetts.



Website (acedido em 19/03/23 <https://www.magnumphotos.com/>)

Na figura 67, é uma fotografia de 3 mulheres na rua a pentear-se numa rua em Espanha, que faz parte num conjunto de fotografias do livro, *“The World of Henri Cartier-Bresson”*, onde transmite um olhar caleidoscópico sobre o mundo em meados do século XX. (Bresson, 1968) Essa fotografia em particular, com as três mulheres, em fila, a pentear-se num ambiente urbano espanhol, pode transmitir uma sensação de intimidade, enquanto também pode destacar a rotina diária e a vida comum dos moradores locais. Cartier-Bresson muitas vezes procurava esses momentos cotidianos para mostrar a beleza e a singularidade da vida comum.

Figura 67

Henri Cartier-Bresson, 1947, The World of Henri Cartier- Bresson Group of three people on street, Alicante, Spain.



Website (acedido em 19/03/23 <https://www.magnumphotos.com/>)

A figura 68 é um homem anunciar que está à procura de trabalho na Alemanha, que faz parte do livro, “*Europeans*”, onde o autor explora e partilha algumas identidades europeias. (Bresson, 1955) A imagem do homem com uma placa à procura de trabalho pode transmitir uma narrativa de um indivíduo que está à procura de uma nova oportunidade na Alemanha. Possivelmente pode estar a enfrentar desafios e incertezas ao tentar viver num país estrangeiro. A fotografia faz parte de um projeto mais amplo que explora as várias identidades europeias, e oferece um olhar sobre as experiências e as narrativas pessoais dos indivíduos retratados.

Figura 68

Henri Cartier-Bresson, 1952, *Les Européens*- “I am looking for any kind of work”, Germany, Hamburg.



Website (acedido em 19/03/23 <https://www.magnumphotos.com/>)

4.5.2 - Ara Güler. (1928-2018)

Ara Güler (2010), o fotógrafo turco que nasceu em 1928 na capital da Turquia e ficou conhecido pelas suas fotografias documentais sobre a vida e a cultura de Istambul.

Como fotógrafo, tinha um olhar único e uma abordagem pessoal em encontrar beleza na vida urbana turca e transmitir certas emoções complexas. Güler acreditava que a preservação da cultura era crucial para a compreensão e respeito mútuo entre as pessoas, e no seu livro, *“I’m Listening to Istanbul 1950-2010”*, publicou uma coleção vasta de fotografias que representa a vida e a cultura turca ao longo de várias décadas. As suas fotografias contam narrativas visuais interessantes que chega a estimular a imaginação, o desespero e a curiosidade. Ficou conhecido por retratar a autenticidade e a diversidade humana através das lentes, ao focar-se em pessoas comuns e suas práticas culturais. Ao me inspirar em Güler, tive a oportunidade de moldar uma perspetiva única, de criar narrativas com um forte impacto visual, preservar as emoções e as memórias nas minhas fotografias.

A figura 69 é uma fotografia que fez parte dos primeiros trabalhos de Güler, que realizou para o jornal paroquial local *Jamanak*. Esta imagem retrata pescadores a trabalhar nas águas do mar de Marmara³⁸, nas primeiras horas da manhã. A fotografia é uma representação poderosa do estilo de vida dos pescadores, homens pensativos, a fumar cigarros enquanto atravessam as águas agitadas, com a mesquita de Istambul em silhueta ao longe. Esta fotografia causou alguma polémica quando foi publicada pela primeira vez. Os pescadores, ao verem o retrato que o autor fez deles, invadiram os escritórios do *Jamanak*, que acusaram Güler de os retratar como alcoólicos. Em sua defesa, Güler declarou:

Escrevi que eles bebiam bebidas espirituosas por prazer e os malandros invadiram o jornal³⁹. (Chambers, 2019)

³⁸ O Mar de Marmara, também conhecido como mar de Mármora, é um mar interior que separa o mar Negro do mar Egeu

³⁹ Traduzido a partir do original: *“I wrote that they drank spirits for the hell of it, and the blighters stormed the paper.”* (Chambers, 2019)

Figura 69

Ara Guller, 1950, Kumkapi Fishermen Returning to port in the first light of dawn, Instambul.



Website (acedido em 19/03/23 <https://www.magnumphotos.com/>)

Na figura 70 é uma fotografia que capta um momento de despedida de alguma figura que era bastante querida no cais de Galata em Instambul.

Um homem está na janela do barco, prestes a partir, enquanto recebe algo que parece ser dado pela sua mãe. Esse tipo de imagem evoca uma série de emoções e outras narrativas possíveis. A despedida é frequentemente um momento emocional, cheio de saudade, ternura e, às vezes, tristeza. Esta imagem pode transmitir uma sensação de uma conexão familiar e amor, com a mãe a oferecer um objeto que pode simbolizar o afeto ou uma lembrança para o sujeito. A ação de buscar algo pela janela do barco sugere uma separação, mas também pode indicar uma tentativa de manter um último gesto de despedida. A localização no porto de Galata também pode ter significado simbólico. Galata é uma área histórica e icônica de Istambul, na Turquia. É caracterizado como um porto movimentado com uma vista panorâmica do Estreito de Bósforo.

Na figura 71 é uma fotografia que retrata um homem a pintar uma âncora de um navio, em Karakoy. Esta imagem pode simbolizar o extenso trabalho árduo e dedicação, assim como os elementos relacionados à vida marítima e ao contexto histórico da época. Pela imagem, pintar a âncora de um navio pode ser um trabalho exigente, pois as âncoras são geralmente grandes e pesadas. Esta atividade requer alguma precisão e cuidado para garantir que a pintura seja aplicada corretamente, que protege o metal contra a corrosão e prolonga a vida útil da âncora. Karakoy é um bairro histórico e uma área portuária bastante importante em Istambul, na Turquia. Durante o período em que a fotografia foi tirada, Karakoy era uma região movimentada e popular no que conta para a atividade marítima, com muitos navios e comerciantes a passar por lá. E a presença do homem a pintar a âncora pode ilustrar a importância das atividades portuárias e da manutenção adequada dos navios.

Figura 70

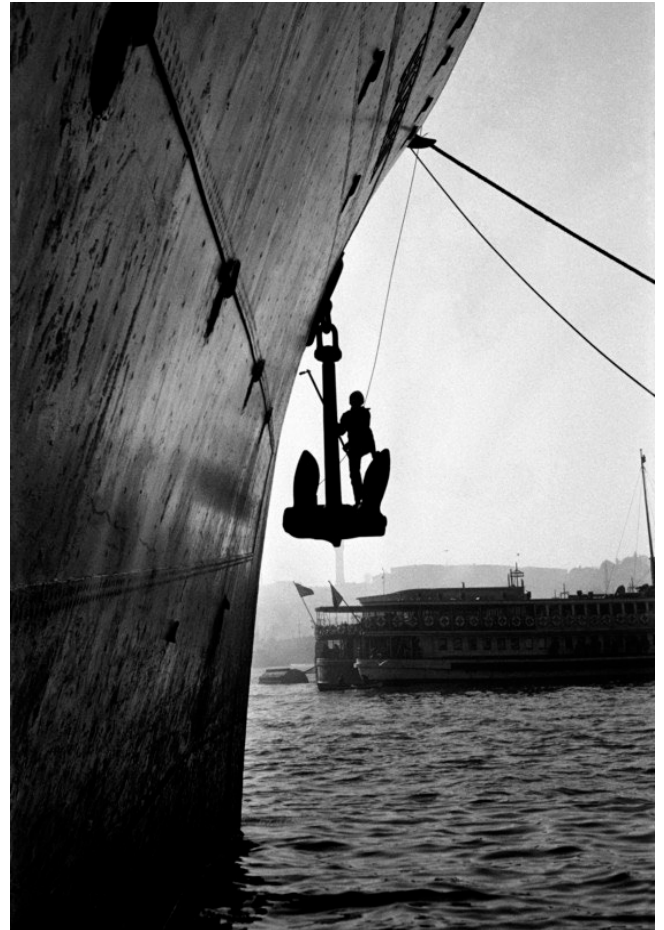
Ara Guller, 1955, Saying good-bye on the Galata quay, Instambul.



Website (acedido em 19/03/23
<https://www.magnumphotos.com/>)

Figura 71

Ara Guller, 1954, The man panting the anchor of a boat, Karakoy, Instambul



Website (acedido em 19/03/23
<https://www.magnumphotos.com/>)

4.5.3 - Eduardo Gageiro. (1935-)

Eduardo Gageiro é considerado um dos maiores fotógrafos portugueses de todos os tempos e é conhecido pelo seu trabalho documental da cidade de Lisboa. Iniciou a sua carreira como fotógrafo no início dos anos 50, ao trabalhar em vários jornais, revistas portuguesas e chegou a ser o fotógrafo oficial do Presidente da República Portuguesa durante algum tempo. Gageiro, com sua habilidade em capturar momentos autênticos e íntimos, escreveu o livro, “Lisboa no Cais da Memória”, publicado em 1999, apresenta uma visão pessoal e emocional da cidade, ao mostrar as transformações sociais, culturais e arquitetónicas que ocorreram em Lisboa ao longo das décadas. Esta é uma das obras que serve como uma homenagem à cidade e às pessoas que nela vivem, ao destacar a identidade única de Lisboa e seu patrimônio histórico.

Na figura 72, captura a vida cotidiana do bairro histórico de Alfama em preto e branco. Proporciona um contraste dramático que destaca a textura e a atmosfera das ruas estreitas, casas antigas com varandas de ferro forjado e roupas penduradas nas janelas e as crianças a brincarem na rua como se fossem soldados. Representa um espírito comunitário com a cultura forte do bairro de Alfama nos anos 60. Um estilo documental e humanista do próprio fotógrafo que permite ao espectador que tenha uma visão autêntica do que era a vida em Lisboa durante esse período.

Figura 72

Eduardo Gageiro, 1963, Alfama,



Livro (acedido em 21/03/23, Lisboa no Cais da Memória)

Na figura 73, é uma fotografia de uma senhora a vender na Feira da Ladra também conhecida como "Feira de Ladrões" ou "Mercado das Pulgas".

É um local onde os vendedores se juntam para vender e comprar artigos usados, antiguidades e outras curiosidades. É possível ver que a vendedora apresentada tem as suas mercadorias numa banca improvisada e mesmo no chão, coberto por lonas e toalhas. A sua diversidade de objetos disponíveis é vasta, inclui talheres, peças de arte, utensílios domésticos e outras relíquias. Através desta fotografia somos quase como transportados para trás do tempo como era antigamente a Feira da Ladra.

Figura 73

Eduardo Gageiro, 1966, Feira da Ladra, Campo de Santa Clara



Livro (acedido em 21/03/23, Lisboa no Cais da Memória)

Na figura 74, um bairro cheio de vida e sofisticado no coração de Lisboa, Chiado. Esta imagem mostra o que era antigamente os Armazéns do Chiado como um centro cultural e comercial da cidade, que atrai artistas, escritores, intelectuais e outros visitantes mais curiosos. No Chiado as ruas eram empedradas e repletas de lojas elegantes, livrarias, galerias de arte e cafés, sempre cheias de vida, com moradores e visitantes a passear, com os músicos e artistas de rua sempre a tocar e os vendedores ambulantes a vender os seus produtos.

Figura 74

Eduardo Gageiro, 1963, Baixa Chiado



Livro (acedido em 21/03/23, Lisboa no Cais da Memória)

4.5.4 - Daidô Moriyama. (1938-)

Outro fotógrafo que é importante mencionar é Moriyama, o fotógrafo japonês que é conhecido pelas suas fotografias preto e branco das ruas japonesas e pela sua abordagem experimental em relação à fotografia. O autor defende que a câmara é a sua companheira constante, sempre pronta para capturar a próxima inspiração que pode encontrar. O autor acredita que a inspiração é um elemento crucial no seu trabalho, mas nunca chega ao seu estado de conclusão. “A fotografia nunca atinge um estado de conclusão. É isso que a torna interessante - espantosa.”⁴⁰ (Aperture, 2020) É interessante a forma como o autor se refere à ideia de que a fotografia está sempre a evoluir e que há sempre mais para explorar e descobrir. Isto leva a acreditar que há sempre algo novo a aprender, quer seja em termos de técnica, assunto, ou a forma como percebemos e interpretamos as imagens. A fotografia é comparada a uma viagem sem fim que oferece possibilidades ilimitadas de crescimento e desenvolvimento, isto implica que haja sempre espaço para melhorias e que o meio nunca pode ser totalmente dominado ou esgotado.

Na figura 75, apesar de estar um pouco desfocada, é uma fotografia a preto e branco de um conjunto de pessoas nas escadas rolantes, onde é possível perceber que se trata do metro, porque este enquadramento é muito típico e estético de qualquer outro metro ao redor do mundo. As escadas são iluminadas por várias fontes de luz, sendo possível ver o grande conjunto de pessoas. Em primeiro plano, há várias pessoas a caminhar em direções opostas, umas a dirigirem-se para o metro e outras a saírem do metro. Esta fotografia parece ser intencionalmente desfocada, para lhe dar uma sensação de movimento e de rapidez. O contraste entre a luz brilhante e as sombras escuras cria uma sensação fria e triste.

⁴⁰ Traduzido pelo original: “*Photography never reaches a state of completion. That is what makes it interesting—amazing.*” (Aperture, 2020)

Figura 75

Daidô Moriyama, 2006, Photograph from Issue, Japan



Website (acedido em 21/03/23 <https://www.mrporter.com/>)

Na figura 76, o autor retrata um grande plano de uma rua japonesa, com duas jovens em primeiro plano e ao fundo outras duas pessoas sentadas que aparentam estar a desfrutar de uma refeição. A imagem tem um elevado contraste, com sombras profundas e destaques brilhantes, e cria um efeito de textura. A foto é bem enquadrada e demonstra a vida cotidiana japonesa.

Figura 76

Daidô Moriyama, 2005, Record No. 42 Japan



Website (accedido em 21/03/2023 <https://www.akionagasawa.com/en/>)

Na figura 77 apresentada a preto e branco, captura a energia bruta e sombria das ruas de Tóquio no início dos anos 70. Duas jovens sentadas num parque infantil a olhar para um baloiço vazio à espera de que algo aconteça. Esta fotografia pode ter um grande significado de perda ou a falta de crianças numa área com um elevado número de pessoas idosas. A ausência das crianças pode sugerir como um futuro incerto ou uma necessidade de uma renovação nesta comunidade e consegue trazer uma sensação de vazio ou mesmo tristeza. Pode refletir também as mudanças sociais num bairro japonês e sensibiliza questões como o envelhecimento da população e o impacto social que isso pode ter.

Figura 77

Daidô Moriyama, 2015, Record No. 29, Japão



Website (acedido em 21/03/23 <https://pen-online.com/arts/daido-moriyamas-tribute-to-takuma-nakahira/>)

4.5.5 - Camilo Vergara. (1944-)

Os fotógrafos tinham um grande interesse em documentar as transformações urbanas, porque acreditava que a fotografia poderia ser usada como uma ferramenta não só para documentação, mas principalmente para preservar a memória e a história do lugar que estava a ser gentrificado. Como já anteriormente mencionado, Vergara (2013) nos anos 70, começou por fotografar o bairro americano, Harlem, enquanto passava por uma enorme transformação urbana devido a questões económicas e sociais. O próprio expressa a intensidade como vive nos locais:

Vivi o Harlem com o meu corpo, através de cheiros, ruídos, vozes, rostos de pessoas, edifícios e árvores. O que sinto vai para a minha memória e é registado com a minha câmara e em cadernos. Considero-me privilegiado por levar comigo o Harlem atual, bem como o Harlem que vi pela primeira vez há quarenta e dois anos e todos os Harlems intermédios. Vergara (2013, p.2) ⁴¹

Com a ajuda de colaborações com grupos comunitários e organizações sem fins lucrativos, o autor documentou as mudanças urbanas como o intuito de fornecer provas que apoiam a luta por habitações mais acessíveis e a preservação dos bairros históricos.

Na figura 78 é uma fotografia que retrata um conjunto de raparigas a brincar com bonecas da *Barbie*⁴² fora de um edifício no bairro, que historicamente tem sido o lar de comunidades hispânicas e afro-americanas predominantemente pobres. As raparigas estão sentadas em cima de uns degraus, o edifício está rodeado com paredes cobertas de *grafittis*⁴³, o que sugere um conceito de abandono e negligência do ambiente construído na área. Esta fotografia de Vergara capta um momento de inocência e imaginação infantil no meio das duras realidades, a pobreza urbana e a desgraça. Realça o contraste entre a cultura de consumo idealizada encarnada pelas bonecas da *Barbie* e a dura realidade da vida bairrista americana. De facto, reflete sobre o impacto da gentrificação no bairro, uma vez que Harlem estava no início de sofrer mudanças significativas com o influxo de residentes mais ricos e a deslocação de residentes de longa data. É uma imagem um pouco sensível e provocadora que convida o espectador a refletir sobre questões de pobreza, cultura de consumo e a gentrificação.

⁴¹ Traduzido pelo original: “*I experienced Harlem with my body, through smells, noises, voices, the faces of people, the buildings, and the trees. What I feel goes to my memory and gets recorded with my camera and in notebooks. I consider myself privileged to carry with me present-day Harlem as well as that Harlem I first saw forty-two years ago and all the Harlems in between.*” Vergara (2013, p.2)

⁴² Barbie é uma boneca e personagem fictício fabricada pela empresa estadunidense de brinquedos Mattel, Inc. e lançada em 9 de março de 1959.

⁴³ É uma arte, na forma de uma inscrição caligrafada de elaboração mais complexa que a pichação ou um desenho pintado sobre um suporte em espaços públicos

Figura 78

Camilo Vergara, 1970, *Girls and Barbies*, East Harlem.



Wesbite (acedido em 23/03/23. Arquivo.

<https://archive.org/details/harlemunmakingof0000verg/page/n9/mode/2up?view=theater&q=often>)

Na figura 79 é uma fotografia de um grupo de jovens estudantes a segurarem os seus instrumentos musicais enquanto estão de pé de uma pilha de lixo de construção. Esta fotografia capta um momento no tempo, que proporciona um vislumbre da paisagem cultural e social de East Harlem durante a década de 1970. A presença destes estudantes de música com os seus instrumentos sugere uma dedicação à educação e expressão artística, enquanto o ambiente urbano, e ao mesmo tempo reflete os desafios e as oportunidades da vida numa cidade como Nova Iorque. Globalmente, a fotografia oferece uma perspetiva convincente e estimulante sobre um lugar que está prestes a ser transformado.

Figura 79

Camilo Vergara, 1970, Music students in fifth avenue at 11th Street, East Harlem



Wesbite (acedido em 23/03/23. Arquive.

<https://archive.org/details/harlemunmakingof0000verg/page/n9/mode/2up?view=theater&q=often>)

Na figura 80 e 81, Vergara capturou o Lenox Lounge no bairro de Harlem, mas com uma diferença de 6 anos entre elas. A fotografia de 2007 mostra o exterior do famoso clube de jazz, local após a reabertura do clube, enquanto a fotografia de 2013 mostra o mesmo local, mas fechado para sempre. A fotografia de 2013 mostra o edifício em estado de decadência, com as paredes descascadas que dá uma sensação de negligência e abandono, o que pode ser visto como simbólico do declínio urbano. Por outro lado, na fotografia de 2007 mostra o exterior recentemente novo, com o icônico letreiro de néon iluminado. Esta fotografia capta a revitalização do bairro e o pouco interesse de renovar e preservar o património cultural. Os bairros não ficam parados no tempo, as pessoas mudam, os edifícios mudam, mas tenta se não mudar as comunidades locais. Porque sem elas acabam as tradições, os costumes, as festas, e sem a existência dessas atividades culturais o lugar torna-se novo, descaracterizado, sem cultura, sem comunidade.

Figura 80

Camilo Vergara, 2007, 288 Lenox Avenue, Harlem



Website (acedido em 23/03/23, Arquivo.

<https://archive.org/details/harlemunmakingof0000verg/page/n9/mode/2up?view=theater&q=often>

Figura 81

Camilo Vergara, 2013, 288 Lenox Avenue, Harlem



Website (acedido em 23/03/23, Arquivo.

<https://archive.org/details/harlemunmakingof0000verg/page/n9/mode/2up?view=theater&q=often>

4.5.6 - Martin Parr. (1952-)

Martin Parr, o fotógrafo britânico conhecido pelas suas imagens satíricas e documentais da vida diária. Interessou-se por fotografia ainda jovem, a sua abordagem crítica e humorística à sociedade contemporânea é bastante conhecida, sobretudo no Reino Unido, quando as suas fotografias são caracterizadas pelas cores vibrantes, flash intenso e composições intrigantes que destacam os aspetos mais peculiares da vida diária como diz Parr (2019) “Não estou a tentar mudar o que as pessoas pensam, as pessoas vão sempre seguir as suas convicções, de uma forma ou de outra, e vão sempre encontrar provas daquilo em que querem acreditar.”

Parr numa entrevista para a *Vogue* expressa a sua visão sobre como as pessoas interpretam o seu trabalho e o mundo em geral. O autor reconhece que cada pessoa possui as suas próprias ideias e convicções, e que muitas das vezes, são tão enraizadas que é difícil mudá-las. Acredita ainda que as pessoas tendem a procurar provas ou outras informações que confirmem com as suas ideias, em vez de procurar por algo novo ou até uma perspetiva diferente. Esta frase pode ser entendida como uma espécie de reconhecimento, mas o objetivo do fotógrafo não é mudar a opinião das pessoas ou sequer forçar a seguir as suas ideias, pretende apenas estimular o pensamento crítico sobre os temas que elabora nas fotografias que tira, ao permitir que cada espectador tire as suas próprias conclusões com base das suas experiências ou outras crenças.

Na figura 82 ilustra um complexo turístico à beira-mar que passou o seu apogeu, destinado a atrair uma classe trabalhadora economicamente angustiada, evidenciado por praias cheia de pessoas, concursos de beleza, salas de chá e estabelecimentos de fish and chips. É possível ver uma família composta por quatro pessoas - a mãe, o pai e duas filhas - posando perto de um contentor de lixo cheio. Esta cena ocorre num ambiente urbano, possivelmente numa área residencial ou parque público, composta com cores vivas e saturadas, uma característica marcante do trabalho de Parr. O lixo cheio é um contraste com a postura e expressões da família, que parecem contentes e descontraídos, como se estivessem num cenário completamente diferente. Os membros da família estão vestidos de forma casual, mas cuidada, o que pode sugerir que estão a passear num fim de semana ou algo do género. A mãe e o pai estão a sorrir, parecem divertidos, enquanto as filhas olham para os pais com uma mistura de curiosidade e entusiasmo. A posição onde está o lixo e ao seu redor revela uma variedade de objetos descartados, que inclui embalagens de alimentos, garrafas plásticas e outros detritos. Esses mesmos elementos adicionam um senso de desordem e

negligência à imagem, que contrasta com a aparência limpa da família. Revela um exemplo do estilo documental e satírico de Martin Parr, que muitas vezes explora temas da classe social, consumo e vida cotidiana. Ao posicionar a família sorridente diante de um cenário tão desagradável, Parr mostra aos seus espectadores uma reflexão sobre as contradições e ironias presentes na sociedade moderna.

Figura 82

Martin Parr, 1985, *New Brighton, Merseyside*



Website (acedido em 24/03/23,
https://www.moma.org/collection/works/187218?artist_id=4506&page=1&sov_referrer=artis)

A figura 83 ilustra o mesmo complexo turístico à beira-mar que a figura 91. Parr, mostra esse *resort* numa condição menos resplandecente, frequentado por turistas em busca de entretenimento a custos reduzidos. A fotografias estão repletas de indivíduos trajados pelo um vestuário da época em lycra fluorescente, ao saborear fast-food entre as ruínas de uma cidade costeira. Na década dos anos 80 do século XX , “*The Last Resort*” foi visto como uma acusação às políticas econômicas do mercado governamental conservador liderado por Margaret Thatcher. Alguns dos críticos entenderam a representação de Parr no foco nos excessos pessoais das suas fotografias como uma declaração política contra os excessos do *Thatcherismo*. No entanto, têm sugerido uma leitura menos política das imagens, que explica o olhar incisivo de Parr para o excêntrico.

Figura 83

Martin Parr, 1983-85, England. New Brighton, The last resort



Website (acedido em 24/03/23, <https://www.martinparr.com/>)

A figura 84 apresenta uma cena humorística e interessante em Pisa, Itália, com várias pessoas a tentar tirar fotografias enquanto fingem segurar na icônica Torre Inclinada de Pisa. A fotografia mostra um dia ensolarado, com céu azul e uma atmosfera alegre. A Torre Inclinada de Pisa, uma atração turística mundialmente famosa, aparece ao fundo da imagem, com sua inclinação característica em plena exibição. Em primeiro plano, várias pessoas estão espalhadas pelo jardim, ao assumir poses criativas e divertidas, a tentar alinharem se com a torre de tal forma que parece que estão a segurar ou a empurrar uma estrutura inclinada. As expressões faciais das pessoas variam de focadas a divertidas, enquanto elas esforçam se para criar a ilusão perfeita. Os turistas estão vestidos de forma casual, com roupas apropriadas para um dia quente e ensolarado, uns estão sozinhos, outros estão em grupos, com amigos ou familiares a ajudar a tirar a fotografia perfeita. Esta cena é caracterizada como movimentada e cheia de energia, com os visitantes a aproveitar esta oportunidade para criar uma lembrança única e divertida da sua visita a Itália. A imagem captura o fenómeno comum dos turistas que procuram tirar as fotografias mais engraçadas ou interessantes num dos locais mais famosos do mundo, mas principalmente serve como reflexão

Figura 84

Martin Parr, 1990, The leaning Tower of Pisa



Website (acedido em 24/03/23 <https://www.martinparr.com/>)

sobre a natureza do turismo moderno e a necessidade de criar lembranças visuais e compartilháveis.

4.5.7 - Wolfgang Tillmans. (1968-)

A fotografia pode ser criada de modo a tornar-se um registo pessoal das nossas experiências. O ato de tirar fotografias de pessoas que encontramos, dos lugares que visitamos e das coisas que nós fazemos, criamos uma história visual das nossas vidas. Estes registos podem servir-nos como lembranças do nosso crescimento e desenvolvimento pessoal, e podem ajudar-nos a apreciar a viagem que fizemos. Tillmans é um fotógrafo alemão conhecido pelas suas fotografias que abrangem desde retratos até à fotografia abstrata, mas é frequentemente relacionado com temas sociais e políticos. Este é um defensor do uso da fotografia como uma forma de registo pessoal das experiências do indivíduo, e muitas vezes usa as suas próprias vivências e impressões como inspiração para as suas obras. O seu trabalho também é considerado uma reflexão da cultura contemporânea e das suas mudanças ao longo do tempo. Numa entrevista feita ao fotógrafo, Hagan (2016) faz a seguinte pergunta: “Sempre foi conhecido - e por vezes criticado - pelo "quotidiano" das suas fotografias. Os posters são uma mudança de estilo que se afasta do pessoal e do observacional.”⁴⁴

Hagan pediu a Tillmans que comentasse esta mudança e como esta se relaciona com a sua visão artística global. Neste caso o fotógrafo responde:

Sim, o meu trabalho tem sido por vezes criticado por não ser específico ou por não ter rigor, mas, de facto, o rigor está nas nuances. Sempre olhei para as nuances das coisas quotidianas porque sinto que essa é também uma responsabilidade política - olhar de uma forma aberta, sem preconceitos e sem medo para o mundo que nos rodeia⁴⁵. (Tillmans, 2016)

⁴⁴ Traduzido pelo original: “*You have always been known for – and sometimes criticised for – the “everydayness” of your photographs. The posters are quite a shift in style away from the personal and the observational.*” (Hagan, 2016)

⁴⁵ Traduzido pelo original: “*Yes, my work has sometimes been criticised for being somehow non-specific or lacking in rigour, but, in fact, the rigour is in the nuances. I have always looked at the nuances of everyday things because I feel that is a political responsibility, too – to look in an open, unprejudiced, fearless way at the world around you.*” (Hagan, 2016)

Tilmans argumenta que o rigor no seu trabalho é encontrado nas nuances, nos detalhes subtis e frequentemente negligenciados da vida quotidiana pessoal que capta nas suas fotografias. O fotógrafo alemão vê como uma responsabilidade, observar o mundo à sua volta de uma forma aberta e sem preconceitos, e apresentar essas nuances como uma forma de refletir e compreender as complexidades da vida contemporânea.

Na figura 85 é possível ver uma mulher, chamada Corinne, de pé em Gloucester Place. Aparenta, com os olhos baixos, perdida nos seus próprios pensamentos, com uma expressão neutra no seu rosto. O fundo mostra uma rua pavimentada e com carros. O significado desta fotografia pode ser aberto à interpretação, mas podem incluir um comentário sobre a condição humana e o isolamento da vida urbana, como também uma possível exploração da ideia de individualidade e identidade. A imagem pode ter um significado subjetivo influenciado por experiências e interpretações pessoais do autor.

Figura 85

Wolfgang Tillmans, 1993, Corinne on Gloucester Place Central, London



Website (acedido em 25/03/23, <https://americansuburbx.com/>)

Na figura 86 o autor capta um homem a olhar pela sua janela para um grupo de pessoas na calçada em frente a um edifício, a rua está ocupada com peões, e há carros estacionados no lado esquerdo da imagem. Existe uma sensação de movimento e energia na fotografia, com o movimento desfocado das pessoas no fundo e a ligeira inclinação da composição. As tonalidades da fotografia realçam a atmosfera urbana da cena.

Figura 86

Wolfgang Tillmans, 1995, Carl Craig, 14th Street, United States of America



Website (acedido em 25/03/23, <https://flash---art.com/>)

Capítulo 5 - Projeto Final.

5.1 - Ensaio Visual formato *photobook*.

O que é um *photobook*?

Um *photobook* é um livro que contém um conjunto de fotografias, sendo que o termo de álbum de fotografias é o conceito mais conhecido. O livro serve como o resultado do projeto de mestrado, onde foram capturadas as fotografias produzidas e a exibição do trabalho de investigação que foi feito durante um ano. Este ensaio visual em forma de *photobook* tem capacidade de narrar e ilustrar a evolução da paisagem urbana que a cidade de Lisboa tem sofrido nos últimos anos devido aos processos de turistificação e gentrificação. Para uma consulta mais breve é possível consultar as paginações completas do ensaio visual no anexo 1 página 194.

5.2 - Processo de criação.

O processo de criação de um ensaio visual em forma de *photobook* pode ser diferente, dependendo do estilo do fotógrafo e do propósito do projeto. Primeiro, o fotógrafo deve ter uma ideia clara do tema que deseja abordar no seu ensaio visual, e pesquisar toda a informação necessária para a sua execução. Uma vez que o fotógrafo tenha o tema que mais lhe interessa e as bases de informação sobre a mesma, está na fase prática de documentar fotograficamente o conteúdo. Depois de visualizar e editar as fotografias capturadas, o autor deve selecionar as melhores que estão de acordo com o ensaio visual com uma breve descrição do assunto e a localização das mesmas. E por fim desenvolver, com os princípios do design, um *photobook* que crie um impacto visual e complete a narrativa sobre o tema em si.

5.3 - Hierarquia Visual.

A hierarquia visual refere-se ao arranjo dos elementos da página para indicar o que é mais importante. Este princípio serve como guia, por outras palavras, orienta o observador a ver o que é mais relevante em primeiro lugar, para que o público absorva da ordem correta toda a sua informação.

Tal como a moda, o design gráfico passa por períodos de estrutura e caos, ornamento e austeridade. A abordagem de um designer à hierarquia visual reflete o seu estilo pessoal, a sua metodologia e a sua formação, bem como o zeitgeist do período. (Lupton, Phillips, 2015, p.115)⁴⁶

O processo não é criado no meio do nada, certamente é influenciado pelas mudanças culturais e sociais do que está a acontecer à nossa volta, e está sempre em evolução junto com a hierarquia. À medida que consumimos estas mudanças, nós acabamos por desenvolver a nossa personalidade nos nossos projetos, e a partir dos básicos o processo de design desenrola. O que é maior em tamanho atrai mais atenção do que os elementos mais pequenos, porque ao utilizar uma tipografia mais grossa e uma boa organização de palavras, é possível fazer uma composição que guie o olhar do leitor. A tipografia deve ser o primeiro elemento a chamar a atenção para si própria antes do livro ser lido, para que a mensagem seja bem transmitida ao início. Bringhurst, no seu livro *“The Elements Of Typographic Style”*, aponta a importância da tipografia num mundo em que nós somos bombardeados diariamente por mensagens visuais. Porque uma boa tipografia deve ter durabilidade e não estar sujeita a tendências da moda fugaz como afirma: “Deve ser como uma forma de linguagem visual que pode ligar a intemporalidade e o tempo, ao transmitir mensagens que são igualmente duradouras e oportunas” (1992, p.17)⁴⁷.

Mais adiante, a grelha também é uma grande ajuda para determinar como as imagens serão organizadas no livro e como a narrativa visual se desenrola a fins de influenciar diretamente na perceção e na experiência do leitor. Antes de mais, uma grelha introduz uma ordem sistemática numa apresentação, distinguindo tipos de informação e facilitando a navegação do utilizador através deles. A utilização de uma grelha permite que um designer disponha enormes quantidades de informação, como num livro ou numa série de catálogos, em muito menos tempo, porque muitas considerações de design foram abordadas na construção da estrutura da grelha como indica Samara (2002, p.22).

A escolha da organização das fotografias do ensaio visual foi eficaz, porque constitui uma narrativa visual coerente e impactante que nos transporta através das múltiplas realidades da cidade

⁴⁶ Traduzido pelo original: *“Like fashion, graphic design cycles through periods of structure and chaos, ornament and austerity. A designer's approach to visual hierarchy reflects his or her personal style, methodology, and training as well the zeitgeist of the period.”* (Lupton, Phillips, 2015, p.115)

⁴⁷ Traduzido pelo original: *“It should be like a form of visual language that can connect timelessness and time by conveying messages that are equally lasting and timely.”* (Bringhurst, 1992, p.17)

Figura 89

Paginação nº 23 e 24



Figura 90

Paginação nº 53 e 54

Preparação para as festas Largo de São Miguel Pg. 1 e 2	Projeto de um apartamento Travessa de Madalena Pg. 27 e 28
Linear Apartments Rua São João das Lagas Pg. 3 e 4	Icone português Rua de São Miguel Pg. 29 e 30
Piscina Turca Rua de Anjoaria Pg. 5 e 6	Nova Alameda Rua do doze de Junho e Largo de São Miguel Pg. 31 e 32
Dona Maria Largo de São Miguel Pg. 7 e 8	O passado destruído Largo de São Miguel Pg. 33 e 35
A pendura cantada. Turismo e segurança Rua de Marquês de Pombal Pg. 9 e 10	Asfalto duro. A memória Rua de Marco Marinho Pg. 35 e 36
Apartamentos turísticos. Apaia turística local Rua de São Estevão e Rua de Cascaes Pg. 11 e 12	Dona Margarida. Turismo de cruzeiro Miradouro Santa Catarina Pg. 37 e 38
A oficina caseira. Protecção dos santos Rua de Orlas e Rua da Amalicia Pg. 13 e 14	Espiralada de Lisboa Miradouro Santa Catarina Pg. 39 e 40
A condão murgeliano. Habitação Alentejo Metro da Velha Mouraria e Rua de António Pereira Pg. 15 e 16	NSP N Rua de Marquês de Lima, Largo de Correio Mor e Rua Augusto Rosa Pg. 41 e 44
Caridade portuguesa. Salvoventina na rua Camões e Rua de São João Pg. 17 e 18	Uma mulher pela cidade Largo de São Miguel Pg. 45 e 46
Mágica da moda portuguesa. O retrato uma casa Rua de Antónia e Rua de Terceiro Pg. 19 e 20	1715 - Tejo Rua de São Estevão Pg. 47 e 48
A rua oriental Rua de Terceiro Pg. 21 e 22	Tráficos Alameda Pg. 49 e 50
Dona Angélica e o seu tempo Rua de São João Pg. 23 e 24	Barceloneta Alameda Pg. 51 e 52
Um pouco de sossego Travessa de Madalena Pg. 25 e 26	

Lisboa de mil encantos, de história para contar

Perde-se nas ruas e o turismo a inovar

A saudade cresce, e o fado a lamentar

Nossa alma lusa, na maré de estranhos a chegar

Gonçalo Gouveia

Conclusão.

Este projeto de mestrado ofereceu uma visão mais abrangente e detalhada da evolução e dos impactos da gentrificação e da turistificação na cidade de Lisboa, e apresentou evidências bastante enriquecedoras de como estes processos transformaram a estrutura urbana, econômica e social da cidade, e que acabou por ser um cenário bastante complexo. Tendo em conta que este tema tem vindo a ganhar popularidade nos últimos 20 anos, motivou-me para expandir o conhecimento e desenvolver um ensaio visual em forma de *photobook*. Como base para o começo da investigação, a história de como o turismo se desenvolveu foi um elemento crucial. Começou como uma necessidade em busca do conhecimento e acabou como um setor que influencia economicamente um país, e molda a paisagem urbana. Graças a estudos, estatísticas e artigos jornalísticos, o tema do turismo ficou bastante mais esclarecido.

As imagens que foram captadas na cidade, da remodelação dos edifícios antigos até a construção de novas infraestruturas, com uso da cultura visual foi possível captar estes impactos tangíveis, que traduziu na absorção de informações visuais e análises teóricas sobre as fotografias que expressam, de forma mais realista, os resultados das transformações urbanas. Os resultados indicaram que a gentrificação tem influenciado significativamente a paisagem urbana da cidade, e notou-se um crescimento nos bairros históricos, que agora estão a tornar-se focos de interesse, tanto para a população local quanto para investidores. Estas mudanças levaram à renovação de muitas áreas, mas também resultaram num aumento do custo de vida e na deslocação das comunidades locais.

No que diz respeito à turistificação, as observações e análises revelaram um certo impacto na cidade. De um ponto de vista, o turismo tem estimulado a economia e promoveu a valorização cultural de Lisboa. No entanto, com este crescimento, também está a levar a uma maior pressão sobre as infraestruturas da cidade, um aumento nos preços do mercado imobiliário e uma transformação do tecido urbano, com um destaque cada vez maior na satisfação das necessidades dos visitantes do que a população residente. O resultado ressalta uma tensão fundamental que Lisboa e muitas outras cidades globais enfrentam. De um lado, a pressão por desenvolvimento e revitalização traz a promessa de uma economia mais forte, a criação de melhores infraestruturas e maior atração turística. Do outro lado, reside a necessidade de preservar a identidade cultural,

manter a acessibilidade e evitar a exclusão dos residentes locais. Este equilíbrio é delicado e os resultados apontam algumas palavras-chave:

Primeiro, o deslocamento de residentes locais. Com o aumento dos preços dos imóveis, tanto para compra como para aluguer, e a transformação do comércio local para servir principalmente os turistas, tornam algumas áreas da cidade inalcançáveis para muitos moradores. Isto resulta, na fragmentação de comunidades e na perda da alma pura do bairro.

Segundo, as mudanças rápidas na paisagem urbana. Embora a renovação de edifícios abandonados e a instalação de novas infraestruturas sejam aceitáveis, a substituição indiscriminada das antigas estruturas arquitetónicas por novas construções modernas pode levar à perda da identidade portuguesa da cidade.

Terceiro, a sobrecarga das infraestruturas. Isto é, ruas cheias de pessoas, a poluição sonora e a pressão sobre os transportes públicos e outros serviços podem destruir a qualidade de vida dos residentes e ao mesmo tempo uma péssima experiência para quem quer visitar a cidade.

Quarto e último, a massificação da cultura local. À medida que elementos tradicionais da cultura portuguesa são transformados em elementos para atrair turistas, a sua função original e significado cultural alteram-se.

Os resultados, de facto, destacam a necessidade de uma abordagem consciente e estratégica ao abordar estes desafios apresentados pela gentrificação e turistificação. O desenvolvimento e a revitalização urbana e o turismo não são fenómenos negativos. Contudo, as suas implementações requerem uma perspetiva bastante equilibrada que leve em consideração as necessidades e direitos dos cidadãos existentes, a preservação da cultura local e ao mesmo tempo que favoreça a inovação e o crescimento económico. Alinhando-se com a literatura existente, confirmamos que a gentrificação e a turistificação podem ter um impacto significativo na paisagem urbana, na cultura local e na vida da comunidade.

A semelhança dos resultados com os estudos anteriores nas outras cidades europeias reforça a noção de que a gentrificação e a turistificação são fenómenos globais, e reflete tendências mais amplas da globalização, mobilidade e desigualdade. A situação de Barcelona, é um exemplo que destaca o equilíbrio delicado que as cidades enfrentam ao tentar capitalizar o turismo sem sacrificar a acessibilidade e a diversidade de suas comunidades locais. A gentrificação e a turistificação não

são fenómenos isolados, mas sim interligados e parte de uma tendência global mais ampla. Em particular, a observação sobre o impacto do turismo alinha-se com a teoria de Mauss (1923) nos ensaios sobre a dádiva. Porque as interações que ocorrem entre os visitantes e a população residente nos pontos turísticos, podem ser ferramentas valiosas para entender a dinâmica da troca e o fortalecimento dos vínculos entre esses dois grupos.

No entanto, o setor do turismo tem experienciado um crescimento que, infelizmente, tem sido descontrolado. Assim, isto cria a uma série de consequências indesejadas. Como por exemplo, os turistas não estarem a contribuir de forma substancial para a economia local ou os benefícios gerados pelo turismo de forma justa. Isto, por sua vez, pode ampliar as desigualdades socioeconómicas existentes na comunidade local. Além disso, se a cultura local não for respeitada adequadamente, as tradições das comunidades locais acabam por desaparecer, o que resulta na diluição das suas identidades. A longo prazo, estas consequências não só ameaçam a sobrevivência da cultura, mas também a sustentabilidade do próprio turismo. Da mesma forma, o projeto de mestrado revelou que, embora a gentrificação e a turistificação possam trazer desafios, também podem apresentar algumas oportunidades para a revitalização se forem geridas de forma consciente e inclusiva. Logo, isso adiciona uma nova perspetiva em relação à gentrificação e de realizar mais pesquisas que se concentrem em como otimizar os benefícios desses processos, ao mesmo tempo como devemos reduzir ao máximo os seus possíveis impactos negativos.

Estes temas são extremamente relevantes e complexos, e compreender suas implicações práticas e teóricas é fundamental para avançar no campo de estudo e aplicar os resultados de maneira significativa. Do ponto de vista teórico, o projeto pode contribuir para aprofundar nossa compreensão dos processos da gentrificação e turistificação num contexto específico, como a cidade de Lisboa. Ao identificar e analisar os fatores que impulsionaram estes fenómenos, pode ajudar-nos a enriquecer as teorias existentes sobre a constante renovação urbana, bem como fornecer novas perspetivas e *insights*⁴⁸ para os investigadores. Os resultados adquiridos, fornecem também um conhecimento mais profundo das dinâmicas específicas destes fenómenos. Ao examinar o caso, a cidade portuguesa, pode-se destacar as características únicas, os desafios específicos e as oportunidades para intervir. Logo é valioso para os futuros investigadores,

⁴⁸ Insight ou insights é um substantivo com origem no idioma inglês e que significa compreensão súbita de alguma coisa ou determinada situação.

geógrafos e outras áreas interessadas e envolvidas na gestão e desenvolvimento urbano, pois podem utilizar as nossas descobertas para tomar decisões mais informadas e direcionadas.

Do ponto de vista prático, as conclusões podem levar a estratégias eficazes para reduzir os efeitos negativos. Com base nos dados e análises realizadas no projeto, nós podemos identificar as abordagens mais concretas, como políticas de habitação acessível, planeamento urbano sustentável, a regulamentação do mercado imobiliário, promoção do turismo responsável, envolvimento comunitário e por fim a preservação do património cultural. Com uma comunicação mais clara e acessível dos resultados tirados, podemos aumentar a educação pública sobre estes processos. Ter capacidade de incentivar um diálogo bastante informado e crítico entre os cidadãos, ativistas e comunidades locais, que visa promover a participação mais ativa na formulação de políticas e na defesa de intervenções adequadas. Mas para chegar a estes resultados, por vezes as pesquisas não são perfeitas, devido a pequenas limitações. Porque reconhecer as limitações, é uma parte crucial de qualquer pesquisa académica, pois comprova a compreensão e o esclarecimento do investigador em relação aos obstáculos. Uma das primeiras limitações foi, a metodologia. Porque, por vezes a primeira escolhida não é capaz de capturar todas as informações mais importantes dos fenómenos que estão a ser estudados, e também as ferramentas utilizadas para recolher os dados tinham as suas próprias limitações.

A maneira como os dados foram analisados também tiveram algumas limitações. O melhor exemplo é, se nós utilizarmos um método qualitativo, pode ser difícil generalizar os resultados para uma população maior. E se usarmos um método quantitativo, pode ser difícil captar a profundidade e a complexidade das experiências individuais.

Mas porquê que devemos reconhecer estas limitações?

Porque não apenas demonstra a nossa compreensão dos desafios que foram aparecendo, mas também fornece uma boa base para futuras investigações. Porque outros investigadores podem usar as nossas limitações como ponto de partida para aprofundar o conhecimento na área, que aborda as questões que nós identificamos. Embora a investigação tenha oferecido uma análise aprofundada, ao apresentar as suas limitações sobre a gentrificação e turistificação em Lisboa, podem surgir algumas perguntas interessantes para serem abordadas futuramente. Gostaria de destacar que a gentrificação e a turistificação, apesar de apresentarem desafios, também trazem consigo oportunidades de avaliar e remodelar as nossas cidades de maneiras que respeitem tanto

o passado como o futuro. Embora Lisboa, como muitas outras cidades, possa enfrentar dificuldades no equilíbrio entre a modernização e a manutenção da sua herança cultural, estamos confiantes de que é possível navegar neste campo complexo com sucesso. Esperamos que a nossa investigação possa contribuir para este esforço, ao fornecer *insights* e promover discussões que enriqueçam a nossa compreensão e prática do desenvolvimento urbano mais sustentável.

Bibliografia.

Bibliografia citada e consultada:

420 Doc Documentários à Esquerda, (2017, agosto 8) *Terratourism*, 2016 (Vídeo). YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=i5xAh-V9DpQ&t=782s>

Aperture. (2020, setembro). *Daido Moriyama on the Unending Newness of Photographs*. Aperture. <https://aperture.org/editorial/daido-moriyama-on-the-unending-newness-of-photographs/>

Ashworth, G., & Page, S. J. (2011). *Urban tourism research: Recent progress and current paradoxes*. Tourism Management, Volume 32. Science Direct <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2010.02.002>

Bacon, F. (1908). *Essays of Francis Bacon*. New York. Charles Scribner's Sons. Bauerverlag. <https://www.bauerverlag.eu/downloads/Essays-of-Francis-Bacon.pdf>

Barthes, R. (1980). *Camera Lucida Reflections on Photography* (1ªed.). França. Openlibrary. https://openlibrary.org/works/OL10445935W/La_chambre_claire?edition=key%3A/books/OL17103687M

Bazin, A. (1980). *The Ontology of the Photographic Image*. In A. Trachtenberg (Ed.), *Classic Essays on Photography* (2ªed.) (pp.237-244) . New Haven: Leete's Island Books. <https://archive.org/details/classicessaysonp00trac>

Benjamin, W. (1931). *A short history of photography*. In A. Trachtenberg (Ed.), *Classic Essays on Photography* (2ªed.) (pp.199-216) . New Haven: Leete's Island Books. <https://archive.org/details/classicessaysonp00trac>

Benoiel, J. (1910-1919). *Ambiente em Alfama* (Fotografia). Arquivo municipal de Lisboa. <https://arquivomunicipal.lisboa.pt/arquivo-fotografico>

Berger, J. (1972). *Ways of Seeing*. London. BBC and Penguin Books. https://openlibrary.org/books/OL7348382M/Ways_of_Seeing

Berger, J. (2013). *Understanding A Photograph*. Penguin Books. <https://archive.org/details/understanding-a-photograph-john-berger/page/n3/mode/2up>

Bock, K. (2015). *The changing nature of city tourism and its possible implications for the future of cities*. European Journal of Futures Research, Volume 3. Artigo 20, <https://doi.org/10.1007/s40309-015-0078-5>

Bresson, H. (1955). *Europeans. I am looking for any kind of work*. Germany. (Fotografia) Magnum Photos. <https://www.magnumphotos.com/>

Bresson, H. (1968). *The World of Henri Cartier-Bresson. Group pf three people on street.Alicante*. Spain (Fotografia). Magnum Photos. <https://www.magnumphotos.com/>

Bresson, H. (1991). *America Passing. Men laying on grass. Boston, Massachusetts* (Fotografia). Magnum Photos. <https://www.magnumphotos.com/>

- Bresson, H. (2015). *Decisive Moments*. Göttingen: Steidl.
- Bringhurst, R. (1992). *The Elements of Typographic Style* (3^aed.). Vancouver: Hartle & Marks.
- Butler, Richard W. (1980). *The Concept of a Tourist Area Cycle of Evolution: Implications for Management of Resources*. *Canadian Geographer*, 24(1), 5-12.
- Campos, R., & Sequeira, Á. (2020). *Urban Art Touristification: The case of Lisbon*. *Tourist Studies*, 20(2), (pp.182–202). <https://doi.org/10.1177/1468797619873108>
- Carlos, J. (2017). *Aumento do turismo em Lisboa transforma bairros históricos*. DW Made for Minds. <https://www.dw.com/pt-002/aumento-do-turismo-em-lisboa-transforma-bairros-hist%C3%B3ricos/a-37560447>
- Chibás, E. (2014, novembro 25). *Bye Bye Barcelona* (Vídeo). Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=kdXcFChRpmI&t=431s&pp=ygUlYnllIGJ5ZSBiYXJjZWxvbmEsIGJhcmNlbG9uYSBpcyBkeWluZw%3D%3D>
- Chambers. Drew (2019). *Everything starts with light - An Oral History of Ara Güler*. <https://casualphotophile.com/2019/03/08/ara-guler-profile/>
- Creswell, J. (2003). *Research design qualitative, quantitative, and mixed method approaches*(2^aed.). Sage Publications. California. Openlibrary https://openlibrary.org/works/OL2631702W/Research_Design
- Crotty, M. (2007). *The Foundations of Social Research: Meaning and Perspective in the Research Process*. London:Sage Publications. https://openlibrary.org/books/OL22263927M/The_foundations_of_social_research
- Cunha, L. (2010). *A Definição e o Âmbito do Turismo: um aprofundamento necessário*. Repositório Científico Lusófona, 1–23. <https://recil.ensinulusofona.pt/handle/10437/665>
- Botton, A. (2002). *The Art of Travel*. New York Pantheon Books.
- Diário de Notícias. (2018). *E vão três: Portugal volta a ser o melhor destino do mundo*. Diário de Notícias. <https://www.dn.pt/dinheiro/e-vao-tres-lisboa-volta-a-ser-o-melhor-destino-city-break-do-mundo-11563967.html>
- Dlay, P., Dias, Álvaro., & Patuleia, M. (2021). *The Impacts of Tourism on Cultural Identity on Lisbon Historic Neighbourhoods*. *Journal of Ethnic and Cultural Studies*, 8(1) <https://www.ejecs.org/index.php/JECS/article/view/516>
- Duarte, J. (2013). *Lisboa que amanhece. Reflexões sobre Lisboa, Cidade Triste e Alegre* de Victor Palla e Costa Martins.Círculo do Livro
- Gageiro, E. (1963). *Alfama* (Fotografia). Lisboa no Cais da Memória.
- Gageiro, E. (1963). *Baixa Chiado* (Fotografia). Lisboa no Cais da Memória.
- Gageiro, E. (1966). *Feira da Ladra, Campo de Santa Clara* (Fotografia). Lisboa no Cais da Memória.
- Gageiro, E (2003), *Lisboa no Cais da Memória*. Edição de Editor.

- Glass, R. (1964). *London: Aspects of Change*. MacGibbon & Kee. (1^aed)
- Guller, A. (1950). *Kumkani Fishermen Returning to port in the first light of dawn, Instambul* (Fotografia). Magnum Photos. <https://www.magnumphotos.com/>
- Guller, A. (1954). *The man painting the anchor of a boat, Karakoy, Instambul* (Fotografia). Magnum Photos. <https://www.magnumphotos.com/>
- Guller, A. (1955). *Saying good-bye on the Galata quay, Instambul* (Fotografia). Magnum Photos. <https://www.magnumphotos.com/>
- Guller, A. (2010). *I'm Listening to Istanbul*. Istanbul: Everest Yatinlari.(1^aed)
- Hagan, S. (2016). Wolfgang Tillmans: *I see myself as a product of European cultural exchange*. The Guardian., London, <https://www.theguardian.com/artanddesign/2016/may/08/wolfgang-tillmans-eu-referendum-remain-campaign-posters>
- Hooks, B. (2009). *Belonging-: A culture of place*. New York: Henry Holt and Company.
- Kohan, M. (2013). *Tourist Walk (Rambla)*. Barcelona: The Private Space Barcelona. https://marcjavierre.com/?fluxus_portfolio=tourist-walk
- Kracauer, S. (1980). *Photography*. In *Classic Essays on Photography* (2^aed.). (pp. 245–268). New Haven: Leete's Island Books. <https://archive.org/details/classicessaysonp00trac>
- Lupton, E., & Phillips, J. C. (2015). *Graphic Design: The New Basics*. Nova Iorque, NY: Princeton Architectural Press.
- MacCannell, D. (1976). *Tourist: A New Theory of the Leisure Class*. Schocken Books. Nova Iorque
- Machado & Sousa. (1898-1908). *Rua Fernandes da Fonseca* (Fotografia). Arquivo municipal de Lisboa. <https://arquivomunicipal.lisboa.pt/arquivo-fotografico>
- Machado & Sousa. (1898-1908). *Travessia da Nazaré, Palácio Távora das Olarias* (Fotografia). Arquivo municipal de Lisboa. <https://arquivomunicipal.lisboa.pt/arquivo-fotografico>
- Mallach, A. (2018). *the future of america's middle neighborhoods: setting the stage for revival*. Lincoln Institute of Land. https://www.lincolnst.edu/sites/default/files/pubfiles/mallach_wp18am2.pdf
- Matos, J. (2013). *Documenting East London*. José Sarmiento Matos Portfólio. <https://www.josesmatos.com/>
- Mauss, M. (1923). *Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques*. . Presses Universitaires de France.
- Mínguez, C., Piñeira, M. J., & Fernández-Tabales, A. (2019). *Social vulnerability and touristification of historic centers*. Sustainability (Switzerland), 11(16). <https://doi.org/10.3390/su11164478>
- Mirzoeff, N. (1999). *An Introduction to Visual Culture*. London. Routledge.

- Moriyama, D. (2006). *Photograph from Issue, Japan* (Fotografia). Mrporter. <https://www.mrporter.com/>
- Moriyama, D. (2005) *Record No.42, Japan* (Fotografia). Akionagasawa. <https://www.akionagasawa.com/en/>
- Moriyama, D. (2015). *Record. No. 29, Japan* (Fotografia). Pen-online. <https://pen-online.com/arts/daido-moriyamas-tribute-to-takuma-nakahira/>
- Oliveira, N. (2019). *A Lisboa cosmopolita e o fascínio da diversidade. In Cidades* (Issue 39, pp. 115–128). Instituto Universitário de Lisboa - DINAMIA CET-IUL. <https://doi.org/10.15847/citiescommunitiesterritories.dec2019.039.art04>
- Oliveira, T. (2019). *Porto: Turistificação e Turismofobia*.
- OMT. (2008). *International Tourism: A Global Perspective*. OMT.
- ONU. (1994). *Recommendations on Tourism Statistics*. Obtido de https://unstats.un.org/unsd/publication/seriesm/seriesm_83e.pdf
- Osborne, P. (2000). *Traveling Light: Photography, Travel and Visual Culture*. Manchester: University Press.
- Palla, V., & Martins, C. (1959). *Lisboa, cidade triste e alegre*. Lisboa: Ulisseia.
- Parr, M. (1983-85). *England. New Brighton. The Last Resort* (Fotografia). Martin Parr. <https://www.martinparr.com>
- Parr, M. (1985). *New Brighton. Mersevside* (Fotografia). Moma Collection. https://www.moma.org/collection/works/187218?artist_id=4506&page=1&sov_referrer=artis
- Parr, M. (1990). *The leaning Tower of Pisa* (Fotografia). Martin Parr. <https://www.martinparr.com>
- Parr, M. (2007). *Martin Parr I Gosto Parr-ticular*. Vouge.
- Parr, M. (2019). *Small World: Collector's Edition*. London: Dewi Lewis Publishing.
- Phelan, B. (2014). *The Story of the “Migrant Mother”*. PBS.
- Pimlott, J. (1976). *The Englishman's holiday: a social history*. Harvester Press. Obtido de https://openlibrary.org/works/OL6608871W/The_Englishman%27s_holiday?edition=key%3A%2Fbooks%2FOL5194487M
- Portugal, E. (1952). *Largo do Socorro* (Fotografia). Arquivo municipal de Lisboa. <https://arquivomunicipal.lisboa.pt/arquivo-fotografico>
- Pozal, F. M. (1940). *Escadas em Alfama* (Fotografia). Arquivo municipal de Lisboa. <https://arquivomunicipal.lisboa.pt/arquivo-fotografico>
- Ribeiro, M. (s.d.). *O Impacto do Turismo no Centro Histórico de Lisboa*.
- Roquette José. (2018). *O “excesso” de turismo*. Visão Sapo. <https://visao.sapo.pt/exame/2018-10-01-o-excesso-de-turismo/>

- Seager. (1962). *A Memoirs of A Tourist*. Obtido de <https://pt.scribd.com/document/520781228/Stendhal-1783-1842-Memoirs-of-a-Tourist#>
- Silva, A. (1930-1939). *Rua de São João da Praça, de poente para nascente, São João da Praça* (Fotografia). Arquivo municipal de Lisboa. <https://arquivomunicipal.lisboa.pt/arquivo-fotografico>
- Smith, N. (1996). *THE NEW URBAN FRONTIER*. Routledge, London
- Soares, P. (2019). *Gentrificação e turismo na cidade de Lisboa O caso da Mouraria*.
- Sontag, S. (1977). *On Photography* (Straus and Giroux ed.)
- Szarkowski, J. (2007). *The Photographer's Eye*. Nova Iorque: The Museum of Modern Art.
- Tillmans, W. (1993). *Corinne on Gloucester Place Central, London* (Fotografia). American suburb. <https://americansuburbx.com/>
- Tillmans, W. (1995). *Carl Craig, 14th Street, United States of America* (Fotografia) Flash art. <https://flash---art.com/>
- UIOOT. (1937). *world travel tourisme mondial 113*. <https://doi.org/10.18111/worldtravel.1973.23.113.1>
- Urry, J. (1990). *The tourist gaze*. Sage Publications.
- Vergara, C. J. (1970). *Girls and Barbies, East Harlem* (Fotografia). Arquivo. <https://archive.org/details/harlemunmakingof0000verg/page/n9/mode/2up?view=theater&q=often>
- Vergara, C. J. (1970). *Music students in fifth avenue at 11th Street, East Harlem* (Fotografia). Arquivo. <https://archive.org/details/harlemunmakingof0000verg/page/n9/mode/2up?view=theater&q=often>
- Vergara, C. J. (1997). *View northwest along West 115th Street From Fifth Avenue, Harlem*. (Fotografia) The unmaking of a Ghetto. Arquivo. <https://archive.org/details/harlemunmakingof0000verg/page/n9/mode/2up?view=theater&q=often>
- Vergara, C. J. (2007). *Lenox Avenue, Harlem*. (Fotografia). Arquivo. <https://archive.org/details/harlemunmakingof0000verg/page/n9/mode/2up?view=theater&q=often>
- Vergara, C. J. (2008). *View northwest along West 115th Street From Fifth Avenue, Harlem*. (Fotografia) The unmaking of a Ghetto. Arquivo. <https://archive.org/details/harlemunmakingof0000verg/page/n9/mode/2up?view=theater&q=often>

Vergara, C. J. (2013). *Harlem: The unmaking of a Ghetto*. University of Chicago Press. Acedido em:

<https://archive.org/details/harlemunmakingof0000verg/page/n9/mode/2up?view=theater&q=often>

Vergara, C. J. (2013). *Lenox Avenue, Harlem*. (Fotografia). Arquivo.

<https://archive.org/details/harlemunmakingof0000verg/page/n9/mode/2up?view=theater&q=often>

VICE. (2015). *The War to Live in London: Regeneration Game (Full Length)*. VICE.

<https://www.youtube.com/watch?v=82tgwk1IWIE>

Yin, R. (2009). *Case Study Research: Design and Methods*. Sage Publications.

United Nations (1994), *Recommendations on Tourism Statistics, Serie M, n° 83*. United Nations, New York.

Apêndices

Apêndice 1 – Entrevistas.

A entrevista da Dona Irene.

Autor: A Dona Irene, poderia descrever o bairro da Mouraria quando era mais nova, e quais seriam as suas melhores lembranças do bairro?

Dona Irene: Ah, a Mouraria era um bairro tão bonito naquela época! Era um lugar cheio de vida, cultura e tradição, onde os moradores conversavam nas ruas enquanto as crianças brincavam e esfolavam os joelhos na calçada. Tomávamos banho em baldes no meio da rua porque não havia água quente, bons tempos eram esses, foi nessas ruas que conheci o meu marido e a sua família.

Autor: Que mudanças viu a Irene no seu bairro ao longo dos anos? Era possível dar alguns exemplos dessas mesmas mudanças?

Dona Irene: Muita coisa mudou, principalmente na última década. Noto que há muitos mais turistas, os preços das casas subiram consideravelmente e as pessoas que mais tinha carinho foram se embora para mais longe sem possibilidade de pagar a renda aos seus senhorios, uma pouca-vergonha. Lojas tradicionais onde ia fazer as minhas compras e ponha as conversas em dia fecharam e foram substituídas por cafés chiques e restaurantes muito modernos, onde uma birra custa tanto como 3 euros. Aqui, especialmente perto da minha casa, é muito frequente haver passagens de drogas entre “gatunos”, e a polícia de vez em quando faz uma rusga por estas ruas devido ao número elevado de assaltos. Uma rua que noutros tempos foi sossegada, agora é um caos.

Autor: A Irene já ouviu o termo de "gentrificação"? Acredita que ele se aplica ao que está acontecer no seu bairro?

Dona Irene: Não conheço esse termo...

Autor: A gentrificação é um processo que ocorre em determinadas áreas de uma cidade quando ela passa por renovações. Essas mesmas renovações podem incluir melhorias infraestruturas, reabilitação de prédios antigos e a chegada de novos moradores.

Dona Irene: Ahhh sim, eu sei o que é isso. E sim essa tal “gentrificação” aconteceu aqui. O edifício ao meu lado era um conjunto de prédios enorme onde vivia a família do meu marido, e foi destruída para construir um condomínio enorme privado. Eu ouvi dizer que foi dinheiro ganho por corrupção, mas não sei. Mas depois de terem acabado de construir, só sei que o meu senhorio queria aumentar a renda da minha casa, porque a zona onde eu moro está se a tornar “popular”.

Autor: Com a entrada de novos residentes e os moradores mais velhos saírem dos bairros. Tem existido alguns conflitos?

Dona Irene: Sim, por vezes existe alguma tensão, sim. Os novos moradores muitas vezes não entendem a nossa cultura e as tradições da Mouraria. Nós saudávamos toda a gente que aparecia na nossa rua, agora todos os dias vemos caras novas e muitas vezes são antipáticos e recusam se a falar a nossa língua. As nossas festas estão a desaparecer, e cada vez somos menos. Mas estes estrangeiros querem é só passear e a ficarem fechados nas suas próprias muralhas a desfrutar a nossa capital sem conhecerem a sua história.

Autor: O que a senhora acha da intervenção do governo e das renovações urbanas do bairro? Acha que eles estão a satisfazer as necessidades dos moradores?

Dona Irene: Na minha opinião, eu acho que preferem mais a atração dos turistas e dos novos moradores do que preservar a cultura e apoiar os moradores existentes. É onde Portugal ganha mais dinheiro, no turismo, vendemos a nossa cultura aos estrangeiros, e eles não dão importância.

Autor: Como a senhora imagina o futuro da Mouraria? Tem algum receio ou esperança que volte tudo ao normal?

Dona Irene: Ao normal não volta. Com o aumento da entrada de novos turistas, isto aqui nunca para. Eu desejava voltar a ter os meus amigos e a minha família perto de mim, mas como isto está agora, vai virar um bairro só de estrangeiros com lojas indianas a dar com pau, e restaurantes

modernos caros que não valem nada. Eu espero que parem com esta brincadeira senão Lisboa deixa de ser portuguesa.

A entrevista da Dona Angelina.

Autor: A Dona Angelina, poderia descrever o bairro da Mouraria quando era mais nova, e quais seriam as suas melhores lembranças do bairro?

Dona Angelina: A Mouraria na minha juventude, era um lugar pobre cheio de vida e cultura. As ruas estreitas e sinuosas, com as fachadas coloridas e as varandas com ferro forjado, um labirinto autêntico com histórias e segredos. Em cada esquina tinha uma loja, um café ou uma tasca, onde todos os moradores reuniam-se para conversar, jogar cartas ou simplesmente observar a vida passar.

Autor: Que mudanças viu a Angelina no seu bairro ao longo dos anos? Era possível dar alguns exemplos dessas mesmas mudanças?

Dona Angelina: Ao longo dos anos, vi muita coisa a acontecer no bairro da Mouraria. Algumas foram pequenas, outras mais drásticas, mas todas elas deixaram a sua marca na paisagem e na vida da nossa comunidade. Uma das mudanças mais notáveis foi o facto de os senhorios renovarem antigas casas e prédios, que antes estavam em ruínas, e agora foram restaurados para ganharem mais dinheiro dos turistas que querem visitar a cidade. As fachadas coloridas tornaram-se brancas e as varandas de ferro forjado, algumas foram preservadas, mas por dentro, muitos desses edifícios foram modernizados e adaptados às necessidades atuais, mas com um defeito em comum, o chão e as paredes são de madeira e ouve-se tudo.

Autor: A Angelina já ouviu o termo de "gentrificação"? Acredita que ele se aplica ao que está a acontecer no seu bairro?

Dona Angelina: Desconheço.

Autor: A gentrificação é um processo que ocorre em determinadas áreas de uma cidade quando ela passa por renovações. Essas mesmas renovações podem incluir melhorias infraestruturas, reabilitação de prédios antigos e a chegada de novos moradores.

Dona Angelina: Gentrificação? Não, nunca ouvi falar de tal coisa. Mas pela pergunta, parece que tem a ver com estas novas mudanças

Sei que agora muitas coisas estão diferentes, quase todas as semanas vejo novas pessoas chegar, muitas delas jovens e de outros países e os prédios mais antigos estão a ser transformados em apartamentos mais modernos. Mais lojas e restaurantes chiques estão a abrir onde antes eram famosas mercearias e tascas, onde os meus pais bebiam o seu café e conversavam. E o que mais noto são os preços a subir, tanto para comprar uma casa quanto para alugar, eu sinto pena na próxima geração a levar com isto.

Eu sei que muitas destas mudanças tem o seu lado positivo. É bom ver os bairros estão a ser cuidados, e também é bom ver novas oportunidades de negócios a surgir. Mas nem todos estão contentes com isto. Alguns vizinhos tiveram que se mudar porque não podiam mais pagar o aluguer e o meu quarto senhorio querem ver-se livre de mim para ter o prédio só para ele e faturar com os turistas.

Autor: Com a entrada de novos residentes e os moradores mais velhos saírem dos bairros. Tem existido alguns conflitos?

Dona Angelina: Comigo não tem havido problemas. Apesar de que uma vez tive de chamar a polícia porque estavam a fazer barulho com as malas às tantas da noite para irem embora. Eu percebo que muitos dos novos moradores são jovens e gostam de se divertir até tarde, o que às vezes perturba o meu sossego e do resto dos moradores. Eu tenho é mais conflito com o meu senhorio, que gosta de perguntar por licenças e papeis. Deve pensar que sou burra.

Autor: O que a senhora acha da intervenção do governo e das renovações urbanas do bairro? Acha que eles estão a satisfazer as necessidades dos moradores?

Dona Angelina: A intervenção do governo e as renovações urbanas é como uma faca com duas pontas. Por um lado, é bom ver o bairro está a ser cuidado de certas maneiras e revitalizado. Mas as ruas estão cada vez mais cheias de lixo, os prédios estão a perder a sua verdadeira cor, para ficarem mais bonitos e atraentes para moradores e visitantes.

No entanto, muitas coisas preocupam me. Uma delas, é o facto, de a renovação parece estar mais focada em atrair turistas e novos residentes do que em atender às necessidades dos moradores mais

velhos. Percebe? Como os turistas vêm com dinheiro no bolso os senhorios fazem de tudo que seja bonitinho e requintado para ficarem 3 dias e irem embora, e pronto é assim.

Outra preocupação é que muitos dos moradores mais velhos estão a ir embora por causa dos turistas, e não conseguem suportar mais a confusão. Já vi prédios inteiros a serem transformados em apartamentos de luxo ou alojamentos turísticos, e os inquilinos mais velhos a serem obrigados a pagar pelas mesmas renovações sem contratos feitos nem nada. Isso não parece justo para mim, é por isso que tenho uma sobrinha que trabalha no imobiliário.

Autor: Como a senhora imagina o futuro da Mouraria? Tem algum receio ou esperança que volte tudo ao normal?

Dona Angelina: Eu imagino que haja esperança de que a Mouraria consiga encontrar um equilíbrio, que esteja sempre em progresso e que a tradição nunca seja perdida. Só espero que continue a ser um lugar de muita diversidade e inclusão, onde toda a gente possa conviver em harmonia, e principalmente, seja preservado o nosso fado. No entanto, também tenho alguns receios. Receio que o bairro fique completamente diferente até ao ponto que não parece nada português, porque ao perder a sua imagem é triste para mim não conseguir identificar-me como portuguesa. Receio sim, que com esta pressão turística, o mercado imobiliário e os novos senhorios. E, quem sabe, talvez possamos encontrar de novo o nosso bairro.

A entrevista da Dona Marília.

Autor: A Dona Marília, poderia descrever o bairro da Alfama quando era mais nova, e quais seriam as suas melhores lembranças do bairro?

Dona Marília: Eu lembro-me de tudo em Alfama. Lembro-me dos vendedores ambulantes, com os seus pregões melodiosos que anunciavam as frutas frescas, peixe do dia ou pão quentinho feito pela manhã. E das lavadeiras, com as suas trouxas de roupa a cantar canções antigas enquanto trabalhavam ou punham a conversa em dia. Era um bairro onde todos conheciam-se e ajudavam-se, uma verdadeira comunidade, conhecia toda a gente e gritávamos à janela dos nossos amigos para brincar. Mas o que me mais marcava era o fado. Ah, o meu querido fado! Alfama é onde nasceu o verdadeiro fado, e isso que sentia em cada esquina. Havia sempre alguém a tocar uma

guitarra portuguesa ou a cantar com uma voz cheia de saudade e melancolia. Lembro-me de todas noites em que a música se prolongava até o amanhecer, com os fadistas a improvisar versos e os vizinhos aplaudir nas janelas. E a minha melhor memória era a minha mãe, conhecida como tia Beatriz que fazia o melhor arroz-doce de toda a Alfama.

Autor: Que mudanças viu a Marília no seu bairro ao longo dos anos? Era possível dar alguns exemplos dessas mesmas mudanças?

Dona Marília: Uma das mudanças que comecei por ver foi diversificação da população e das pessoas a frequentarem mais os bairros. A Alfama sempre foi um bairro cheio de vida e muito diversificada em termos de outras culturas, mas era em poucos números, no entanto nos últimos anos, esta diversidade tem estado a aumentar ainda mais. Nos dias de hoje, é comum ouvir diferentes línguas nas ruas e ver novas lojas e restaurantes em todo o lado. Isto trouxe uma nova energia e vitalidade ao bairro, mas também grandes desafios como a necessidade de promover a integração e a harmonia entre todos. Outra mudança que foi no comércio local em toda a Alfama num canto tens sempre uma senhora a vender ginja ou então uma loja paquistanesa a vender lembranças portuguesas e t shirts do Ronaldo. Isto de facto traz sempre uma nova clientela ao bairro, não é? Isto tudo por causa do turismo. A Alfama tornou-se um destino popular para todos os tipos de turistas, aqueles atraídos pela sua história, cultura e, claro, pelo nosso querido fado.

Autor: A Marília já ouviu o termo de "gentrificação"? Acredita que ele se aplica ao que está a acontecer no seu bairro?

Dona Marília: Não sei do que está a falar.

Autor: A gentrificação é um processo que ocorre em determinadas áreas de uma cidade quando ela passa por renovações. Essas mesmas renovações podem incluir melhorias infraestruturas, reabilitação de prédios antigos e a chegada de novos moradores.

Dona Marília: Estou a perceber o que é. O que posso dizer que tentaram fazer isso no meu prédio depois de comprado, uma igreja e não tiveram sucesso graças a uma petição feita pelos moradores deste bairro. E agora os destroços estão aqui e estão à espera que seja feita as obras para fazerem

um novo. Enfim! Para umas coisas renovam, mas para outras não, tudo para satisfazer os turistas de virem para cá e mostrar que é tudo bonitinho.

Autor: Com a entrada de novos residentes e os moradores mais velhos saírem dos bairros. Tem existido alguns conflitos?

Dona Marília: Depende, por vezes é raro. Talvez onde sinto mais tensões é na questão do barulho dos jovens turistas que querem divertir-se até mais tarde e voltam bêbados. Mas o que chateia mais é os moradores mais velhos terem de sair por causa das rendas e de serem quase enganados de pagarem “arranjos” que os senhorios têm de ter responsabilidades. Mas enfim o que se pode fazer?

Autor: O que a senhora acha da intervenção do governo e das renovações urbanas do bairro? Acha que eles estão a satisfazer as necessidades dos moradores?

Dona Marília: O que eu acho é que não querem saber de nós, só querem saber do dinheiro que ganham em construir edifícios mais modernos. O caso da minha casa é o melhor exemplo, se não fosse uma petição isto aqui mudaria tudo. Agora estamos a preparar para os Santos Populares o espaço e a confiança já não é a mesma. Cada vez mais as pessoas são novas e menos bancadas aparecem para divertir e viver a festa, e o que enche estas festas já não são os portugueses, são os estrangeiros. Mas o governo, um dia chega aqui e tenta alterar tudo e mais um par de botas para atrair ainda mais turistas. Desde onde eu estou até à Rua dos Remédios está assim.

Autor: Como a senhora imagina o futuro da Alfama? Tem algum receio ou esperança que volte tudo ao normal?

Dona Marília: Infelizmente, e custa-me dizer isto. Mas as tradições vão desaparecer se isto continuar. Os turistas cada vez mais estão a vir e cada vez mais os moradores mais velhos estão a desaparecer e irem para mais longe. Nas festas, já são poucos os portugueses, estão a ser substituídos por outras festas culturais, e custa-me saber que os jovens não queiram saber da nossa cultura

A entrevista da Victória.

Autor: Victória podes me descrever o bairro do Intendente?

Victória: Viver no Intendente é bacano, estamos no centro de Lisboa, está tudo a acontecer é uma maravilha. Apesar de antigamente ser considerada uma das zonas menos seguras da cidade, agora é uma das áreas mais vibrantes e culturais de Lisboa.

Autor: Que mudanças já observaste no bairro nos últimos anos? Consegues dar me alguns exemplos dessas mesmas mudanças?

Victória: Uma das mudanças que comecei por ver é a falta de mercearias portuguesas, porque não conseguem competir com as grandes empresas, como é o caso do Pingo Doce, o Mini Preço e o Lidl. É muito difícil ter comércio local e sem apoios a esses negócios, eles não têm outra escolha do que fechar. Mas existe ainda resistência contra essas mudanças, grupos que se ajudam para combater o turismo em excesso.

Autor: Victória já ouviste o termo de "gentrificação"? Acreditas que ele se aplica ao que está a acontecer no seu bairro?

Victória: Sim estou familiarizada com o termo. Quando me mudei para o Intendente, vi que a gentrificação estava a acontecer mais lentamente. As lojas mais modernas começaram a aparecer, os preços dos alugueres começaram a subir e mais turistas começaram a frequentar o largo ao pé da minha casa a fazer barulho. Alguns dos prédios estavam a ser renovados e transformados em apartamentos modernos um pouco luxuosos ou alojamentos locais para turistas ficarem pelo menos uns três dias. Mas sim, acontece mais a um ritmo mais lento, passo a passo.

Autor: Com a entrada de novos residentes e os moradores mais velhos saírem dos bairros. Tem existido alguns conflitos?

Victória: Sim, posso dizer que a gentrificação pode levar a conflitos dentro dos bairros. Os vizinhos ou são turistas ou moradores de curto prazo (1 a 2 meses), muitas vezes com mais recurso. Isto pode levar a alguns desentendimentos, desde a forma como o bairro está a ser desenvolvido

até assuntos mais normais, como o barulho na nossa rua. Mas no caso do Intendente, vi algumas tensões surgirem, admito que sim.

Por exemplo, houve momentos em que os novos negócios são criticados por não conseguirem adaptar às tradições e à cultura do bairro, e até os novos residentes, às vezes, reclamam do barulho ou da falta de infraestrutura adequada e da popularidade que tem.

Mas é claro, existe um problema da desigualdade socioeconómica. À medida que os preços dos imóveis e dos alugueres sobem, muitos dos moradores originais, especialmente os mais velhos e com rendimentos mais baixos, são forçados a sair. E como é óbvio causa ressentimentos e uma sensação de injustiça.

Autor: O que achas da intervenção do governo e das renovações urbanas do bairro? Achas que eles estão a satisfazer as necessidades dos moradores?

Victória: Por um lado, é óbvio que algumas mudanças foram benéficas, na renovação de edifícios antigos e deteriorados, a melhoria da segurança e a implementação de alguns espaços verdes e áreas de lazer para aumentar a qualidade de vida no bairro. A revitalização trouxe também mais negócios, mais turismo e, por consequência, mais empregos para a região.

No entanto, sinto que há ainda aspetos a serem melhorados.

Por exemplo, no largo do Martim Moniz um espaço amplo para reunir imensas pessoas é mal aproveitado porque no Verão as pessoas ficam nas laterais à sombra porque não suportam o calor. Invés de aproveitarem para uso de um mercado mais alternativo, aquele espaço está cheio de lixo com os canteiros completamente destruídos.

Autor: Como imaginas o futuro do Intendente? Tens algum receio ou esperança que volte tudo ao normal?

Victória: Espero que o Intendente continue a ser um bairro vibrante e culturalmente rico. E. Imaginar as ruas cheias de movimento, com cafés e restaurantes a prosperar, de certo uma comunidade diversa com pessoas de todas as idades e origens, um lugar onde a arte e a criatividade unidas, onde os moradores possam sentir inspirados a expressar-se e a partilhar suas ideias. Porém, também tenho receios sim. O meu principal receio é que o bairro torne-se um lugar exclusivo e apenas acessível para os mais ricos. Tenho medo que mais moradores originais que

deram tudo pelo Intendente sejam forçados a sair devido ao aumento do custo de vida. Não quero que tudo volte ao normal no sentido de voltar a como era antes da gentrificação. Eu acho que algumas das mudanças que aconteceram foram positivas e trouxeram uma nova vida ao bairro. No entanto, espero que exista uma harmonia. Quero que o Intendente seja um lugar que acolhe todos, independentemente da sua situação financeira, onde história e a cultura do bairro sejam preservadas.

A entrevista do Luís.

Autor: Senhor Luís, poderia descrever o bairro de São Bento? Quais são as suas primeiras lembranças do bairro?

Senhor Luís: Quando nasci e comecei a trabalhar aqui, a São Bento era um bairro com uma atmosfera única, com pequenas lojas e mercearias. Lembro-me do cheiro fresco da manhã e do som das vozes nas ruas para começarem o dia a trabalhar.

Autor: Como o senhor viu o bairro mudar ao longo dos anos? Poderia dar alguns exemplos de mudanças significativas que o senhor notou?

Senhor Luís: Tenho observado algumas mudanças significativas na zona comercial do meu bairro. Negócios de família, eram o coração e a alma desta comunidade, começaram por desaparecer progressivamente, uma situação bastante triste para alguém como eu que já vive há imenso tempo aqui. Substituem esses negócios de família, por estabelecimentos destinados especificamente a atender aos turistas, restaurantes chiques, hotéis com piscina que nem o senhor imagina. Mas, embora que tragam vida e atividade, parecem não querer saber da essência e a autenticidade do bairro que nós tanto valorizamos. Mas enfim a vida é feita para ser assim.

Autor: O que o senhor conhece a palavra "gentrificação"? O senhor acredita que está acontecer no seu bairro?

Senhor Luís: Sim conheço li num artigo da Expresso. É a renovação urbana dos edifícios e assim que dizem que é para o nosso bem, mas depois é mais para os turistas que outra coisa.

Autor: Como é que as renovações ou as mudanças afetaram a sua vida diária e a de seus vizinhos? Consegue me apontar alguns os impactos mais notáveis?

Senhor Luís: Como encadernador, a maior parte dos meus clientes são agora turistas ou jovens, mas é claro que continuo a ter a minha carteira de clientes mais velhos. Infelizmente, alguns dos meus amigos foram enganados. Moravam no terceiro andar e passaram para o primeiro com um contrato de um ano, depois disso foram-se embora. Tive de alterar os preços porque o material que eu compro está mais caro devido à inflação, mas pronto. Já não reconheço toda a gente infelizmente, mas vou continuar a fazer aquilo que mais sei fazer e logo se vê.

Autor: Como o Luís vê a relação entre os novos residentes e os moradores mais velhos do bairro? Acha que exista conflitos ou cooperação?

Senhor Luís: Observo, sem dúvida, a forma como a cultura local é percebida por estes novos moradores. Alguns dos “novos vizinhos” que chegaram recentemente demonstram de facto algum interesse e apreciação pela nossa cultura e tradições. Eles procuram integrar-se, aprender a nossa língua e tentar entender nossos costumes, ao fazerem alguns esforços para se tornarem parte desta comunidade. Todavia, existe outro grupo que não está muito interessado à variedade de história e cultura que nós temos para oferecer. Invés de se aprofundarem nas nossas tradições para tornar este bairro como único, eles preferem permanecer na deles e criam um certo distanciamento, o que é evidente de ver.

Autor: O que o Luís acha da intervenção do governo e dos outros investidores privados na remodelação dos bairros? Acha que eles estão a satisfazer as necessidades dos moradores mais velhos?

Senhor Luís: Eu acho que a essas tais remodelações foram feitas principalmente para o turismo, porque o que importa para eles é o dinheiro que os turistas trazem. Mas o governo não quer saber da gente, seria bom se houvesse mais esforços para preservar esta tão rica cultura local e apoiar os negócios como o meu. Para eles nós somos carne para canhão.

Autor: Como o senhor imagina o futuro do bairro de São Bento? O senhor tem algum receio ou esperança?

Senhor Luís: Eu acho que seja possível que o bairro de São Bento se possa perder, se essa gentrificação continuar com este ritmo. Mas eu também tenho alguma esperança que isto vá longe de mais e que consigam dar a volta à situação.

Autor: Finalmente, há algo mais que o senhor gostaria de compartilhar sobre a sua experiência de viver e trabalhar no bairro de São Bento durante este período de transformações?

Senhor Luís: Mesmo com estas transformações, o meu afeto por este bairro e pela minha oficina ainda se mantém. São Bento é como um quadro vivo, cheio de histórias, vozes e cores que dão a ele uma energia única e lisboeta. Esta energia é algo que sempre me cativou e que me mantém ligado a todo a este lugar. Cada rua, cada canto, cada pedra na calçada, cada livro que já cozi conta uma história, as pessoas amigáveis e a atmosfera acolhedora são inestimáveis e é algo que sempre irei valorizar profundamente.

A entrevista da Dona Margarida.

Autor: Dona Margarida, poderia me descrever o bairro de Santa Catarina? Quais são as suas primeiras lembranças do bairro?

Dona Margarida: O bairro de Santa Catarina, era um bairro normal, muita gente pobre e a maioria da classe operária morava aqui. À frente da minha casa era a Caixa Geral de Depósitos, com uma mercearia onde só era acessível aos colaboradores do banco, e agora é um hotel de 5 estrelas ao lado do miradouro do Adamastor. Mas enfim era um bairro catita cheio de vida e tão belo, cheio de vozes e crianças a brincar e toda a gente se conhecia. A solidariedade e a camaradagem eram os nossos maiores tesouros, porque estas pessoas conheciam-se pelo seu nome, pelos seus sonhos, e pelas suas funções. Antigamente é que era, estávamos sempre lá uns para os outros, sempre prontos quando era necessário.

Autor: Como a Margarida viu o bairro mudar ao longo dos anos? Poderia dar alguns exemplos de mudanças significativas que a senhora notou?

Dona Margarida: Sim vi muita coisa a mudar ao longo dos anos, já quase não tenho ninguém para confiar, a não ser a minha família e duas pessoas do bairro inteiro. Comecei a notar que o

número de estrangeiros começou a aumentar, agora é uma barulheira de todo o tamanho e à noite às vezes não consigo dormir, aqui a segurança é uma preocupação crescente, especialmente para pessoas como eu que vivem sozinhas. A minha casa já foi alvo de tentativas de assalto, o que me deixa bastante preocupada e o meu senhorio não quer saber, só me querem ver na rua e usar a minha casa para os turistas.

Autor: A Margarida conhece o conceito de "gentrificação"? A senhora acredita que ele se aplica no seu bairro?

Dona Margarida: Bem, eu não sou uma especialista, mas com base no que tenho observado, parece que o bairro está passar por uma série de mudanças significativas, estou certa?

Autor: Sim está certa, mas eu vou lhe dar um conceito mais completo. A gentrificação é um processo que ocorre em determinadas áreas de uma cidade quando ela passa por renovações. Essas mesmas renovações podem incluir melhorias infraestruturas, reabilitação de prédios antigos e a chegada de novos moradores.

Dona Margarida: Pois sim é mesmo isso que está a acontecer.

Autor: Como essas mudanças afetaram a sua vida diária e a dos seus vizinhos? Quais foram os impactos mais notáveis?

Dona Margarida: As mudanças neste bairro tornaram a vida mais difícil para mim e para todos os outros moradores de várias maneiras. O custo de vida aumentou significativamente, os preços dos alimentos, dos serviços e outras necessidades básicas subiram de uma forma estúpida, o que tem sido um desafio para mim, apesar de pagar uma renda fixa.

Muitos dos meus velhos vizinhos, com quem eu compartilhava uma forte ligação de “família”, já não estão aqui, eles foram substituídos por estrangeiros ou por malta mais rica, o que tornou o bairro menos familiar. A minha casa, que tem sido o meu refúgio e o meu lugar de conforto durante todos estes anos, agora precisa de obras. Infelizmente, com estes preços, os materiais de construção e da mão de obra a aumentar, e o meu senhorio não quer pagar. Esta situação deixa-me preocupada, pois a minha casa é tudo o que eu tenho.

Autor: Quais foram as mudanças mais positivas e negativas que a Margarida observou?

Dona Margarida: A limpeza das ruas melhorou significativamente, antes, era comum ver lixo nas ruas e em áreas públicas, mas agora vejo algumas equipas de limpeza mais regularmente, o que torna o bairro mais agradável para todos nós. Apesar de haver mais polícias na zona, os gatunos tentam sempre dar a volta.

Mas, nem todas as mudanças foram positivas. O aumento dos alugueres tem sido um grande problema, como eu disse, muitos dos meus vizinhos foram forçados a sair porque foram enganados pelos senhorios com contratos de um ano, e depois foram forçados a sair. E realmente tem um impacto significativo na sensação da nossa comunidade que tínhamos aqui há bastantes anos atrás. O nosso bairro era como uma grande família...

Agora, a perda da nossa comunidade tem sido muito difícil. Muitas das lojas locais que frequentava fecharam, e os lugares onde nós costumávamos reunir já não existem, foram “renovados”. Basicamente tornou o bairro menos acolhedor e mais estranho para aqueles que viveram aqui por tanto tempo.

Autor: Como a senhora vê a relação entre os novos residentes e os moradores mais velhos do bairro? Existem conflitos ou cooperação?

Dona Margarida: A interação com os novos residentes tem sido uma experiência boa e má. Às vezes, alguns dos novos residentes são bastante simpáticos e têm feito um esforço para se tentarem se integrar na nossa comunidade. Alguns participavam em eventos locais, outros apoiavam os negócios locais e eram presentes com as tradições e costumes do nosso bairro. Por vezes têm dado muita força e principalmente esperança no que toca ao espírito bairrista que possa ser preservada.

Mas não esquecendo que também tenho notado que muitos destes novos residentes parecem não querer mesmo saber de nós, com os residentes de longa data como eu, eles não parecem interessados em conhecer-nos ou aprender sobre a nossa história e a cultura bairrista. O que pode ser bastante triste, o que faz diferença. Por vezes oiço os portugueses a mandarem vir com os turistas pela falta de educação e o barulho, mas pronto já é normal.

Autor: O que a Margarida acha da intervenção do governo e dos investidores privados na remodelação do bairro? A senhora acha que eles estão a satisfazer as necessidades de quem vive no bairro à mais tempo?

Dona Margarida: Para ser honesta, eu não sinto que as necessidades dos moradores mais velhos, como eu, têm sido adequadamente consideradas nas renovações do bairro. Parece-me que essas decisões estão a ser tomadas com base principalmente em considerações financeiras e no potencial turístico da área. Isto cada vez está cheio de turistas e não de moradores...

As remodelações dos edifícios e o desenvolvimento dos novos negócios têm melhorado um pouco a aparência do bairro, mas têm atraído cada vez mais turistas. No entanto, estas mudanças levaram ao aumento dos preços e à perda de muitas das lojas e serviços locais que os residentes dependiam. O governo e esses investidores só querem dinheiro, é o que posso dizer. Se pudessem isto era tudo do estrangeiro, e o que português que se desenrasque.

Autor: Como a senhora imagina o futuro de Santa Catarina? A senhora tem algum receio ou alguma esperança?

Dona Margarida: O meu maior medo é que o bairro de Santa Catarina que eu vivi e que amo desapareça completamente. Com todas estas mudanças que estão acontecer, como estas obras dos edifícios, o aumento dos turistas, e fecharem lojas locais, faz com que o bairro perca a sua alma e cultura. Eu tenho medo que, daqui a alguns anos, o bairro se possa tornar tão diferente para aqueles de nós que a chamamos de casa. Mas, eu também tenho esperança e espero que, à medida que o bairro está a mudar e a desenvolver, as pessoas não se esqueçam de nós, dos moradores que ajudaram a moldar a Santa Catarina e a torná-la o que é hoje. Nós somos a história viva deste lugar, fósseis ambulantes, e acredito numa coisa, que temos um papel bastante importante a desempenhar no seu futuro. Só espero pelo melhor.

Autor: Finalmente, há algo mais que a senhora gostaria de partilhar sobre a sua experiência no bairro de Santa Catarina durante este período de muitas transformações?

Dona Margarida: O bairro de Santa Catarina continua a ser a minha casa. E o que tenho a dizer é, mesmo que esteja a ser transformado, ainda é o lugar que eu vivi durante os meus 90 anos.

Este bairro tem uma rica história e teve uma comunidade com bastante energia, e eu tive a sorte de fazer parte disto por muitos anos. As ruas, os edifícios, as lojas que passaram por aqui cada um deles tem uma história para contar, e eu tenho as minhas próprias memórias associadas a cada canto. Sim, Santa Catarina está diferente, mas nem todas essas mudanças foram fáceis de aceitar e no final do dia, continua a ser um lugar onde eu me sinto mais confortável, onde eu conheço cada rua e cada rosto, foi onde eu vivi os momentos mais importantes da minha vida.

Eu acredito que, apesar do aumento dos turistas, o coração de Santa Catarina irá permanecer, o mesmo que a energia, o companheirismo, o espírito.

A entrevista da Dona Joana.

Autor: Dona Joana, poderia me descrever o bairro de São Bento? Quais são as suas primeiras lembranças do bairro?

Dona Joana: Quando me mudei para São Bento, era um bairro muito diferente do que é hoje. Quando cheguei a Lisboa, era um lugar considerado tranquilo e acolhedor, comecei por trabalhar como empregada, e existia uma sensação de comunidade, o que agora é difícil de encontrar nos dias de hoje. O meu patrão não era apenas vizinho, eles tratavam me como se fosse da família, mesmo que não fosse portuguesa. Todos me conheciam me pelo meu nome “empregada Joana”, e tomava conta de todas as crianças nas ruas enquanto o meu patrão conversava e compartilhava as novidades e os negócios do dia. Se alguém precisa de ajuda, podia contar com os meus vizinhos para dar-me uma mão. Era uma época linda de se viver em que as portas estavam sempre abertas à espera de um convite de boas-vindas. Conversava muito com os comerciantes e os artesãos porque era considerado um lugar onde as tradições e os ofícios eram valorizados e as histórias eram muitas das vezes compartilhadas. Já para não falar das festas do bairro, que eram eventos aguardados, onde toda a gente se reunia para celebrar e desfrutar da companhia. De facto, eram momentos que fortaleciam os laços da comunidade e criei memórias duradouras.

Autor: Como a senhora viu o bairro mudar ao longo dos anos? Poderia dar alguns exemplos de mudanças significativas que a senhora notou?

Dona Joana: O ritmo do bairro mudou. Antes, o bairro de São Bento era comunidade muito forte, onde todos eram conhecidos e toda a gente ajudava, mas infelizmente com tantas novas pessoas e negócios novos, o bairro tornou-se mais movimentado e menos pessoal. Está a perceber o que quero dizer? Epá, ainda continua a ser um lugar maravilhoso para se viver, mas sinto falta da família do meu patrão e dos amigos dele, porque havia uma sensação enorme de proximidade e camaradagem, e agora sinto um vazio.

Tenho a dizer que houve algumas das mudanças positivas, mas acredito que o importante é tentar encontrar um equilíbrio entre acolher novos residentes e preservar a comunidade e a cultura.

Autor: Como é que as mudanças afetaram a sua vida diária e a dos patrões? Quais foram os impactos mais notáveis?

Dona Joana: As mudanças que ocorreram aqui, posso dizer que tiveram um impacto significativo na minha vida diária e dos meus patrões.

Um dos impactos que mais notei foi o aumento dos preços das rendas. Muitos dos meus amigos e vizinhos, que eram residentes bem mais velhos, foram forçados e enganados a saírem porque ou já não podiam pagar mais a renda ou o novo contrato acabou. Isso não só me deixou mais solitária como também alterou o aspeto do bairro, os mercados onde eu ia fazer as minhas compras desapareceram, os cafés onde era comum ver rostos familiares e parar para uma conversa rápida já não existem, agora, vejo mais turistas do que portugueses.

Para os meus patrões, eles sentiram essas mudanças, aliás tiveram de ir morar para o norte do país porque já não suportavam o barulho dos turistas que passavam pelas ruas, até me convidaram para ir viver com eles, mas como eu ganhei tantos amigos aqui em Lisboa, eu acabei por continuar a viver em São Bento.

Autor: A Joana conhece o conceito de "gentrificação"? A senhora acredita que ele se aplica no seu bairro?

Dona Joana: Desconheço essa palavra, não sei.

Autor: A gentrificação é um processo que ocorre em determinadas áreas de uma cidade quando ela passa por renovações. Essas mesmas renovações podem incluir melhorias infraestruturas, reabilitação de prédios antigos e a chegada de novos moradores.

Dona Joana: Olha eu nunca mostrei muito interesse nisso, mas noto que algo está a acontecer em São Bento, e não sei qual o nome para isso. Só sei através de bocas de alguns amigos que me restam, que as rendas estão a subir, os preços dos produtos dos mercadinhos estão a aumentar e muitos dos meus vizinhos e amigos que viveram aqui por anos foram forçados a sair. Quando apanho os transportes noto que melhorou as rotas, é mais fácil apanhar o comboio e o metro, mas eu continuo a ver mais turistas do que portugueses. Não consigo ver portugueses, eu já tenho na minha cabeça que toda a gente que vejo é turista. E agora com a chegada de novos residentes e de negócios mais chiques, o bairro está em constante mudança. Volto a repetir, muitas das lojas locais e outros pontos de encontro eram uma parte importante na vida do bairro, e agora estão a ser substituídos por estabelecimentos caros que atendem só aos turistas chiques, percebe? É triste.

Autor: Como essas mudanças afetaram a sua vida diária e a dos seus vizinhos? Quais é que foram os impactos mais notáveis?

Dona Joana: As mudanças que ocorreram em São Bento tiveram um impacto profundo na minha vida diária, dos meus patrões e dos meus vizinhos. E um dos impactos mais notáveis que mais foi tema de conversas foi sem dúvida, o aumento dos alojamentos locais. Casas onde ia ter, para conversar com os meus vizinhos ou comprar produtos mais frescos, alterou a dinâmica do bairro, isto é, eu sabia com quem falar onde comprar. Agora já não sei com quem falar.

Posso falar por mim, estas mudanças significaram que temos de nos adaptar a uma nova realidade, isto é, uma realidade que é menos familiar e mais incerta, não sabemos o que vai acontecer amanhã, só numa rua é possível em 8 meses terem sido pelo menos duas lojas diferentes. Eu sinto falta dos dias em que no meu bairro existia alguma paz e alguma felicidade, e espero que, de alguma forma, possamos encontrar uma maneira de trazer de volta esse espírito e de tornar este bairro tão especial.

Autor: Quais foram as mudanças mais positivas e negativas que a senhora observou?

Dona Joana: Eu notei uma melhoria significativa na segurança aqui, principalmente na minha rua, onde é bem comum o tráfico de droga. Existem mais polícias na rua e a iluminação pública também melhorou, o que torna as ruas um pouco mais seguras à noite. Apesar do crescimento do comércio local trazer mais vida para o nosso bairro, com uma variedade maior de restaurantes e lojas. E com tantas mudanças ao mesmo tempo, sinto que o bairro está a perder um pouco dessa identidade comunitária, onde todos se conheciam e existia um sentimento de união e cooperação,

e agora, com o grande fluxo de novas pessoas e modas, leva a estarmos distantes de uns dos outros. A sensação de pertencer a um bairro, o ato de conhecer os vizinhos e de sentir se parte de algo maior, parece que hoje não tem importância.

Autor: Como a Joana vê a relação entre os novos residentes e os moradores mais velhos do bairro? Acha que existem conflitos ou cooperação?

Dona Joana: É uma questão um pouco complicada de responder, mas acredito que a chave está na comunicação e no respeito mútuo. Já vi os novos residentes a fazerem um grande esforço para entender a nossa história e a cultura do nosso bairro, como também já vi outros residentes a não quererem saber do que se passa e ficam na deles, mas o que posso dizer é o barulho que os turistas fazem à noite depois de bebidas, é insuportável. Com tanto alojamento local isto torna se quase impossível de viver, porque eles (os turistas) ficam cá 3 dias e depois são mais outros, e por ai fora. Mas por norma onde eu vivo não tenho muita queixa, mas uma vez ou outra tenho de telefonar à polícia.

Autor: O que a senhora acha da intervenção do governo e dos investidores privados na renovação do bairro? A senhora acha que eles estão a satisfazer as necessidades dos moradores mais velhos?

Dona Joana: Para ser sincera eu acho sinceramente, as nossas necessidades e opiniões dos moradores não estão a ser devidamente respeitadas. Todas as decisões sobre as obras do bairro são tomadas principalmente por interesses privados com uma certa visão do governo, sem se quer perguntar àqueles que vivem aqui há anos. O turismo aqui para Portugal é tudo, fazem tudo pelos turistas, transportes, restaurantes e bares, mas mercearias como antigamente ou café onde não tenha de pagar 2 euros. Não querem saber. Sinto me desapontada.

Autor: Como a Joana imagina o futuro do bairro de São Bento? A senhora tem algum receio ou esperança?

Dona Joana: A minha maior preocupação é o bairro de São Bento, perder sua essência e o seu carácter único, que foi moldado ao longo de décadas, e agora com a rápida transformação que estamos a viver pode estar a fazer com que a cultura, as tradições desapareçam e eu não quero isso, eu quero que o ambiente como era dantes.

No entanto, apesar de ter estes meus medos, eu ainda tenho esperança. Acredito que é possível encontrar uma harmonia entre nós e os turistas, que o bairro seja um lugar onde acolhemos toda a gente que pretende ajudar.

Entrevistador: E finalmente, há algo mais que a senhora gostaria de compartilhar sobre a sua experiência de viver no bairro de São Bento a sofrer tantas transformações?

Dona Joana: São Bento foi muito mais do que um simples bairro, continua a ser um lugar onde eu posso chamar de lar, onde construí toda a minha vida e memórias. Apesar de todas as transformações estarem a acontecer, por mais difíceis que sejam elas, o meu amor por este lugar permanece inalterado. Apesar não ter nascido aqui, eu vivi aqui a maior parte da minha vida e, independentemente das mudanças, continuarei a gostar de viver neste bairro, pois foi onde tive uma grande família que nunca irei esquecer.

A entrevista do Hares.

Autor: Hares, poderias me descrever o bairro da Mouraria, quando chegaste a Lisboa?

Hares: Quando cheguei a Lisboa, há sete anos, o bairro de Mouraria já estava a passar por uma transformação. Continua por ser um bairro com uma comunidade multicultural bastante vasta. Muitos imigrantes e refugiados vivem aqui, trazem consigo alguma uma riqueza cultural e uma energia única. No entanto, ao longo dos anos, tenho notado uma mudança significativa na demografia do bairro, porque tem sido cada vez mais popular entre os turistas e investidores, o que levou a um aumento dos preços dos alugueres e à abertura de estabelecimentos comerciais mais modernos e virados para o turismo.

Autor: Que mudanças já observaste no bairro nos últimos anos? Consegues dar me alguns exemplos dessas mesmas mudanças?

Hares: As mudanças tiveram um impacto misto na minha vida e na vida dos meus vizinhos. Por um lado, a renovação do bairro trouxe mais opções em termos de restaurantes, lojas e serviços, o que é conveniente e bastante enriquecedor. Além disso, a melhoria da infraestrutura, como os transportes públicos e segurança, tem sido positivo. Mas tenho de admitir, que também houve

desafios. Os preços dos alugueres subiram, o que torna mais difícil para os moradores locais a permanecerem no bairro. Muitos dos pequenos comércios e estabelecimentos tradicionais foram substituídos por negócios mais voltados para o turismo, o que diminui um pouco a identidade local do bairro. E sinto principalmente que a comunidade original, com sua diversidade cultural, está a desaparecer à medida que mais turistas chegam.

Autor: Você está familiarizado com o conceito de gentrificação? Acredita que ele se aplica a este bairro?

Hares: Sim, estou familiarizado com o conceito, e acredito que a Moraria esteja a passar por um processo de gentrificação em certa medida. Com a chegada de investidores e o aumento dos preços levou a antigos vizinhos meus, especialmente aqueles com rendas mais baixas, a saírem das suas casas. E essas mudanças têm transformado a paisagem social e cultural do bairro, virado mais para o turismo e para um público com maior poder económico.

Autor: Como vê a relação entre os novos residentes e os moradores mais velhos do bairro? Existem conflitos ou cooperação?

Hares: A relação entre os novos residentes e os moradores mais velhos é um pouco complexa. Alguns dos moradores podem sentir-se marginalizados ou excluídos do processo de transformação do bairro. O que por um lado, muitos dos novos residentes trazem consigo uma mentalidade mais cosmopolita e estão mais interessados em envolver-se com a comunidade local. Existem alguns conflitos pontuais, principalmente relacionados ao aumento dos preços das casas e dos produtos. No entanto, vejo que também há oportunidades de cooperação e diálogo entre os diferentes grupos para construir uma comunidade mais inclusiva e integrada.

Autor: O que você acha da intervenção do governo e dos investidores privados na renovação do bairro? Você acha que eles estão à atender às necessidades dos moradores locais?

Hares: A intervenção do governo e dos investidores privados na renovação do bairro é um tema bastante delicado. Porque de facto estas intervenções têm trazido melhorias em termos de infraestrutura e segurança, o que beneficia tanto os moradores locais quanto para os visitantes. Mas, muitas das vezes parece que as necessidades dos moradores locais não estão a ser postos em

primeiro lugar. Os preços altos e a substituição de estabelecimentos tradicionais por negócios mais orientados para o turismo nem sempre atendem às necessidades da comunidade local. Seria um pouco importante que o governo e os investidores ouçam a opinião dos moradores locais e trabalhassem em conjunto.

Autor: Como é que imaginas o futuro do bairro da Mouraria? Você tem algum receio ou esperança?

Hares: Eu tenho algumas esperanças, mas também alguns receios em relação ao futuro da Mouraria. Eu só espero que o bairro possa encontrar um equilíbrio entre a preservação da sua identidade local, com sua diversidade cultural, e o desenvolvimento sustentável. Gostava que o bairro continuasse a ser um lugar inclusivo, onde pessoas de diferentes origens possam sentir-se bem-vindas e fazer parte da comunidade. E tenho receio de que a gentrificação e a pressão do turismo possam levar à descaracterização do bairro e à perda da autenticidade local. O que é importante que as autoridades e os investidores levem em consideração do que está acontecer.

Autor: E finalmente, há algo mais que você gostaria de compartilhar sobre sua experiência de viver no bairro de Martim Moniz e testemunhar tantas transformações?

Hares: Viver no bairro de Mouraria tem sido uma experiência interessante e ao mesmo tempo desafiadora. Eu aprecio a diversidade cultural e a energia vibrante que o bairro oferece, porém também fico preocupado com a rapidez das mudanças e o impacto que elas têm na nossa vida. Quero que as transformações sejam realizadas de forma sustentável e inclusiva, ao levar em consideração as necessidades dos moradores mais velhos.

Apêndice 2 – Inquérito.

Lista de Figuras

Figura 1 – Em que bairro mora?.....	185
Figura 2 – Acredita que a gentrificação é um problema em Lisboa?.....	185
Figura 3 – Como descreveria as mudanças que ocorreram no seu bairro devido à gentrificação?.....	186
Figura 4 – Acredita que a turistificação em Lisboa tem mais impactos negativos ou positivos.....	187
Figura 5 – Acredita que a turistificação em Lisboa tem mais impactos negativos ou positivos.....	188
Figura 6 – Acredita que a turistificação em Lisboa tem mais impactos negativos ou positivos.....	189
Figura 7 – Como o turismo influenciou a vida quotidiana no seu bairro?.....	189
Figura 8 – Como o turismo influenciou a vida quotidiana no seu bairro?.....	190
Figura 9 – Acha que a gentrificação e a turistificação afetaram a cultura e o património da cidade de Lisboa?	191
Figura 10 – Pode me dar exemplos dessas mudanças.....	191
Figura 11 – Pode me dar exemplos dessas mudanças?.....	192
Figura 12 – Pode me dar exemplos dessas mudanças?.....	193
Figura 13 – Pode me dar exemplo dessas mudanças?.....	194
Figura 14 – Já presenciou alguma situação em que a turistificação em Lisboa resultou na exclusão dos grupos sociais?.....	195
Figura 15 – Se sim descreva-me a situação.....	195
Figura 16 – Se sim descreva-me a situação.....	196

Em que bairro mora?

Figura 1

Em que bairro mora?



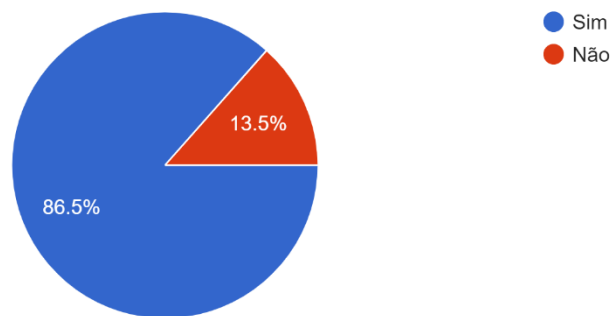
Acredita que a gentrificação é um problema em Lisboa?

Figura 2

Acredita que a gentrificação é um problema em Lisboa?

Acredita que a gentrificação é um problema em Lisboa?

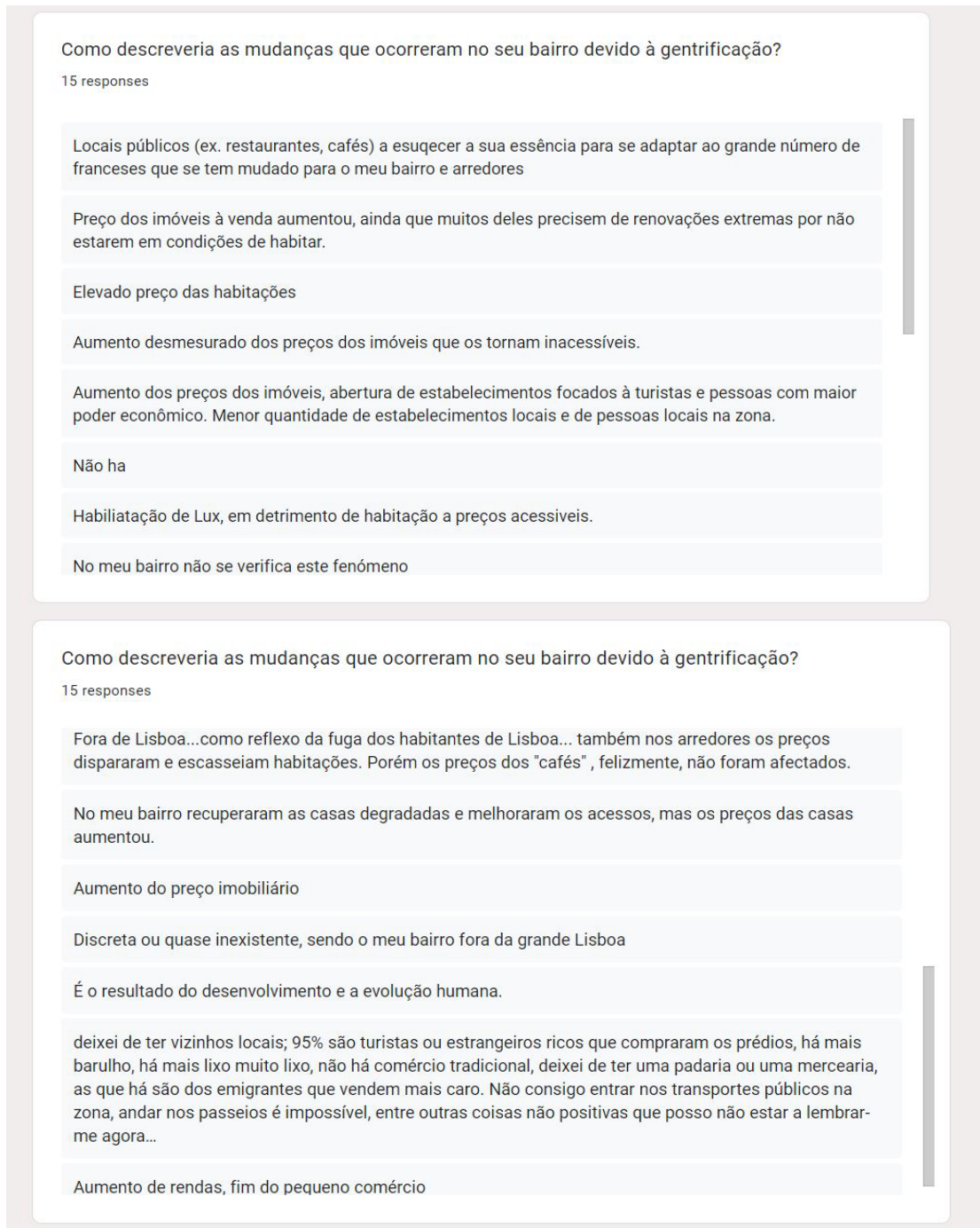
52 responses



Como descreveria as mudanças que ocorreram no seu bairro devido à gentrificação?

Figura 3

Como descreveria as mudanças que ocorreram no seu bairro devido à gentrificação?



Acredita que a turistificação em Lisboa tem mais impactos negativos ou positivos?

Figura 4

Acredita que a turistificação em Lisboa tem mais impactos negativos ou positivos?

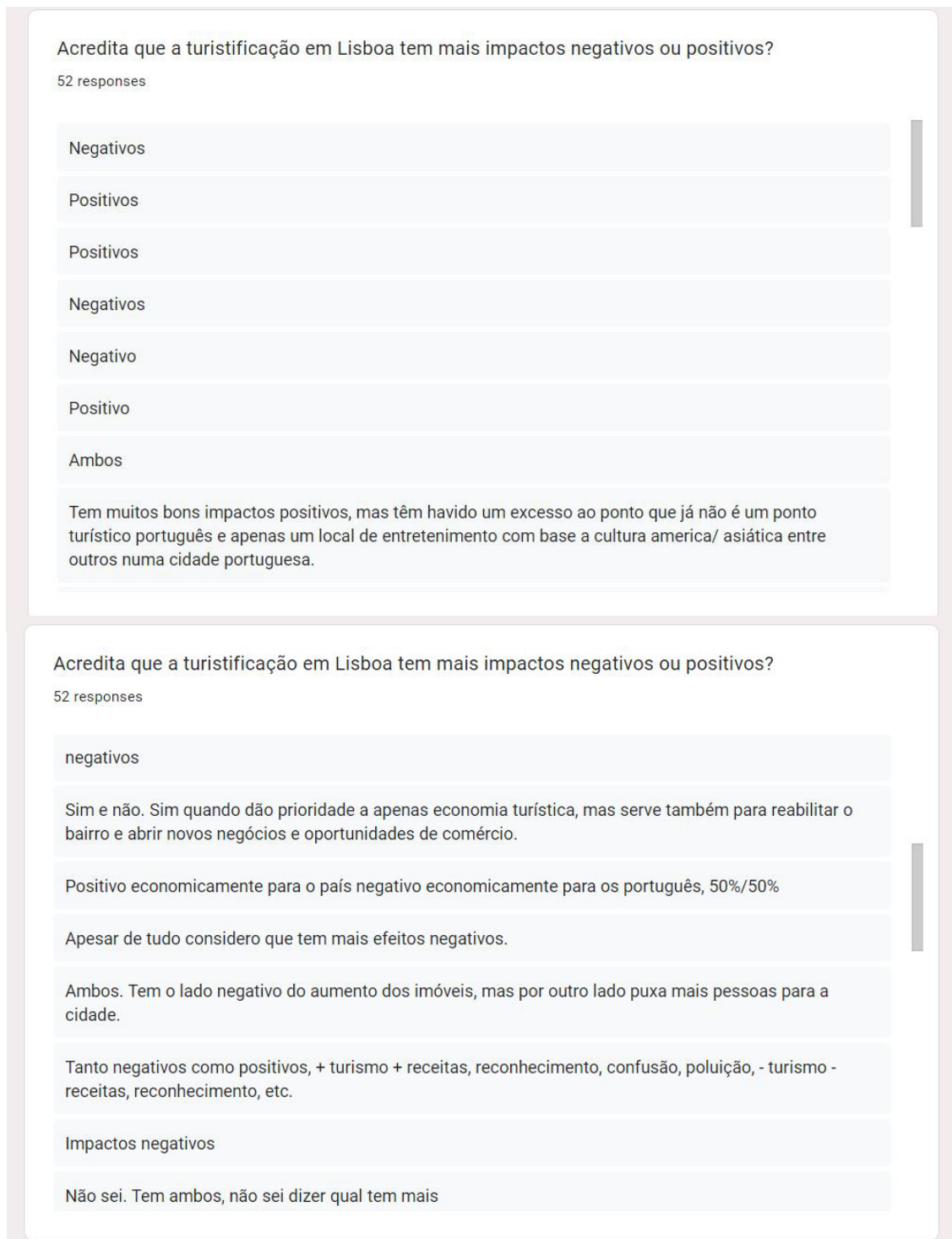


Figura 5

Acredita que a turistificação em Lisboa tem mais impactos negativos ou positivos?

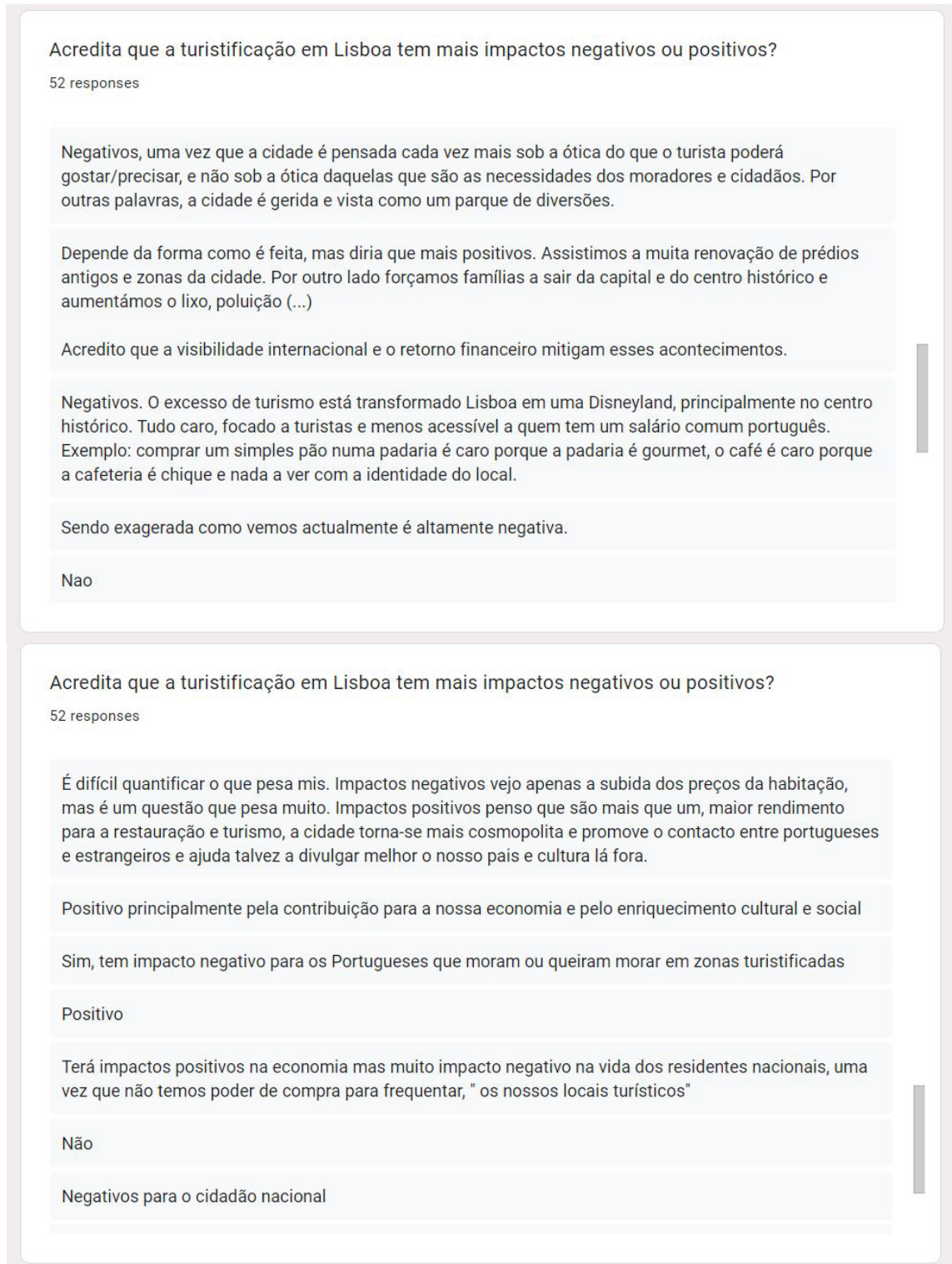
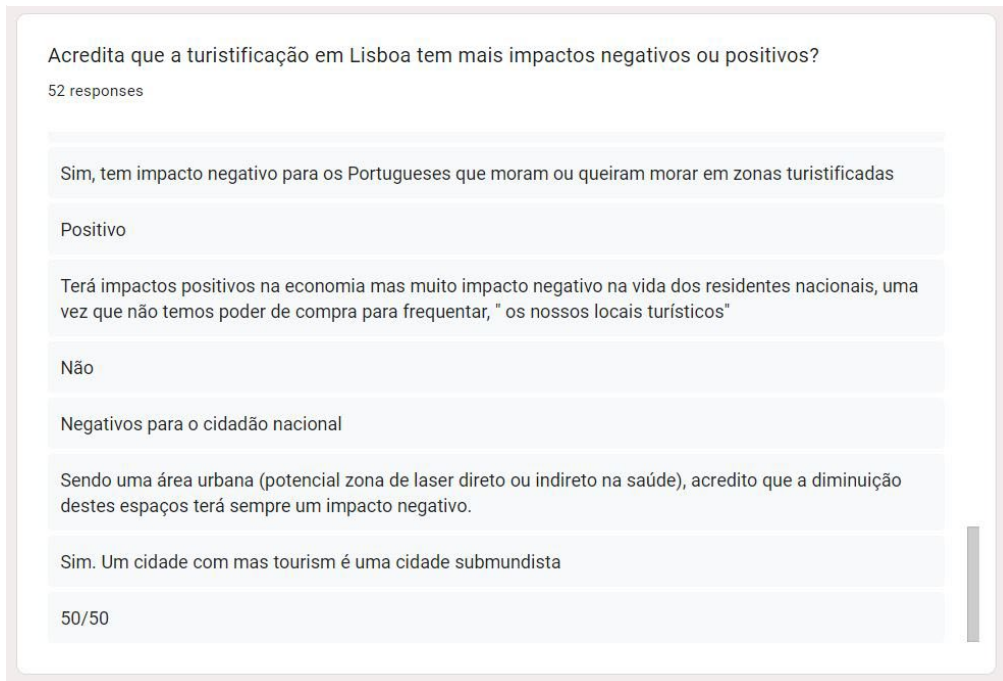


Figura 6

Acredita que a turistificação em Lisboa tem mais impactos negativos ou positivos?



Como o turismo influenciou a vida quotidiana no seu bairro?

Figura 7

Como o turismo influenciou a vida quotidiana no seu bairro?

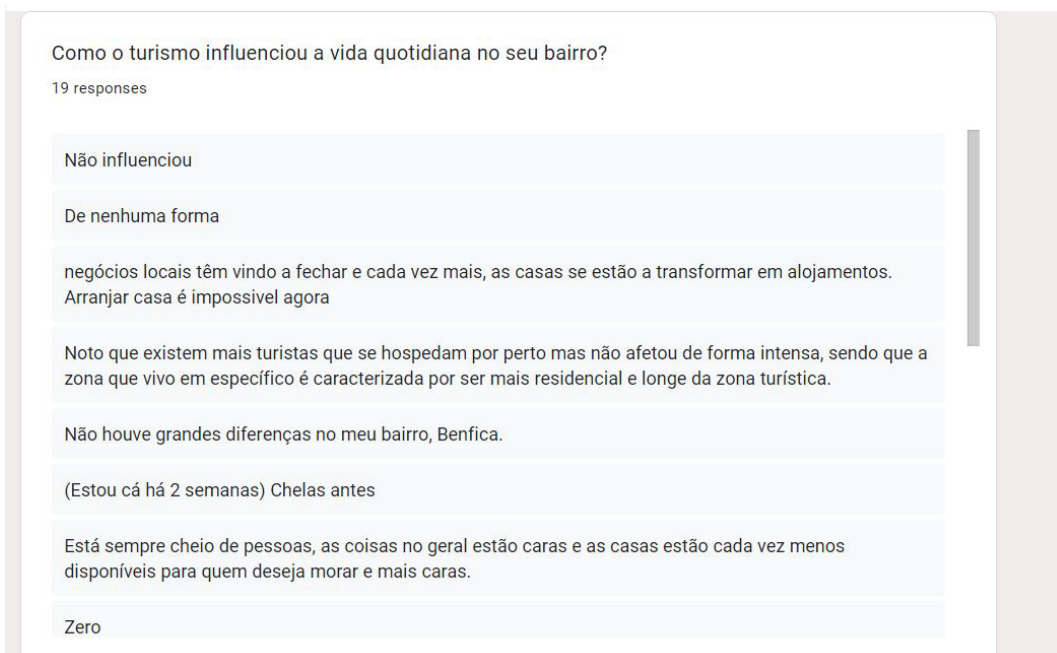
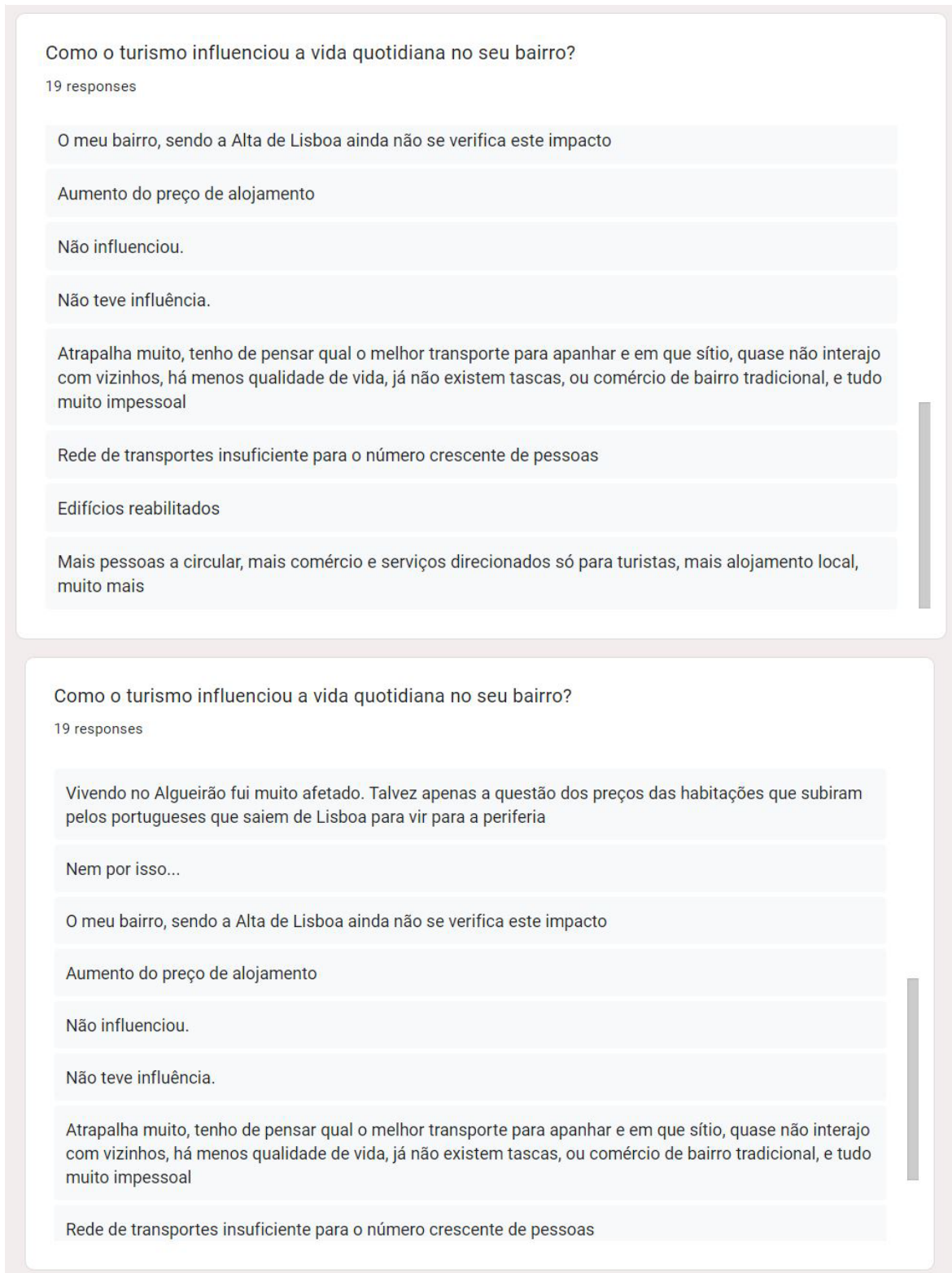


Figura 8

Como o turismo influenciou a vida quotidiana no seu bairro?

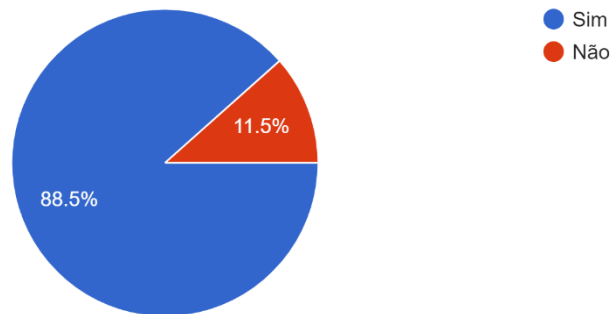


Acha que a gentrificação e a turistificação afetaram a cultura e o património da cidade de Lisboa?

Figura 9

Acha que a gentrificação e a turistificação afetaram a cultura e o património da cidade de Lisboa?

Acha que a gentrificação e a turistificação afetaram a cultura e o património da cidade de Lisboa?
52 responses



Pode me dar exemplos dessas mudanças?

Figura 10

Pode me dar exemplos dessas mudanças?

Pode me dar exemplos dessas mudanças?

52 responses

Protegemos mais o património e fazemos mais apostas no mesmo, e na divulgação da nossa cultura

Quando tens que falar mais inglês que português no teu próprio país

Os preços subiram significativamente.

aumento ridículo dos preços das casas

Apesar de existirem novas oportunidades de negócios como cafés e restaurantes, muitos deles já não apresentam a cultura tradicional portuguesa na sua decoração ou até mesmo comida.

Restauração de edifícios específicos

O aumento dos AL fazes com que muitas vez se altera a arquitetura e estrutura das casas, como todos os dias recebemos novas pessoas com educações diferentes, sinto que quando mais turistas a nossa cidade está mais suja.

Torna-se difícil frequentar os lugares devido a multidão de turistas.

Figura 11

Pode me dar exemplos dessas mudanças?

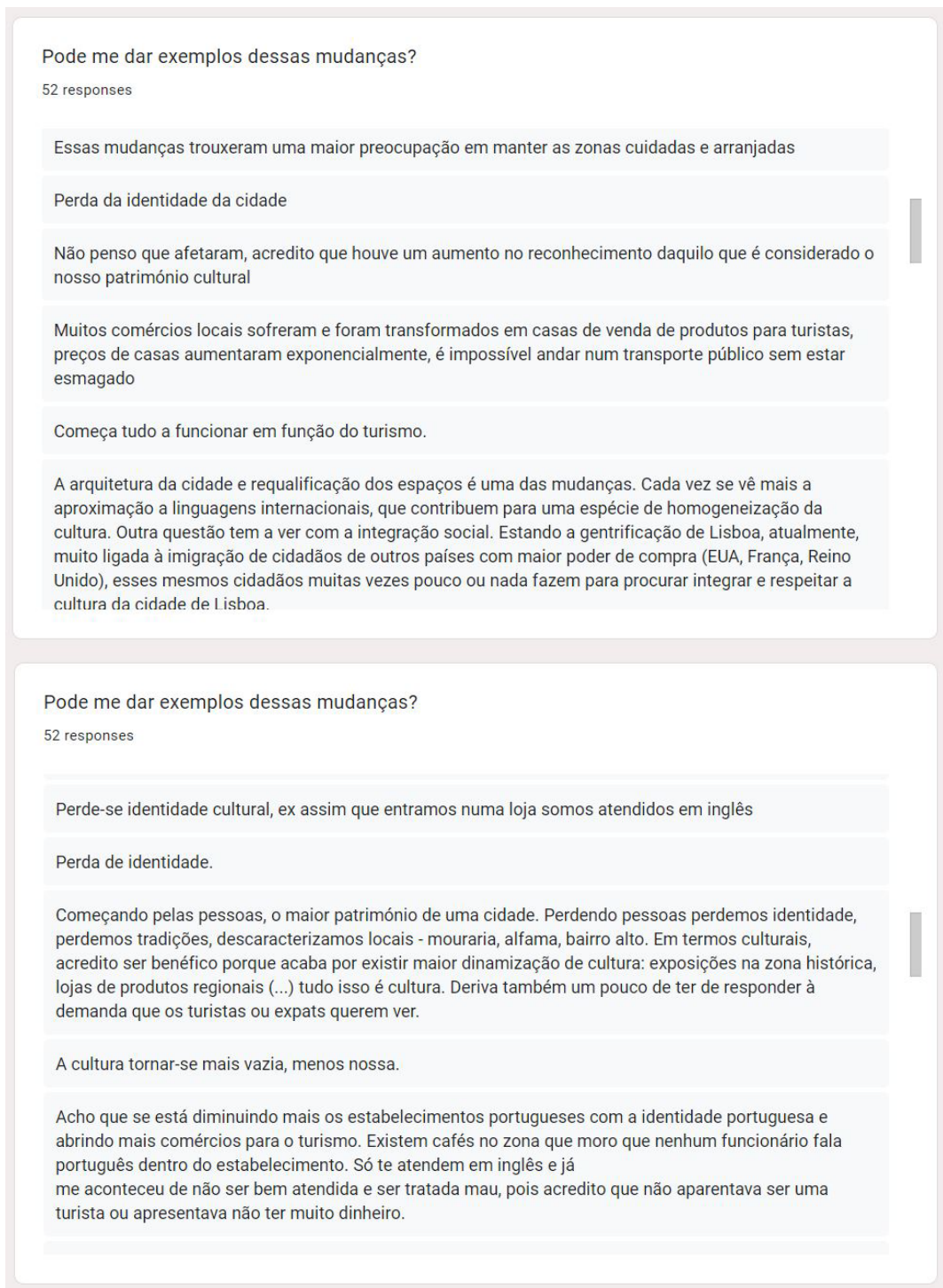


Figura 12

Pode me dar exemplos dessas mudanças?

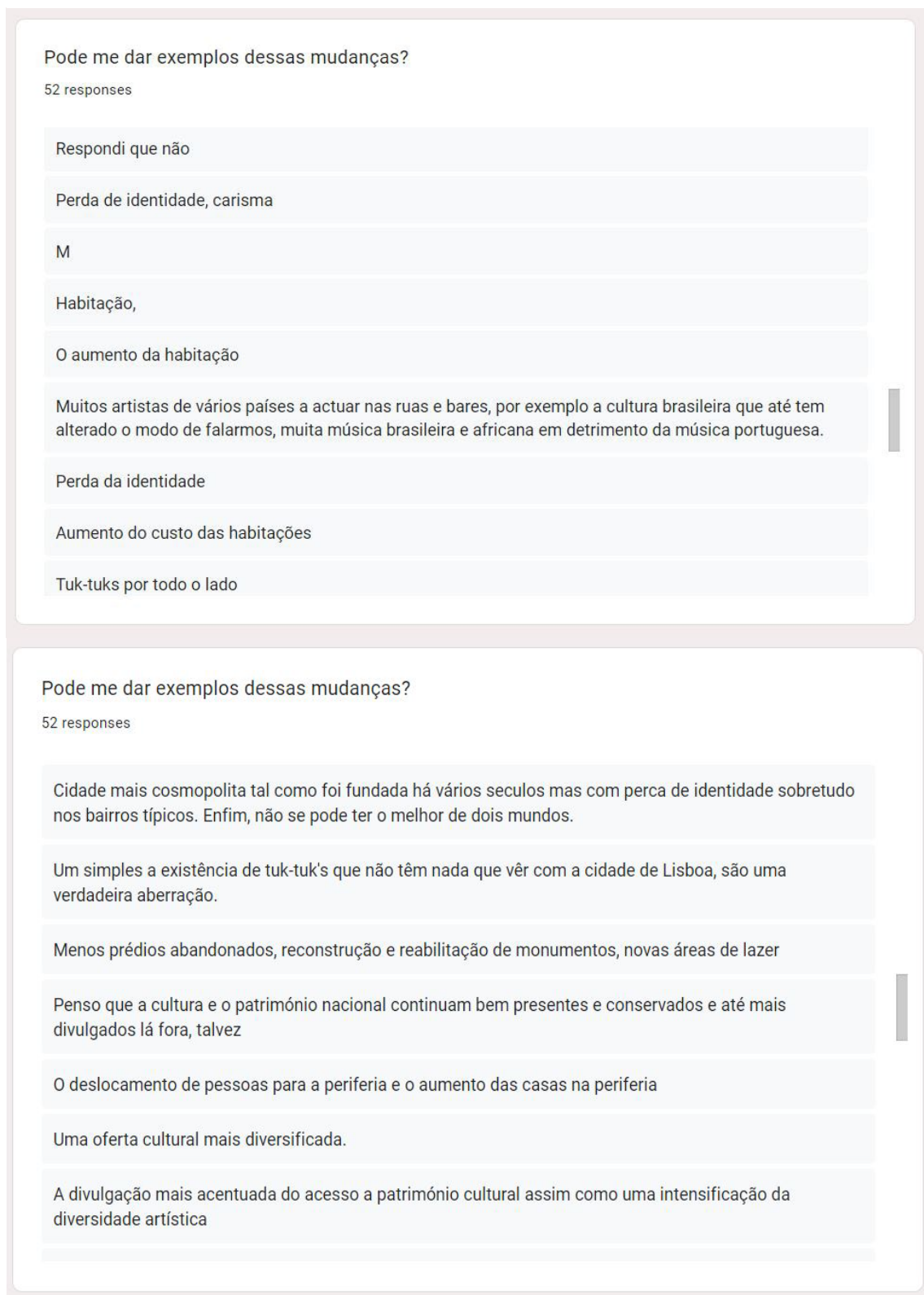


Figura 13

Pode me dar exemplos dessas mudanças?

Pode me dar exemplos dessas mudanças?

52 responses

Antes a Baixa era um local sujo e cheio de edifícios a cair e agora está tudo arranjado

O custo de vida aumentou e a insegurança também, tendo em conta que as zonas de tornam mais atrativas para os amigos do alheio

Descaracterização da cidade

Não reconheço pessoalmente nenhuma nomeadamente no património a menos que seja a requalificação do mesmo. Na cultura, acredito que possa ter afetado.

Pode aumentar o número e variedade de eventos culturais.

Lojas com preços para turistas e não para quem vive

Não se consegue ir a lado nenhum sem levar com turistas

Mouraria

Pode me dar exemplos dessas mudanças?

52 responses

Perda da identidade. Mas será uma situação global. Somos cada vez mais do mundo

A cultura é massificada, as coisas não são pensadas para o bairro com residentes, mas para os turistas. Os guias e condutores de tuk tuk dizem barbaridades, inventam coisas quando não sabem, o património interessante fica com filas intermináveis que os locais perdem logo intenção de ir.

Diminuição de espaços verdes

Menos população portuguesa nos bairros

Suponho que a gentrificação provoque uma redução na oferta cultural enquanto que a turistificação faz com que surja um excesso de oferta para "turista" ver, não necessariamente de qualidade.

Já não há lisboetas em lisboa, é tudo caríssimo, os estabelecimentos clássicos foram desaparecendo

Zonas com lojas centenárias aqui na Av Morais Soares que fecharam e neste momento poucas lojas ou quase nenhuma há

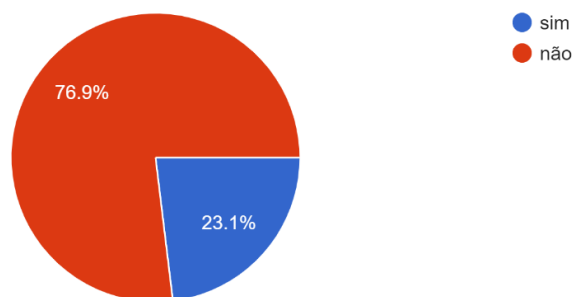
Já presenciou alguma situação em que a turistificação em Lisboa resultou na exclusão dos grupos sociais?

Figura 14

Já presenciou alguma situação em que a turistificação em Lisboa resultou na exclusão dos grupos sociais?

Já presenciou alguma situação em que a turistificação em Lisboa resultou na exclusão dos grupos sociais?

52 responses



Se sim descreva-me a situação.

Figura 15

Se sim descreva-me a situação.

Se sim descreva me a situação.

10 responses

- A desocupação de casas nos bairros típicos
- Na Alta de Lisboa. A casa (comprada) de uma amiga minha vai ser demolida mas com uma alternativa pior, mais pequena e mais longe.
- A recente crise habitacional é um exemplo disso. A cidade de Lisboa encontra-se cada vez mais cara, e menos acessível, para a capacidade financeira que o português comum tem.
- Forçar a saída da população residente para criar alojamento local.
- Um transporte turístico que se recusou a parar num bairro lisboeta porque nas ruas se encontravam pessoas de baixa formação e condições financeiras (palavras do motorista)
- Os portugueses deixam de ter poder de compra em restaurantes portugueses onde fazem preços para turistas
- Sim com o fecho das lojas históricas bem como a venda de imóveis antigos para serem feitos hotéis ou habitações renovadas para quem tem poder de compra, afastou/retirou os mais velhos destas zonas

Figura 16

Se sim descreva-me a situação.

Se sim descreva me a situação.

10 responses

Um transporte turístico que se recusou a parar num bairro nobre porque nas ruas se encontravam pessoas de baixa formação e condições financeiras (palavras do motorista)

Os portugueses deixam de ter poder de compra em restaurantes portugueses onde fazem preços para turistas

Sim com o fecho das lojas históricas bem como a venda de imóveis antigos para ser feitos hotéis ou habitações renovadas para quem tem poder de compra, afastou/retirou os mais velhos destas zonas

Um prédio antigo com pessoas de idade que foi vendido a investidores e os inquilinos com anos e anos de arrendamento viram o imóvel ser deixado ao abandono para que chegando a um estado deplorável houvesse assim condições para o despejo coletivo

Já vi transportes cheios de turistas que não dão lugar a uma pessoa mais velha ou com uma criança ao colo

Ao pressionar os preços dos bens de consumo em geral, nomeadamente de alojamento, habitação ou alimentação, "empurra" os grupos sociais mais desfavorecidos e mesmo alguma classe média, para a periferia.

Paginação nº 3 e 4



Paginação nº 5 e 6



Paginação n° 7 e 8



Paginação n° 9 e 10



Paginação nº 11 e 12



Paginação nº 13 e 14



Paginação n° 15 e 16



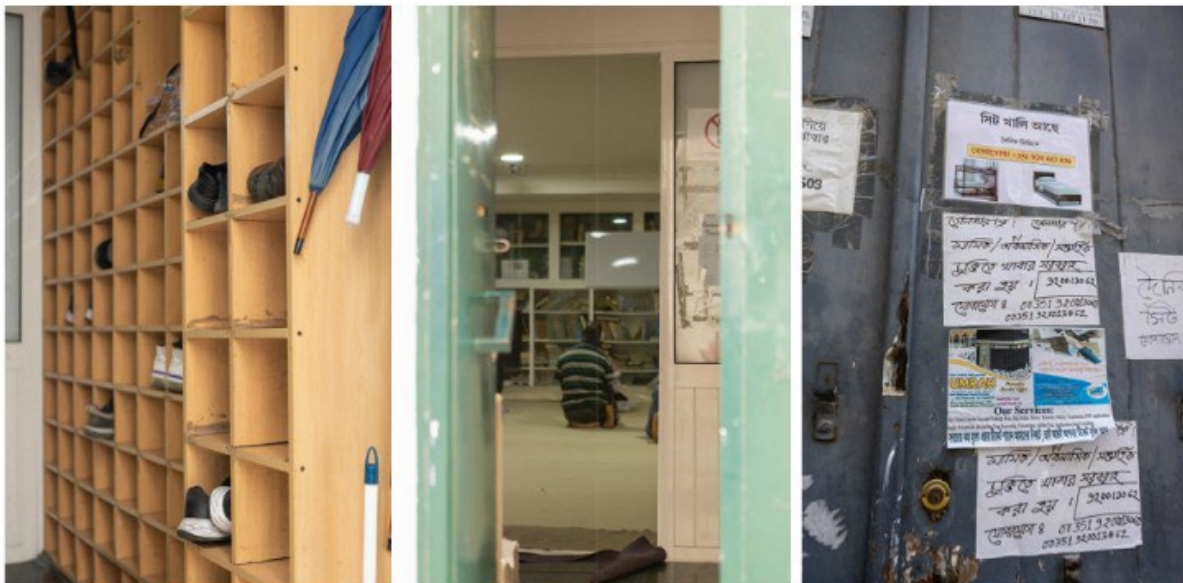
Paginação n° 17 e 18



Paginação nº 19 e 20



Paginação nº 21 e 22



Paginação nº 23 e 24



Paginação nº 25 e 26



Paginação nº 27 e 28



Paginação nº 29 e 30



Paginação nº 31 e 32



Paginação nº 33 e 34



Paginação nº 35 e 36



Paginação nº 37 e 38



Paginação n° 39 e 40



Paginação n° 41 e 42



Paginação nº 43 e 44



Paginação nº 45 e 46



Paginação nº 51 e 52



Paginação nº 53 e 54

Preparação para as festas Largo de São Miguel Pg. 1 e 2	Projeto for para um pequeno casal Trocendo do Avulhados pg. 27 e 28
Luxury Apartments Rua São João das Lagarias Pg. 3 e 4	Isone português Rivale de São Miguel Pg. 29 e 30
Passagem Turísticas Rua da Regueira Pg. 5 e 6	Nova Alfama Rua de São Miguel e Largo de São Miguel Pg. 31 e 32
Dona Maria Largo de São Miguel Pg. 7 e 8	O pequeno distrito Largo de São Miguel Pg. 33 e 35
A pequena casa de Turismo seguinte Rua de Marquês de Pombal de Lima Pg. 9 e 10	Asfalto urbano. A mirra Rua de Marquês de Pombal Pg. 35 e 36
Apartamento moderno. Apartamento local Rua de São Estêvão e a Rua de Cascaes Pg. 11 e 12	Dona Margarida. Tempos de ouro Miradouro de Santa Catarina Pg. 37 e 38
A oficina caseira. Produção dos semes Rua de Oliveira e Rua de Almeida Pg. 13 e 14	Epifania de Lisboa Miradouro de Santa Catarina Pg. 39 e 40
A unidade emergencial. Habitação Urbana Metro da Bolsa e Rua de Santa Catarina Pg. 15 e 16	N.M.S. Rua de Marquês de Lima, Largo do Cordeiro e Rua Augusto Rosa Pg. 41 e 42
Garagem para online. Substituição na rua Camões e Rua de Largo do Bispo Pg. 17 e 18	Uma viagem pela cidade Largo do Bispo Pg. 43 e 44
Não se esqueça a pastagem. O resto de uma casa Rua de Almeida e a Rua de Terceiro Pg. 19 e 20	725 - Tolly Rua de São Estêvão Pg. 45 e 46
A rua comercial Rua de Terceiro Pg. 21 e 22	Tráficos Alfama Pg. 47 e 50
Dona Angélica e o seu filho Rua de Terceiro Pg. 23 e 24	Barceloneta Alfama Pg. 51 e 52
Um pouco de sossego Trocendo do Avulhados Pg. 25 e 26	

Lisboa de mil encantos, de história para contar

Perde-se nas ruas e o turismo a inovar

A saudade cresce, e o fado a lamentar

Nossa alma lusa, na maré de estranhos a chegar

Gonçalo Gouveia